



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA VEGETAL E FITOSSANIDADE
CURSO DE MESTRADO EM AGRONOMIA/BIOLOGIA VEGETAL TROPICAL

RAULLYAN BORJA LIMA E SILVA

**A ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE CURIAÚ, MACAPÁ-AP, BRASIL**

BELÉM - PARÁ - BRASIL
2002



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA VEGETAL E FITOSSANIDADE
CURSO DE MESTRADO EM AGRONOMIA/BIOLOGIA VEGETAL TROPICAL

RAULLYAN BORJA LIMA E SILVA
Biólogo

A ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE CURIAÚ, MACAPÁ-AP, BRASIL

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, como parte das exigências do Curso de Pós-graduação em Agronomia, área de concentração Biologia Vegetal Tropical, para obtenção do título de “Mestre”.

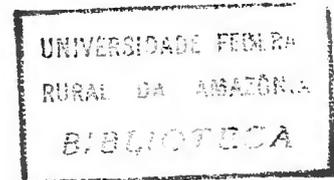
Orientador: Prof. Dr. João Ubiratan M. dos Santos

Biblioteca



16750039

BELÉM - PARÁ - BRASIL
2002



1675
Tese
ex: 03

42062

SILVA, Raullyan Borja Lima e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil.** 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Belém 2002.

CDD - 583. 3214098115

CDU - 582. 737: 581. 4 (811.5)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA VEGETAL E FITOSSANIDADE
CURSO DE MESTRADO EM AGRONOMIA/BIOLOGIA VEGETAL TROPICAL

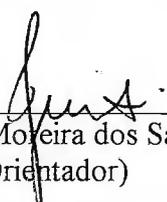
A ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE CURIAÚ, MACAPÁ-AP, BRASIL

RAULLYAN BORJA LIMA E SILVA

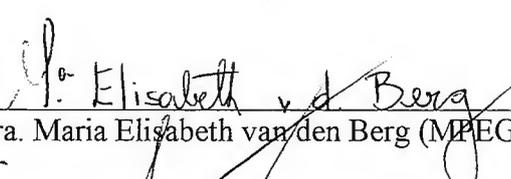
Dissertação apresentado à Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, como parte das exigências do Curso de Pós-graduação em Agronomia, área de concentração Biologia Vegetal Tropical, para obtenção do título de “Mestre”.

APROVADA: em 04 de Julho de 2002

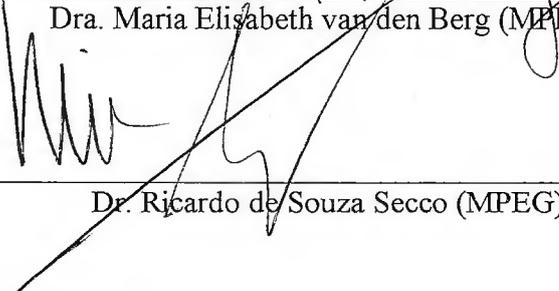
COMISSÃO EXAMINADORA:



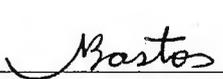
Dr. João Ubiratan Moreira dos Santos (MPEG)
(Orientador)



Dra. Maria Elisabeth van den Berg (MPEG)



Dr. Ricardo de Souza Secco (MPEG)



Dra. Maria de Nazaré do Carmo Bastos (MPEG)

Dedico,

À Deus,

Aos Meus Pais, ELZA LIMA E SILVA e FRANCISCO DE BORJA MARTINS E SILVA, pela vida, pelo amor, dedicação, educação, e apoio integral em todos os momentos, pois sem eles, meus passos não seriam os mesmos. Eles são a minha fortaleza.

Aos meus IRMÃOS Raul, Frank, Cássia, Márcia, Diana e Kézia, cujo incentivo e apoio irrestrito nos momentos mais difíceis foram fundamentais para o sucesso e vida.

As minhas FILHAS, Ivanete, Beth, Thayna e Camille, pelo brilho que deram a minha vida.

Aos AMIGOS, Ailton Santos, Bil Nunes, Amiel e Edson Monteiro, pela solidariedade nos dias cruciais com problemas de saúde e pela amizade.

À COMUNIDADE DE CURIAÚ, pela educação, cordialidade, presteza, conhecimento e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Ao Governo do Estado do Amapá, pela liberação concedida.

Ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (IEPA), pela oportunidade.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Rural da Amazônia (UFRA) pela oportunidade.

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi pela infra-estrutura proporcionada.

Ao Coordenador do Curso de Pós-graduação, Prof^o Dr. Benedito Gomes dos Santos Filho pela confiança e compreensão nos momentos mais difíceis.

Ao Prof^o Dr. João Ubiratan Moreira dos Santos pela confiança, amizade, estímulo e orientação e pela paciência na fase final do trabalho.

À Dra. Maria Elisabeth Van Den Berg, pelos consistentes e sucessivos conselhos e sugestões.

Ao auxiliar de pesquisa Antônio Flexa Viana, da Divisão de Botânica do IEPA pela presteza, amizade e valiosa participação nas atividades de campo e de laboratório.

Ao amigo Silvano Souza dos Santos, amante das plantas medicinais, peça fundamental na coleta das plantas indicadas pela comunidade.

Ao mano, Raullyfrank Márcio Lima e Silva, pela ajuda preciosa na coleta de dados sócio-econômicos, etnobotânicos e etnofarmacológicos.

Aos colegas de curso, Armanda Claudia, Antônia do Socorro, Gilvânia Ferreira, José Amir, Marcelo Moraes, Maria Zanandréia, Mirian Sarmento, Rosângela Sarquis e Socorro Batista pela amizade, apoio, solidariedade e respeito.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste trabalho.

“Tudo é possível ao que crê”

Jesus Cristo

Faz-se ciência com os fatos, como se faz uma casa com pedras; mas um acúmulo de fatos não é ciência, assim como um monte de pedras não é uma casa.

Henri Poincaré (1854 – 1912), Matemático francês.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo etnobotânico, realizado na comunidade negra de Curiaú, formada por descendentes afro-brasileiros de um antigo quilombo formado de escravos africanos do século XVIII. Esta comunidade é constituída pelas Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, localizada na Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (APA do Rio Curiaú), situada a 10 km ao norte da cidade de Macapá, entre os paralelos 00° 00' N e 00° 15 N, cortada pelo meridiano 51° 00' W. A comunidade possui conhecimentos valiosos em relação ao uso e manejo de plantas medicinais, mas a expansão urbana de Macapá, a especulação imobiliária e o processo migratório, estão acarretando um aumento desordenado da população, a ocupação de espaços e muito dessa cultura está se perdendo. Desta forma, este estudo tem como objetivos resgatar e documentar os conhecimentos tradicionais relativos as plantas de uso medicinal pela comunidade quilombola do Curiaú realizando sua identificação botânica, registrando o uso prático, visando auxiliar estudos químicos, biológicos, agrônômicos e farmacêuticos, para aplicação e uso pela população em geral e traçar o perfil sócio-econômico e sua organização interna. No trabalho de campo para a coleta dos dados etnobotânicos, etnofarmacológicos e sócio-econômicos, usou-se o método etnográfico com as técnicas de observação participante, entrevistas formais e informais. O universo amostral foi constituído de 42 informantes. A coleta do material botânico foi feita usando as técnicas usuais para coleta de material em campo. Foram registradas 144 espécies incluídas em 59 famílias e 121 gêneros. As famílias mais citadas foram: Asteraceae, Lamiaceae, Leguminosae, Euphorbiaceae, Rutaceae e Piperaceae. As espécies mais utilizadas foram: *Ouratea hexasperma* (A. St.-Hil) Bail var. *planchonii* Engl., *Plectranthus barbatus* Andrews, *Dalbergia monetaria* L. f., *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng., *Croton cajucara* Benth, *Citrus limonia* Osbeck, *Chenopodium ambrosioides* L., *Phyllanthus niruri* L., *Carapa guianensis* Aubl., *Renealmia guianensis* Maas, *Ruta graveolens* L., *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf e *Bauhinia variegata* L. var. *candida* Voigt. Os dados obtidos em Curiaú demonstram que a comunidade é detentora de um conhecimento rico sobre a flora medicinal da localidade e revela também a diversidade botânica existente na APA de Curiaú.

Palavras-chave: Etnobotânica, Plantas medicinais, Curiaú, negros, escravos.

ABSTRACT

This work presents an ethnobotany study, done in the black people community of Curiau, formed by the afro-brazilians descendants of an old quilombo of African slaves in the XVIII century. The community is constituted by the Village of Curiau de Dentro and Curiau de Fora located in the Environmental Protected Area of Curiau (APA of Curiau River), at 10 km north from the Macapa City, between the parallels $00^{\circ} 00' N$ e $00^{\circ} 15' N$, and meridian $51^{\circ} 00' W$. The community has valuable knowledge in relation to the use and handling of medicinal plants, but the urban expansion of Macapa, the real estate speculation and the migration process are causing a disorderly increase of the population and ground occupation and such culture is dying. This work has the objective to recover and document the traditional knowledge related to the use of medicinal plants by the community of Curiau through the botanical classification, practical use, aiming to help chemical, biological, agronomical and pharmaceutical studies, for the application and use by the common population and to trace the social-economic profile and its internal organization. In the field work for the ethnobotany, ethnopharmacological and socioeconomic data collection, the ethnographical method it was utilized with participant observation techniques, formal and informal interviews. The sampling universe was formed by 42 informants. The botanical material sampling was done by usual sampling techniques. It was registered 144 species included into 59 families and 121 genera. The most common families were: Asteraceae, Lamiaceae, Leguminosae, Euphorbiaceae, Rutaceae e Piperaceae. The species with most number of citations were: *Ouratea hexasperma* (A. St.-Hil) Bail var. *planchonii* Engl., *Plectranthus barbatus* Andrews, *Dalbergia monetaria* L. f., *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng., *Croton cajucara* Benth, *Citrus limonia* Osbeck, *Chenopodium ambrosioides* L., *Phyllanthus niruri* L., *Carapa guianensis* Aubl., *Renealmia guianensis* Maas, *Ruta graveolens* L., *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf e *Bauhinia variegata* L. var. *candida* Voigt. The data obtained at the Curiau showed that the community holds a rich knowledge about medicinal flora of the area and also reveals the existing botanical diversity at the APA of Curiau.

Key words: ethnobotany, Medicinal Plants, Curiau, black people, slaves.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1 BREVE HISTÓRICO DO USO E ESTUDOS DE PLANTAS MEDICINAIS	17
2.2 ETNOBOTÂNICA	20
2.3 PLANTAS MEDICINAIS	23
2.4 COMUNIDADES TRADICIONAIS	24
2.5 CONHECIMENTO TRADICIONAL	25
2.6 NEGROS, ESCRAVOS E QUILOMBOS	28
3 MATERIAL E MÉTODOS	30
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	30
3.1.1 localização da área de estudo	30
3.1.2 Clima	30
3.1.3 Solo e relevo	31
3.1.4 Geologia	33
3.1.5 Hidrografia	33
3.1.6 Cobertura vegetal	34
3.1.7 Fauna	39
3.1.8 Atividades sócio-econômicas	40
3.2 CURIAÚ: A VILA DE EX-ESCRAVOS QUE SOBREVIVEM NO AMAPÁ	41
3.2.1 Aspectos etnohistóricos	42
3.3. PESQUISA DE CAMPO	45
3.3.1. Escolha dos informantes	46
3.3.2. Coleta de dados	47
3.3.3. Coleta de material botânico	49
3.3.4. Organização e análise dos dados	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
4.1 ENTREVISTAS REALIZADAS	52
4.2 CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS	52
4.2.1 Idade e sexo dos entrevistados	52
4.2.2 Condição dos entrevistados na unidade domiciliar	53
4.2.3 Escolaridade dos entrevistados	54
4.2.4 Origem dos entrevistados	55
4.2.5 Estado civil dos entrevistados	56
4.2.6 Fecundidade dos entrevistados	57
4.3 CARACTERÍSTICAS DA UNIDADE DOMICILIAR DOS ENTREVISTADOS	57
4.4 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS MORADORES	61
4.5 CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS DAS FAMÍLIAS DOS ENTREVISTADOS	64
4.6 DADOS ETNOBOTÂNICOS E ETNOFARMACOLÓGICOS	65
4.7 ESPÉCIES DA FITOFARMACOPÉIA DO QUILOMBO DE CURIAÚ	67
4.7.1 Aspectos botânicos e ecológicos das plantas medicinais utilizadas em Curiaú	68
4.7.2 Aspectos etnofarmacológicos	82

4.7.3. Importância relativa das espécies	87
5 CONCLUSÃO	95
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	97
ANEXO 1 – FORMULÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO	105
ANEXO 2 - FORMULÁRIO ETNOFARMACOLÓGICO	111
ANEXO 3 - FORMULÁRIO ETNOBOTÂNICO	112
ANEXO 4 – REPERTÓRIO FITOTERÁPICO E DADOS ETNOFARMACOLÓGICOS DAS ESPÉCIES MEDICINAIS DO CURIAÚ	112

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1: Mapa de localização da área de estudo - Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, Macapá-Ap, Brasil</i>	32
<i>Figura 2: Rio Curiaú - principal canal de drenagem da APA do Curiaú, em período de estiagem.</i>	34
<i>Figura 3: Fisionomia do ecossistema Cerrado.</i>	35
<i>Figura 4: Campos de Várzea da APA do Curiaú.</i>	37
<i>Figura 5: Ecossistemas da APA do Curiaú - Cerrado, Campos de Várzea e Ilhas de Mata.</i>	39
<i>Figura 6: Fortaleza São José de Macapá-Ap.</i>	44
<i>Figura 7: Freqüências absolutas e relativas das doenças mais comuns nos domicílios dos entrevistados</i>	66
<i>Figura 8: Famílias de uso medicinal mais freqüentes na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap</i>	78
<i>Figura 9: Gêneros de plantas medicinais que apresentaram maior número de espécies na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap</i>	79
<i>Figura 10: Número de espécies medicinais indicadas por habitats de Curiaú, Macapá-Ap</i>	80
<i>Figura 11: Hábito de crescimento das espécies vegetais medicinais do Curiaú, Macapá-Ap</i>	81
<i>Figura 12: Porcentagem das espécies medicinais de acordo com o ambiente em que são coletadas para uso em Curiaú, Macapá-Ap</i>	82
<i>Figura 13: Partes das plantas utilizadas nas preparações de medicamentos na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap</i>	83
<i>Figura 14: Modo de administrações das preparações terapêuticas</i>	87
<i>Figura 15: Espécies medicinais mais utilizadas segundo a freqüência de citações na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap</i>	94

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1: Idade e sexo dos entrevistados.</i>	53
<i>Tabela 2: Condição dos entrevistados na unidade domiciliar.</i>	54
<i>Tabela 3: Escolaridade dos entrevistados.</i>	55
<i>Tabela 4: Origem dos entrevistados.</i>	56
<i>Tabela 5: Número de filhos / entrevistado.</i>	57
<i>Tabela 6: Material predominante nas paredes externas dos domicílios.</i>	58
<i>Tabela 7: Origem da água nos domicílios.</i>	59
<i>Tabela 8: Bens de consumo duráveis dos domicílios.</i>	61
<i>Tabela 9: Número de moradores residentes nos domicílios amostrados.</i>	62
<i>Tabela 10: Alimentos mais consumidos diariamente pelas famílias.</i>	63
<i>Tabela 11: Atividade profissional da pessoa de maior fonte de renda do domicílio.</i>	64
<i>Tabela 12: Doenças mais comuns nas famílias dos entrevistados.</i>	65
<i>Tabela 13: Aspectos botânicos e ecológicos das plantas medicinais utilizadas em Curiaú, Macapá-Ap</i>	68
<i>Tabela 14: Freqüências absolutas e relativas de espécies vegetais de uso medicinal pela comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap</i>	74
<i>Tabela 15: Famílias de plantas mais importantes de Curiaú de Dentro.</i>	76
<i>Tabela 16: As famílias de plantas mais importantes de Curiaú de Fora.</i>	77
<i>Tabela 17: Formas de uso das preparações medicamentosas</i>	86
<i>Tabela 18: Freqüência de citação das espécies</i>	87

1 INTRODUÇÃO

Todos os organismos vivos exercem uma influência no ambiente, mas a espécie humana, pelo fato de saber usar certas formas de energia, influi mais profundamente, a ponto de provocar rápidas e radicais transformações no habitat, na fauna e flora. Em suma, o ser humano está quebrando elaborados equilíbrios naturais, pela intensidade e profundidade com que interfere nos ecossistemas, visando a produção industrial de uma série de bens de consumo, realizando com isso devastações irreversíveis. O equilíbrio de um ecossistema é extremamente delicado, facilmente rompido por alterações na população e/ou no ambiente.

O homem agride a natureza, não porque use seus recursos naturais, mas porque o faz de modo egoísta e irracional. Simplifica totalmente os ecossistemas transformando-os em monoculturas ou terrenos de pastagens.

Em termos globais, Wilson (1997) estima que existam entre 5 e 30 milhões de espécies de organismos vivos, embora o número atual de espécies descritas seja de 1,4 milhão, sendo 320.000 de plantas vasculares e briófitas. Estes números poderão aumentar sensivelmente ao serem incluídas espécies ainda não descritas, embora muitas delas já tenham sido coletadas e apresentem valor sócio-econômico potencial.

O Brasil, com uma área territorial de 8,5 milhões de quilômetros quadrados e vários biomas (Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal, Amazônia e Caatinga), apresenta uma grande diversidade de solos e climas que favorece a riqueza e variedade de tipos de vegetação e espécies de flora distribuída nos diversos ecossistemas brasileiros (DIAS, 1995).

Segundo estimativas de Prance (1977), Giulietti e Forero (1990) e Mcneely et al. (1990), o Brasil possui uma expressiva biodiversidade, com estimativas de 55.000 a 60.000 espécies de plantas superiores ou 22% do total mundial, e, em termos de Amazônia, os números de espécies considerados somente são estimativas, em função da magnitude da biodiversidade regional, o que indica a conveniência de se estimular estudos complementares para validar as informações existentes, pois, embora não existam levantamentos detalhados para apresentar o potencial do bioma em números concretos, tem sido estabelecida uma estimativa de 30.000 plantas superiores, (GENTRY, 1982; SALATI, 1983), e mais de 10% dos organismos vivos do planeta (AYRES, 1992), sendo muitas de interesse econômico, como medicinais, oleaginosas, alimentícias, pesticidas naturais, fertilizantes, e outros usos.

Desta forma, a biodiversidade do Brasil, o conhecimento etnobotânico e etnofarmacológico da população brasileira são vantagens importantes no processo de desenvolvimento de programas e projetos de pesquisa de plantas medicinais, que devem ser

fortalecidos com maior apoio à pesquisa e conhecimento para viabilizar uma indústria forte e adequada de produtos naturais, que não esteja em detrimento dos recursos utilizados e potenciais, como agente de desenvolvimento econômico e social, que alcance um equilíbrio com o ambiente. (SILVA et al., 2001).

Os expressivos níveis de biodiversidade apresentados pela Amazônia podem oferecer um grande número de oportunidades e alternativas sócio-econômicas para utilização sustentável de sua diversidade.

Entretanto, ao mesmo tempo em que existe um potencial expressivo para utilização da diversidade amazônica, também existe o risco de quando procurada já tenham ocorrido perdas irreparáveis de materiais promissores e outros ainda desconhecidos da ciência (neste caso incluem-se plantas que poderiam conter substâncias ativas contra os cânceres, diabetes, malária, problemas cardíacos ou a AIDS). Neste aspecto, estimativas vem mostrando que os índices de desflorestamento nas regiões tropicais são tão intensos que poderão provocar em pouco tempo a extinção de 15 a 50% das florestas tropicais (LUGO, 1988; WILSON, 1989).

O estudo das plantas medicinais permitirá o aumento do conhecimento científico a respeito destas espécies, e conseqüentemente a validação de seu uso medicinal e emprego no sistema público de saúde, através de medicamentos de baixo custo para a população.

As espécies de uso medicinal são ainda pouco consideradas quanto a sua participação na pesquisa e produção agrícola, estima-se que menos de 1% da nossa flora já foi estudada cientificamente visando comprovar sua eficácia, mas, no entanto geram enormes somas de divisas em seu comércio interno e externo.

Além dos inquestionáveis benefícios sociais das plantas medicinais, outros de caráter econômico devem ser considerados. Por exemplo, em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, 25% dos medicamentos comercializados contém produtos ou princípios ativos de origem vegetal, articulando um mercado de oito bilhões de dólares por ano (FARNSWORTH et al., 1985).

A comprovação científica dos efeitos benéficos das plantas brasileiras, tidas popularmente como medicinais, tem despertado grande interesse junto aos pesquisadores de todo o mundo, como objeto auxiliar dos problemas sociais da população universal, pois, aproximadamente metade dos remédios contém material de plantas ou sintéticos derivados delas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 80% da população mundial depende ou faz uso de algum tipo de medicina tradicional para suas necessidades básicas de saúde e desta cerca de 85% utilizam alguma planta, seus extratos vegetais e seus princípios

ativos na composição medicamentosa (AKERELE, 1991). Além disso, há uma determinação da OMS aos países membros para o atendimento dos cuidados básicos de saúde, o qual inclui o uso da fitoterapia como forma de tratamento eficaz e auxiliar em países em desenvolvimento.

Do outro lado, encontra-se um processo de deterioração dos ecossistemas amazônicos, com conseqüente perda dos recursos da biodiversidade e também graves problemas de aculturação, fazendo desaparecer ou suprimir etnias nativas, com irremediável perda de seus conhecimentos tradicionais sobre o manejo de plantas e sua utilização, aliada ainda a extração seletiva de plantas para fins medicamentosos que também pode acarretar reduções de populações vegetais a níveis críticos ou o desaparecimento de espécies Lombardi (citado por SILVA et al., 2001).

O conhecimento tradicional etnobotânico pode servir para indicar novos usos de plantas existentes, usos para plantas previamente desconhecidas e novas fontes de fórmulas conhecidas e necessárias. Os povos tradicionais usam freqüentemente, cerca de 75% de todas as espécies existentes, em contraste com os menos de 2% ora explorados economicamente na Amazônia. Portanto, o conhecimento tradicional é uma das maiores riquezas que a Amazônia possui, uma vez que é a chave para a descoberta de grande quantidade de novos alimentos, remédios, corantes, óleos, essências, etc. (POSEY, 1992).

No Estado do Amapá, município de Macapá existe uma comunidade negra, descendentes afro-brasileiros de um antigo quilombo, chamado de Curiaú, formada no século XVIII, por escravos africanos, que se rebelaram pelos maus tratos sofridos e fugiram durante a construção da Fortaleza São José de Macapá. Está comunidade guarda até hoje os traços da cultura afro, onde a interação com o meio natural é de relevância expressiva. Com isso a mesma é detentora de conhecimento riquíssimo em todos os aspectos, em particular no tocante a utilização dos recursos naturais e, em especial, ao conhecimento e a utilização da flora medicinal para a prevenção e cura de males e para manutenção da saúde.

Com o crescente aumento populacional desordenado em Macapá, em decorrência de um intensivo processo migratório, principalmente motivado pela criação do estado do Amapá (em 1988) e da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (em 1992) (GEA, 1998) a expansão urbana de Macapá em direção ao Curiaú cresceu assustadoramente.

No ano de 1982, a expansão do sítio urbano alcançou e invadiu os antigos limites da Vila do Curiaú, para a criação de assentamentos, que constituem hoje os bairros Jardim Felicidade I e II (RIBEIRO et al., 2001), perdendo a região cerca de 300 Km² em torno da área do quilombo, com isso os sistemas naturais vem sendo bruscamente alterados por meio

de intervenções antrópicas de exploração desordenada, de atividades que subutilizam os recursos neles contidos, levando a um desequilíbrio ambiental e sócio-cultural das comunidades que dele se favorecem diretamente.

Essas comunidades têm sofrido crescentes pressões econômicas e culturais da sociedade moderna envolvente, com ameaças terríveis para as suas culturas tradicionais, causando aculturação dessas comunidades, diluindo seus conhecimentos mais profundos, e, muitas vezes, até mesmo essas etnias acabam sucumbindo e junto, valiosos conhecimentos acumulados ao longo dos séculos, pois, segundo Lleras-Perez (1992) a aculturação constitui um dos maiores problemas para as comunidades tradicionais, pois as mesmas abandonam as práticas e culturas tradicionais em favor de outras opções, com isso a herança cultural também está se perdendo, e com ela a capacidade de adaptar-se adequadamente ao meio ambiente.

Diante da grande pressão que a Amazônia, o Estado do Amapá e especificamente, no caso a comunidade quilombola do Curiaú, vem sofrendo em decorrência do fácil acesso rodoviário, proximidade com a cidade de Macapá, intensificação da especulação imobiliária e das frentes de colonização, que conduzem a um aumento desordenado da população, turismo e utilização irracional dos recursos naturais com conseqüente modificação da estrutura, do funcionamento e da fisionomia da região, se faz necessário e urgente estudos que venha documentar o máximo possível as informações a cerca da flora medicinal desta comunidade tradicional, antes que modificações antrópicas cada vez maiores e constantes possam interferir sobremaneira nessa cultura, perdendo-se assim, conhecimentos seculares, que quem sabe, poderia ser o caminho ou mesmo a cura para muitos males que hoje afligem a sociedade humana.

Desta forma este trabalho objetivou realizar o levantamento etnobotânico das plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú (Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora) Macapá-Ap, visando resgatar e documentar os conhecimentos tradicionais, e assim gerar informações que possam auxiliar estudos fotoquímicos, biológicos, farmacêuticos e agrônômicos e para tanto foram realizadas a catalogação e a coleta das espécies de plantas de uso medicinal citadas, a identificação botânica das espécies utilizadas pela comunidade e a determinação do perfil sócio-econômico e a organização interna da comunidade.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO DO USO E ESTUDOS DE PLANTAS MEDICINAIS

O uso de plantas para amenizar dores ou tratar moléstias se perdeu nos tempos. Desde a pré-história o homem procurou aproveitar os princípios ativos existentes nos vegetais, embora de modo totalmente empírico ou intuitivo, baseado em descobertas ao acaso. Antigos textos caldeus, babilônicos e egípcios já traziam referências a certas espécies vegetais usadas em rituais religiosos (BERG, 1993).

A utilização de plantas como medicamentos pela humanidade é tão antiga quanto a história do homem. O processo de evolução da "arte da cura" se deu de forma empírica, em processos de descobertas por tentativas, de erros e acertos (MORS, 1982). Neste processo os povos primitivos propiciaram a identificação de espécies e de gêneros vegetais bem como das partes dos vegetais que se adequavam ao uso medicinal, o reconhecimento do habitat e a época da colheita (LÉVI-STRAUSS, 1989).

A história da terapêutica começa provavelmente por Mitriades, rei de Porto, século II a. C., sendo ele o primeiro farmacologista experimental. Nessa época, já eram conhecidos os opiáceos e inúmeras plantas tóxicas. No papiro de Ebers, de 1550 a. C., descoberto em meados do século passado em Luxor, no Egito, foram mencionados cerca de 700 drogas diferentes, incluindo extratos de plantas, metais e venenos de animais, de procedências diversas (ALMEIDA, 1993).

Na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, há muitas referências a plantas curativas ou a seus derivados, como por exemplo, o aloés, o benjoim e a mirra. Na Antigüidade, na Grécia e em Roma, a medicina esteve estreitamente dependente da Botânica. Hipócrates, na obra "Corpus Hippocraticum", fez uma síntese dos conhecimentos de seu tempo, indicando, para cada enfermidade, um remédio vegetal (CAMPÊLO, 1984).

A Suma Etnológica Brasileira (RIBEIRO et al., 1987), reúne em seu volume I uma série de trabalhos relacionados a etnobiologia, tratando de aspectos etnobotânicos e etnozoológicos de grupos indígenas do Brasil.

Egípcios, assírios, hebreus, indianos, romanos, espanhóis, africanos e todas as civilizações deixaram escritos sobre o poder das ervas (ALEIXO, 1992), assim como os Estudos Alquimistas na Idade Média, na elaboração dos elixires de longa vida e na busca de plantas com virtudes miraculosas e afrodisíacas (BERG, 1993), apesar de que, segundo

Câmpelo (1984), nesta época também a prática da medicina natural sofreu um período de estagnação, pois as pessoas ditas “civilizadas” não eram bem vistas usando plantas para curar os males.

Segundo Berg (1993), é na Idade Moderna que a Botânica começa a tomar sua feição própria, porém sempre colaborando com a medicina, mas, no século XX até a década de 70, principalmente depois da 2ª Guerra Mundial, com a descoberta de antibióticos e o incremento cada vez maior de remédios a base de drogas sintéticas houve um relativo abandono e inclusive certo cepticismo a respeito das drogas natural. Porém, devido os preços cada vez maiores dos medicamentos e os efeitos colaterais dos fármacos sintéticos, entre outros fatores, as pesquisas sobre drogas de origem vegetal voltaram a ser reativadas.

No caso específico do Brasil, desde os tempos coloniais a rica flora brasileira tem sido objeto de estudo. Piso (1648) fez uma das primeiras edições dedicada à flora brasileira, com riquezas de detalhes e ilustrações.

Martius (1843) colaborou com um estudo taxonômico sobre plantas medicinais no Brasil. Tratados importantes, como: Caminhoá (1884), Pio Corrêa (1926-1962), Cruz (1965) e Peckolt (1888-1914), eram de cunho geral, sobre plantas de interesse econômico ou ornamental, mas deram contribuição ao conhecimento das plantas medicinais brasileiras, entre as quais várias de origem amazônica.

Hoehne (1930, 1939) lança uma admirável obra dedicada às plantas medicinais, “Flora Brasílica”, onde destaca a importância econômica e utilidade das mesmas, e o livro “Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais”. Penna (1946) é autor do “Dicionário de Plantas Medicinais”.

No que se refere especificamente à Amazônia, existem muitas citações esparsas sobre virtudes curativas atribuídas a determinados vegetais, e os pioneiros dessas pesquisas muito contribuíram ao despertar o interesse sobre o assunto, e em divulgar os conhecimentos sobre as espécies medicinais amazônicas. Entre esses devem ser destacados

Matta (1913), com a “Flora Médica Brasiliense”, em que ressalta a importância de serem estudados, metódica e cientificamente, as plantas da Amazônia num trabalho conjunto de botânicos, químicos, biólogos, farmacólogos e clínicos.

Le Cointe (1947) é o autor de “Plantas e árvores úteis da Amazônia” trabalho que até hoje constitui importante fonte de referências para pesquisadores de diversas áreas de biologia e química.

Datam de 1958 as primeiras publicações do INPA sobre estudos de plantas utilizadas na medicina nativa regional. Em 1977, com as idéias de Matta (1913) começaram a se

cristalizar com a criação do Setor de Fármaco-Dinâmica, operando dentro da Divisão de Química de Produtos Naturais do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Cavalcante e Frikel (1973) realizam um trabalho sobre a farmacopéia dos índios Tiriyo.

Berg (1982) realizou um trabalho sobre sistemática de plantas medicinais da Amazônia, que muito têm contribuído para a identificação correta desses vegetais empregados na medicina natural.

Pires (1984), em seus trabalhos sobre os recursos genéticos de plantas medicinais, além de mostrar a importância do estudo e conservação das mesmas, afirma ainda que a “história das plantas medicinais no Brasil mescla-se com a história da Botânica e com sua própria história”.

A cultura negra foi estudada abordando os rituais religiosos afro-brasileiros, através das pesquisas de Guedes et al. (1985); Berg (1991) e Albuquerque (1993).

Albuquerque (1989) ressalta recomendações de coleta, uso e preparo das mais conhecidas ervas medicinais usadas pelas populações da Amazônia.

Martins (1989) faz uma listagem das espécies mais utilizadas com descrição botânica, sinonímia e uso popular.

Elisabetsky (1991) enfatiza que “a pesquisa com plantas medicinais tem sido e continua a ser uma abordagem rica para a procura de novas drogas”.

Na obra “Cultivo de plantas medicinais na Amazônia”, Pimentel (1994) apresenta um repertório vasto das plantas medicinais mais comumente usadas na região, com dados agronômicos, ecológicos e etnofarmacológicos.

Martin (1995) discute as várias disciplinas envolvidas em estudos etnobotânicos e também toma como princípio de que estudos etnobotânicos pode ser um caminho para elaboração de projetos de desenvolvimento para as comunidades envolvidas, partindo-se do conhecimento etnobiológico das pessoas.

Di Stasi et al. (1996) faz uma abordagem na questão conceitual e metodológica de estudos de plantas medicinais, mostrando com clareza dois pontos fundamentais: a necessidade de sistematização das ações interdisciplinares e o direcionamento destas ações, de acordo com a realidade e as necessidades do meio onde elas se realizam.

Vieira e Albuquerque (1998) apresentam um repertório de várias espécies com descrição botânica, princípios ativos e uso popular.

Coelho-Ferreira (2000) em Marudá, município de Marapanim (PA), em uma comunidade de pescadores artesanais, faz uma abordagem da utilização de plantas medicinais,

enfocando também aspectos etnofarmacológicos, mostrando sua utilidade como recurso terapêutico valioso para esta comunidade.

Em Algodual, município de Maracanã (PA), Roman (2001) realizou uma abordagem junto a pescadores artesanais onde inventariou e resgatou os saberes tradicionais sobre as plantas com uso medicinal utilizadas pelos moradores, bem como determinou a importância cultural das espécies medicinais para revalorizar o conhecimento tradicional.

Pereira-Martins (2001) realizou o resgate e a sistematização do conhecimento de plantas com uso medicinais e alimentícias por uma comunidade negra de Abacatal, município de Ananindeua (PA), onde através de dados etnohistóricos fez um breve relato da vida da comunidade que serviu para identificar transformações sócio-econômicas ocorridas na área.

No Amapá, no município de Macapá, Stipanovich (2001) realizou, na comunidade negra de Curiaú de Dentro um levantamento sobre as plantas medicinais utilizadas por esta comunidade, onde identificou 58 espécies.

2.2 ETNOBOTÂNICA

O termo “etnobiologia” é relativamente recente, apesar de estudos mais antigos já possuírem um caráter semelhante aos estudos etnobiológicos dos últimos anos. Essa terminologia surgiu com a linha de pesquisa conhecida como etnociência que ganhou impulso a partir dos anos cinquenta com alguns autores norte-americanos que começaram a desenvolver pesquisas, principalmente, junto a populações autóctones da América Latina.

Posey (1987) definiu etnobiologia como sendo essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo natural e das espécies, ou seja, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes.

Segundo Diegues (1996), a etnociência parte da lingüística para estudar o conhecimento de diferentes sociedades sobre os processos naturais, buscando entender a lógica subjacente ao conhecimento humano sobre a natureza, as taxonomias e as classificações totalizadoras.

Desde o século passado, muitos trabalhos realizados já podiam ser considerados etnobiológicos, no Brasil a produção científica nessa área começou a tomar vulto na década de 1970 (DIEGUES, 2001).

Lévi-Strauss (1989) foi um dos antropólogos que iniciaram os estudos na área de etnociência, ao analisar os sistemas de classificação indígenas.

Segundo Albuquerque (1997) o termo “etnobotânica” foi empregado pela primeira vez em 1895, por Harshberger, botânico norte-americano, para descrever o estudo de “plantas usadas pelos povos aborígenes”, auxiliando na elucidação da posição cultural das tribos indígenas.

Yepes (1953), definiu a etnobotânica como a ciência etnológica que estuda a influência da vegetação na cultura e como a ciência das relações entre o homem e as plantas, posto que a influência é recíproca; a vegetação modifica a cultura e esta modifica a vegetação, em uma série indefinidas de ações e reações.

Um dos pioneiros nos estudos etnobotânicos foi Richard Evans Schultes. Botânico sistemata, que trabalhando com índios do noroeste da Amazônia descreveu o preparo e a utilização de inúmeras plantas empregadas como medicamentos, alucinógenos, anticoncepcionais, etc. (AMOROZO, 1996).

Segundo Albuquerque (1997), a etnobotânica é basicamente entendida como a disciplina científica que se ocupa da inter-relação entre plantas e populações humanas e vem ganhando prestígio cada vez mais pelas suas implicações ideológicas, biológicas, ecológicas e filosóficas.

A prática etnobotânica, relativamente complexa, marcada por diferentes enfoques parte exatamente do encontro entre eixos disciplinares. Isso quer dizer que a pesquisa etnobotânica, centrada na dualidade seres humanos / plantas, recai justamente no ponto onde esses dois elementos convergem (ALBUQUERQUE, 1997).

Durante muitos anos, a etnobotânica levou apenas em consideração os aspectos específicos do uso de plantas por indígenas, passando posteriormente a dedicar-se à pesquisa entre outros grupos humanos (ALMEIDA, 2001).

Gilmour (1932 citado por ALMEIDA, 2001) foi um dos primeiros a ressaltar o fato de que a etnobotânica não era somente o estudo da botânica dos índios, mas de todo o conhecimento tradicional sobre as plantas e sua história de vida.

Amorozo (1996) em uma adaptação ao conceito de Posey (1986) para etnobiologia define a etnobotânica como “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal; este estudo engloba tanto a maneira como um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a ela”.

A conceituação de etnobotânica foi evoluindo ao longo do século XX, onde pesquisadores de diferentes áreas apresentavam novas conceituações de acordo com as pesquisas realizadas, buscando fazer o registro do uso da flora, como também as formas de manejo que as comunidades realizavam para obter e manter os recursos que necessitavam (COTTON, 1996; ALBUQUERQUE, 1999).

A Etnobotânica é a ciência que liga a antropologia à botânica, mas também envolve outras disciplinas (ALBUQUERQUE, 1999).

A Etnobotânica tem propiciado maior entendimento da ecologia envolvida no uso de plantas (PRANCE, 1991).

É através da etnobotânica que se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (GUARIN NETO; SANTANA; BEZERRA DA SILVA, 2000).

As pesquisas etnobotânicas, por muito tempo, foram baseadas nas vertentes da escola norte-americana e essa tendência ainda é forte, mas vem mudando, desta forma, Albuquerque (2000), julga oportuno distinguir etnobotânica de botânica econômica, e para tanto se utiliza da conceituação de Ricker e Daly (1998) para essas ciências: A “botânica econômica” é a ciência das plantas úteis, considerando aspectos de taxonomia, farmacognosia, ecologia e economia, e a “etnobotânica” é a ciência que investiga a relação entre plantas e culturas humanas e que também integra elementos de outras disciplinas. Albuquerque (2000) complementa colocando que enquanto a botânica econômica tem seu foco voltado para a exploração de recursos, a etnobotânica tem seu estudo sempre focado nas inter-relações.

Muitos métodos etnobotânicos têm sido citados na literatura, como por exemplo, trabalhos de notáveis cientistas como Berg (1982), Lentz (1993), Posey (1985), Elisabetsky (1986), Jain (1987), Amorozo (1996), entre outros.

Prance (1991) ressalta a importância de realizarem-se estudos etnobotânicos não só entre povos indígenas, mas também entre populações rurais tradicionais, como caboclos amazônicos. Estas populações muitas vezes guardam heranças de conhecimentos, procedimentos relativos ao uso de plantas oriundas de grupos indígenas há muito extintos; elas são ainda menos estudadas que os índios, neste caso particular, as comunidades remanescentes de quilombos.

Segundo Berg (1993), Carrara (1995) e Simões et al. (1998), a utilização popular de plantas medicinais no Brasil, com fins terapêuticos e rituais religiosos, provém de diferentes origens e culturas tradicionais, além dos índios brasileiros destacam-se as seitas afro-brasileiras, e a cultura e tradição africana e européia.

Povos indígenas e os mais diversos povos tradicionais habitam ambientes diversificados, explorando uma flora extremamente variada e praticamente desconhecida do aspecto farmacológico. A conservação deste recurso vincula-se e beneficia-se da preservação do conhecimento sobre seus usos. O etnobotânico tem muito a contribuir para que ambas as metas se concretizem (AMOROZO, 1996).

A abordagem ao estudo de plantas medicinais a partir de seu emprego por sociedades tradicionais, de tradição oral, pode contribuir com muitas informações úteis para a elaboração de estudos farmacológicos, fotoquímicos e agrônômicos sobre essas plantas, com grande economia de tempo e dinheiro. Ela nos permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas (AMOROZO, 1996).

Segundo Posey (1992), o conhecimento tradicional etnobotânico pode servir para propiciar novos usos de plantas conhecidas, usos para plantas até então não utilizadas e novas fontes de fórmulas conhecidas e necessárias. Portanto, o conhecimento tradicional é uma das grandes riquezas que a Amazônia possui, uma vez que é a chave para a descoberta de grande quantidade de novos alimentos, remédios, corantes, óleos, essências, etc.

2.3 PLANTAS MEDICINAIS

Segundo Amoroso e Gely (1988), planta medicinal é toda a espécie vegetal que tenham um valor de caráter curativo para determinada comunidade, ou seja, que possua uma propriedade real ou imaginária, aproveitada pela comunidade para um ou mais fins específicos de cura, que seja empregada na prevenção, no tratamento, na cura de distúrbios, disfunções ou doenças do homem e animais. As informações sobre os usos das plantas medicinais e suas virtudes terapêuticas foram sendo acumuladas durante séculos, e muito desse conhecimento empírico encontra-se disponível atualmente.

De domínio público, o conhecimento sobre as plantas medicinais representou e ainda representa o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. Essa prática, que se caracteriza pela utilização dos recursos naturais como forma de tratamento e cura de doenças, é tão antiga quanto a espécie humana (DÍ STASI, 1996).

2.4 COMUNIDADES TRADICIONAIS

O emprego do termo “populações tradicionais” é propositalmente abrangente. Contudo, essa abrangência não deve ser confundida com confusão conceitual (CUNHA; ALMEIDA, 2001).

A expressão “populações tradicionais” ainda está em fase inicial de sua vida, mas todos esses grupos considerados tradicionais têm em comum o fato de que tiveram pelo menos em parte uma história de baixo impacto ambiental e de que têm no presente interesses em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram, e acima de tudo, estão dispostos a uma negociação: em troca do controle sobre o território, comprometem-se a prestar serviços ambientais (CUNHA; ALMEIDA, 2001)

Para Cunha e Almeida (2001), populações tradicionais são grupos que conquistaram ou estão lutando para conquistar uma identidade pública que incluem algumas e não necessariamente todas as seguintes características: o uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas eqüitativas de organização social, a presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis, liderança local e, por fim, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados.

Segundo Posey (1992), povos ou comunidades tradicionais são sociedades que vivem em associação direta com seus habitats naturais, por séculos ou até milênios, e por conta disso, possuem vasta experiência na utilização e conservação da diversidade biológica.

Atualmente, muitos pesquisadores têm dado uma atenção especial à utilização de produtos naturais para a humanidade e por esta razão têm realizado estudos em comunidades tradicionais.

Os caboclos amazônicos, que são hoje a grande maioria dos povos tradicionais existentes na região, resultam da mestiçagem entre índios e portugueses, nos séculos XVI e XVII, e africanos, no século XVIII (PARKER, 1985).

As comunidades tradicionais (índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, pescadores, pequenos produtores rurais e extrativistas) que habitam a Região Amazônica, representam grandes fontes de informações relativas a plantas com interesse medicinal e econômico (inseticidas, corantes, resinas, madeiras, frutíferas e etc.), servindo de estímulos imensuráveis para o estudo de produtos naturais, pois, possuem vasta experiência na utilização e conservação da diversidade biológica e ecológica, que está atualmente sendo destruída, em parte, pela falta de reconhecimento do potencial econômico das espécies nativas para remédios, alimentos, fertilizantes e pesticidas naturais, etc. (POSEY, 1992).

As comunidades tradicionais são sociedades que vivem em associação direta com seus habitats naturais, possuindo conhecimentos sobre solo, agricultura, animais e remédios. Muitos deles assim têm feito por séculos ou até milênios. Frequentemente, povos tradicionais têm sido vistos como simples exploradores de seus ambientes e não como conservadores, manipuladores e manejadores de recursos naturais. Pesquisadores estão descobrindo, entretanto, que muitos presumidos sistemas ecológicos naturais na Amazônia são, de fato, produtos de manipulação humana (FRICKEL, 1959; ALCORN, 1981; ANDERSON; POSEY, 1985; BALÉE, 1989).

De acordo com Diegues (1996), nas populações tradicionais o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana. e/ou contemporâneas, e pelo que se tem observado, tende à redução ou mesmo ao desaparecimento, quando sofre a ação inexorável da modernidade.

Depois de analisar vários trabalhos sobre os etnoconhecimentos de comunidades tradicionais da Amazônia, Diegues e Arruda (2001), concluíram que as populações tradicionais da Amazônia construíram ao longo das gerações, um conjunto considerável de conhecimentos e práticas sobre o mundo natural e a biodiversidade, fundamental para sua sobrevivência na floresta e à beira dos rios e lagos, e que essas populações, poderão contribuir positivamente e participar na conservação e na utilização sustentável da biodiversidade.

2.5 CONHECIMENTO TRADICIONAL

O conhecimento tradicional é o acúmulo de práticas adquiridas por determinada sociedade ao longo do tempo, como resultado de seus valores, de suas crenças, de suas descobertas e de suas vivências experimentadas. Os resultados de todas essas experiências compõem o acervo cultural dessa sociedade (POSEY, 1992). É um sistema integrado de crenças e práticas características de grupos culturais diferentes, que além de informação geral, existe o conhecimento especializado sobre solos, agricultura, remédios e rituais (POSEY, 1992).

Diegues; Andrello e Nunes (2001) define o conhecimento tradicional como o conjunto de saberes e saber fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração.

O conhecimento tradicional foi por muito tempo subestimado pelos cientistas. A valorização do saber tradicional por parte dos etnobiólogos e etnoecólogos está produzindo

alternativas para os paradigmas correntes, com efeitos benéficos para o conhecimento científico (POSEY, 1987).

Esse saber tradicional acerca dos recursos biológicos está despertando o interesse das indústrias farmacológicas e de produtos naturais para fins farmacológicos, biotecnológicos e de conservação, dessa forma, a diversidade cultural está fortemente relacionada com a diversidade biológica, mas precisamente das plantas cultivadas e manipuladas pelas sociedades tradicionais (PRIMACK, 1993).

Em relação às propriedades terapêuticas das plantas o conhecimento popular tem-se mostrado uma forte subsidiária ao conhecimento técnico-científico.

A acumulação de informações sobre o uso de recursos naturais por populações tradicionais tem oferecido aos cientistas, modelos de uso sustentável desses mesmos recursos (ALBUQUERQUE, 1997). Pode-se dizer, que um dos argumentos básicos defendidos, é que essas populações sabem usar e conservar seus recursos biológicos (POSEY, 1990). Em função disso, estudos dentro dessa perspectiva não podem estar ausentes das discussões sobre meio ambiente (ALBUQUERQUE, 1999).

Com base nesta colocação, Szabó (1997 citado por ALBUQUERQUE, 1999), apresentou o conceito de etnobiodiversidade como o estudo da “diversidade biológica influenciada não apenas pelas condições ecológicas, mas também pelas tradições culturais e a experiência ecológica acumulada por comunidades humanas mais ou menos tradicionais durante o manejo sustentado de seu ambiente”.

Os estudos do conhecimento tradicional, em especial a medicina popular tem merecido atenção cada vez maior devido ao contingente de informações que vem oferecendo às ciências do homem. Constituindo um corpo de conhecimentos e práticas médicas de características empíricas, não enquadradas, pois, no sistema médico oficial, a medicina popular desenvolve-se numa dinâmica própria, segundo o contexto sócio-cultural e econômico em que se insere (CAMARGO, 1985).

Os componentes tradicionais compreendem as formas reinterpretadas de termos, idéias e práticas de medicina dos antepassados, cujos valores vão sendo adequados as realidade do presente, na medida em que a cosmovisão médica do homem, em constante mutação, vai dando a elas funções e sentidos novos (CAMARGO, 1985).

O mercado internacional de produtos de plantas medicinais está em expansão há duas décadas e ainda não existem sinais de enfraquecimento. Estimativas de Ferreira (1997 citado por SUDAM, 2000) apontam para um mercado mundial de US\$ 12,4 bilhões, representando cerca de 5% do faturamento do mercado mundial de produtos farmacêuticos em 1994. Para

1996 os valores estimados para o mercado norte americano variaram entre US\$ 2 bilhões e US\$ 3,24 bilhões.

Na Europa, as vendas de fitoterápicos em 1996 foram estimadas em US\$ 7 bilhões. Os países que mais se destacam são a Alemanha respondendo por US\$ 3,5 bilhões, 50% do consumo e a França com US\$ 1,8 bilhões. Na Alemanha, os fitoterápicos corresponderam a 30% do total de medicamentos vendidos em 1996 (SUDAM, 2000).

O grande consumo de fitoterápicos na Alemanha pode ser atribuído à importância dada ao assunto. Os alunos de medicina e farmácia cursam disciplinas específicas sobre fitoterápicos (SUDAM, 2000).

O mercado brasileiro de produtos contendo exclusivamente princípios ativos de origem vegetal em 1994 foi estimado em US\$ 355 milhões, 5,5% do valor total das vendas de medicamentos (SUDAM, 2000).

Recentemente, indústrias farmacêuticas tornaram-se as maiores exploradoras do conhecimento medicinal tradicional para os principais produtos e com lucro, no mercado mundial anual, no valor de 43 bilhões de dólares, segundo dados da Fundação Brasileira de Plantas Medicinais - FBPM (POSEY, 1992), por isso deve-se ter todo o cuidado de também proteger o direito de propriedade intelectual dos povos tradicionais. Deste modo, Soulé e Kohn (1989) mostram-se muito preocupados com a demanda internacional dos produtos naturais, pois isso pode causar um violento impacto ecológico em função das tendências de busca de maiores lucros que propiciam as monoculturas, o que pode culminar com o fim da biodiversidade, ao invés de incentivar a preservação de recursos naturais como inicialmente desejada.

Mais do que nunca é necessário dar ouvido aos povos da floresta e recuperar a sabedoria e os saberes produzidos por eles. É necessário também se ter uma perspectiva preservacionista, investindo no estudo e conhecimentos dos recursos naturais da região, os quais podem ser um importantíssimo fator de progresso para a Amazônia, mas para que isso ocorra é preciso que os povos tradicionais sejam também preservados.

Vários estudos mostram a importância do conhecimento tradicional: Cavalcante (1974, 1979); Furtado (1987); Hecht e Posey (1989); Flores e Mitschein (1990); Posey e Overall (1990); Ming (1995); Coelho-Ferreira (2000); Roman (2001), Pereira-Martins (2001), Stipanovich (2001), e muitos outros mais.

2.6 NEGROS, ESCRAVOS E QUILOMBOS

Segundo Diegues (2001), os quilombolas são descendentes de escravos negros, que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas por outros proprietários. Apesar de existirem desde a escravatura, no fim do século XIX, sua visibilidade social é recente, fruto de luta pela terra, da qual, na maioria das vezes, não possuem escritura, mas tiveram seus direitos garantidos com a Constituição de 1988. Vivem, em geral, de atividades vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, variando de acordo com as regiões em que estão situados.

O Brasil, como enfatizou Santos (1993 citado por ALBUQUERQUE, 1999 b), é um país afro-luso-americano. Marcadamente africano pela profunda influência que se pode sentir na assimilação dos costumes, tradições, religião, culinária e folclore do negro, que foi elemento base no desenvolvimento da economia agrícola e mineral no período colonial e que imprimiu, ao longo do tempo, as suas marcas no Brasil.

O negro também fez sentir de maneira muito forte a sua influência nos sistemas médicos tradicionais, lastreada por uma história empírica de convívio com a natureza e os recursos que dela buscavam nas preparações medicamentosas, onde vegetais, minerais e animais se associavam. Em função disso, registra-se uma história botânica das trocas entre os povos africanos e os americanos (ALBUQUERQUE, 1999 b).

O primeiro grupo de negros, que se estabeleceu no Amapá, remonta ao ano de 1749, constituído de fugitivos da região de Belém, os quais fundaram um quilombo as margens do rio Anauerapucú (município de Mazagão). Foram descobertos ocasionalmente por caçadores de índios, então seus habitantes abandonaram o local e foram mais para o norte, para evitar outros encontros (SANTOS, 1998). Oficialmente, o negro começou a ser introduzido no Estado em 1751, trazido pelos colonos portugueses da Ilha dos Açores, que se estabeleceram em Macapá, e destinavam-se, dentre outras atividades, às obras de fortificação militar, construções urbanas e às lavouras de arroz e cana-de-açúcar.

Com a fundação da Vila de Mazagão, em 1771, as 136 famílias que ali se estabeleceram, trouxeram 103 escravos, mas o maior contingente chegou quando da construção da Fortaleza de São José, com início em 1764 e concluída em 1782 (SANTOS (1998).

Santos (1998) acusa que os registros de 1788 constam 750 escravos, muitos remanescentes dos trabalhos na fortificação, e que, nos dezoito anos da construção, diversos

pereceram por doenças como sarampo e a malária e muitas vezes pela servidão imposta e a brutalidade dos construtores do empreendimento militar.

Muitos desses negros escravos, inconformados com os maus tratos, rebelavam-se e fugiam para longe do alcance de seus algozes, formando os quilombos de Maruanum, Igarapé do lago, Ambé, Cunani e em destaque, o Curiaú (SANTOS, 1998).

A comunidade negra faz parte da formação cultural, econômica e política do Amapá. A presença do negro na história deste Estado vem desde o começo da sua ocupação, em meados do século XVIII.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

3.1.1 localização da área de estudo

A comunidade quilombola do Curiaú é constituída pelas Vilas de Curiaú de Fora e de Curiaú de Dentro, localizadas dentro da Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (APA do Rio Curiaú), situada a 10 km norte da cidade de Macapá, município de Macapá, entre os paralelos 00° 00' N e 00° 15' N, sendo cortada pelo meridiano 51° 00' W. Seus limites são: a Leste, Rio Amazonas; a Norte/Nordeste, o igarapé Pescada e o ramal que liga a EAP-070 a BR-210; a Oeste, a estrada de ferro do Amapá e ao Sul, uma linha seca de latitude 00° 06' N (FACUNDES; GIBSON, 2000) (Figura 1).

Embora os dados oficiais apontem que a APA do Rio Curiaú tenha uma área de 21.676 hectares, Facundes e Gibson (2000), tendo como base as imagens do satélite Landsat TMS, realizando o mapeamento do local, obteve uma nova medida para a área, que seria de 22.240 hectares.

O acesso a área é feito de duas formas: via terrestre, através da BR-210 e a EAP-070, que constitui a principal via de ligação com as comunidades do Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, e, a via de acesso fluvial que é representada pelo rio Curiaú, que corta a APA no sentido leste/oeste (FACUNDES; GIBSON, 2000).

3.1.2 Clima

Segundo a classificação de Koopen, o clima da área é do tipo Af, clima tropical úmido, caracterizada principalmente por uma elevada taxa pluviométrica anua, aliada à pequena amplitude anual de temperatura (SUDAM, 1984).

A temperatura média anual é em torno de 27°C, sendo que a temperatura máxima fica em torno de 31°C e a temperatura mínima em torno de 23°C. A precipitação média anual é de 2.500 mm, e o trimestre mais seco ocorre nos meses de setembro, outubro e novembro, e o mais chuvoso nos meses de março, abril e maio. A umidade relativa anual é em torno de 85%,

a insolação média anual é de 2.200 horas. Os ventos predominantes são os alíseos do hemisfério norte, que sopram com direção nitidamente nordeste (SUDAM, 1984).

3.1.3 Solo e relevo

Na APA do Rio Curiaú são encontrados três grandes grupos distintos de solos que são o Latossolo Amarelo, Solos Hidromórficos e Solos Aluviais (FACUNDES; GIBSON, 2000).

3.1.3.1 Latossolo Amarelo:

Esse tipo de solo ocorre predominantemente nos domínios do ecossistema de cerrado. Representa 44,22% da APA, correspondendo a 9.834,28 hectares de sua superfície, estando associado a relevo plano, suave ondulado a ondulado. Os Latossolos Amarelos são solos minerais, não hidromórficos e bem drenados, possuem altos teores de ferro, compreendendo solos muito profundos, ácidos, friáveis, com classe textural variando de média a muito argilosa. Apresenta uma fertilidade natural baixa. Desta forma, são solos que apresentam fortes restrições a práticas agrícolas que empreguem um baixo nível tecnológico (FACUNDES; GIBSON, 2000).

3.1.3.2 Gleys pouco Húmicos

Os Gleys pouco Húmicos são solos hidromórficos que ocorrem nos ambientes da floresta de várzea e nos campos inundáveis com pequena variação de um ambiente para outro. Representam 43,47% da superfície da APA. O solo Hidromórfico Gley pouco Húmico (HGPe1), ocorrem na floresta de várzea e o Gley pouco Húmico (HGPe2), ocorre nos campos inundáveis. Os solos gleys, em oposição aos latossolos, apresentam forte impedimento à drenagem vertical em decorrência da alta concentração de argila e silte. Está constantemente sob processo de sedimentação, decorrente do regime de inundação constante das planícies aluviais. Apresentam boa fertilidade e em condições naturais são mais apropriados para a

cultura do arroz e de pastagens naturais. Esse tipo de solo está associado ao relevo plano de várzea. (FACUNDES; GIBSON, 2000).

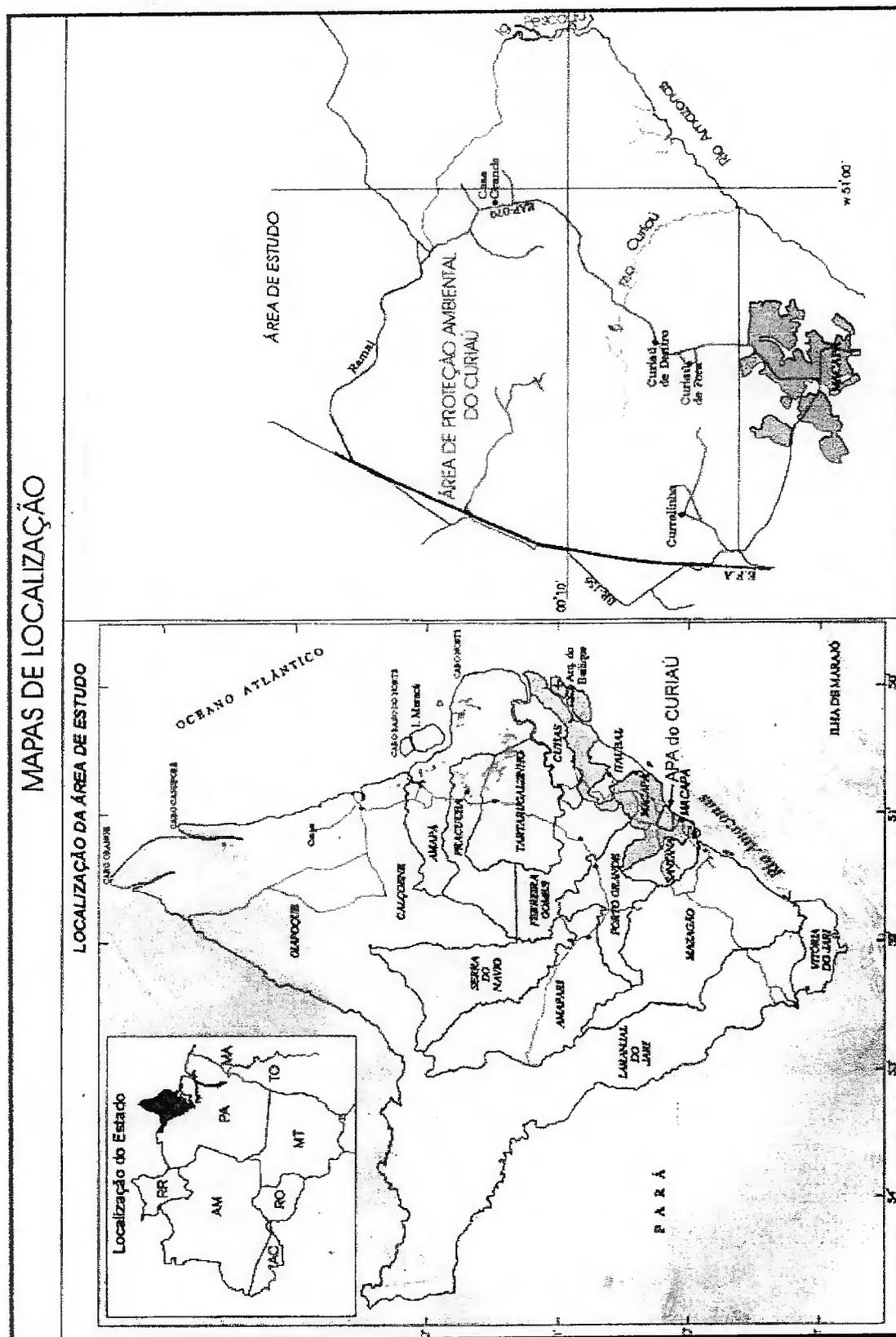


Figura 1: Mapa de localização da área de estudo - Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, Macapá-AP, Brasil

3.1.3.3 Solos aluviais

Esse tipo de solo ocorre no ambiente da mata de galeria. Com um percentual de 6,06%, representa uma das menores fatias dos tipos de solo na APA. Os solos aluviais são solos minerais, pouco desenvolvidos, hidromórficos ou não, formados de sedimentos aluviais recentes, que são depositados periodicamente durante as inundações ou trazidos de áreas próximas pelas águas pluviais. Na APA, predominam os solos aluviais eutróficos, com boa fertilidade. O relevo é plano (FACUNDES; GIBSON, 2000).

3.1.4 Geologia

As formações geológicas da região da APA correspondem à Era Cenozóica, com datação aproximada de 65 milhões de anos, sendo definidos a partir de dois períodos que são o Terciário e o Quaternário (FACUNDES; GIBSON, 2000).

3.1.5 Hidrografia

A bacia hidrográfica do rio Curiaú mede aproximadamente 584,47 km², das quais, cerca de 40%, encontra-se dentro dos limites da APA.

O regime das marés quanto os pluviais são os responsáveis pela influência de alimentação desse sistema hidrográfico. A região central da APA é cortada pelo igarapé Curiaú do meio, que percorre grande extensão dos campos alagados, sendo no verão quando se tem uma redução significativa da área drenada, a única via de transporte fluvial daquela localidade. Durante o período chuvoso, as águas da chuva alagam totalmente os campos permanecendo assim grande parte do ano. (CHAGAS, 1997).

Ao longo de seu percurso, o rio Curiaú atravessa as áreas de campos inundáveis percorrendo 4,5 km dentro da floresta de várzea até desembocar no rio Amazonas. (FACUNDES; GIBSON, 2000) (Figura 2).

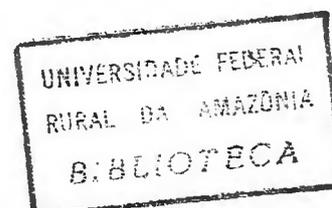




Figura 2: Rio Curiaú - principal canal de drenagem da APA do Curiaú, em período de estiagem. Foto: Raullyan Borja (2000).

3.1.6 Cobertura vegetal

A APA do Rio Curiaú abrange uma superfície de 21.676 hectares, com três ecossistemas predominantes: Cerrado, Campos Inundáveis e a Floresta de Várzea. Também são encontrados dispersivamente na área as Matas de Galeria, Ilhas de Mata e Lagos Permanentes.

3.1.6.1 O Cerrado

Segundo Rabelo e Chagas (1995), o ecossistema cerrado é de natureza campestre, marcado pela presença de uma vegetação xeromórfica, fortemente oligotrófica, destacada por um estrato arbustivo-arborescente, composto por indivíduos tortuosos, suberificados e de folhagem coriácea. (Figura 3 e 5).



Figura 3: Fisionomia do ecossistema Cerrado.
Foto: Raullyan Borja (2000).

Segundo o Relatório da Primeira Aproximação do Zoneamento Ecológico Econômico "O cerrado do Amapá apresenta-se com características comuns ao bioma do Brasil central, acrescidas de outras, que lhe confere particularidades, principalmente, no que diz respeito aos seus padrões florísticos". Na APA do Rio Curiaú, o cerrado distribui-se em toda a sua porção oeste, envolvendo os Campos de Várzea, Matas de Galerias e Ilhas de Matas. Ocupa uma área de 9.632,32 hectares (43,31% da área total da APA), sendo desta forma o ecossistema de maior representatividade dessa unidade de conservação (FACUNDES; GIBSON, 2000).

O estágio de preservação desse ambiente é apenas parcial, pois ao longo de sua distribuição, observam-se níveis de perturbações antrópicas (CHAGAS, 1997).

Na composição florística do cerrado na área, encontra-se duas estratificações principais: o estrato arbóreo-arborescente, constituído por poucas espécies lenhosas

fisionômica e morfologicamente características da vegetação de cerrado, e o estrato herbáceo-arbustivo, que se apresenta de maneira densa, com uma dinâmica vegetativa profundamente influenciada pelos atos de queimadas e momentos estacionais da região (CHAGAS, 1997).

Seus representantes vegetais mais importantes são bate-caixa (*Salvertia convalaeodora*), sucuúba (*Himathanthus articulata*) e caimbé (*Curatella americana*), Mangaba (*Hanchornia speciosa*) e Barbatimão (*Ouratea hexasperma*).

3.1.6.2 A floresta de várzea

No Amapá, esse ecossistema ocupa 4,8% do Estado. Na APA do Rio Curiaú ele representa 20,83%, cobrindo uma área de 4.632,71 hectares, distribuídos numa faixa de orla fluvial de aproximadamente 5 km de largura no sentido sul/nordeste (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Esse ecossistema apresenta duas características de fácil observação. Uma é a condição de inundação, ocasionada principalmente pela variação das marés, fazendo com que haja uma renovação constante de nutrientes, provenientes do sistema de descarga da foz do rio Amazonas. Outra característica é a riqueza de palmeiras, em destaque o açaí (*Euterpe oleracea*).

Esse ecossistema abriga espécies vegetais nobres, como: a andiroba (*Carapa guianensis*), a macacauba (*Platymiscium sp.*), o pau-mulato (*Calicophyllum spruceanum*), o cedro (*Cedrela odorata*) e a virola (*Virola surinamensis*), que são muito usados para a confecção de móveis e na construção civil (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Devido a sua importância como fonte de recursos naturais extrativos, esse ecossistema na APA está bastante modificado do ponto de vista ambiental. Além da exploração seletiva de madeira que vem sendo praticado há anos, causando entre outros danos, o empobrecimento da biodiversidade vegetal, outro problema, ainda mais grave, vem intensificando-se nesse ambiente: parte considerável da floresta está sendo posta abaixo para a formação de pastos artificiais para a criação de gado.

3.1.6.3 Os campos inundáveis (campos de várzea)

São áreas geologicamente recentes, representativas dos campos de planícies do Amapá, que corresponde aos locais de influência fluvial do rio Curiaú e canais de drenagens (CHAGAS, 1997).

Os campos inundáveis possuem uma área total de 5.007,93 hectares, representando 22,51% da APA. (Figura 4 e 5).

Fisicamente, os campos inundáveis correspondem às áreas deprimidas das várzeas que também são submetidas à inundação periódica. Os campos de várzea ou campos inundáveis são ambientes que têm seu regime de inundação intimamente relacionado aos níveis de precipitação das chuvas anuais. (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Sua flora é caracteristicamente herbácea, ocupando uma área de 4.555,69 hectares, onde as macrófitas aquáticas predominam, mas existe uma pequena parcela próximo ao igarapé Pescada com vegetação arbustiva-herbácea (452,24 hectares), onde a espécie predominante é o aturiá (*Machaerium lunatum*).

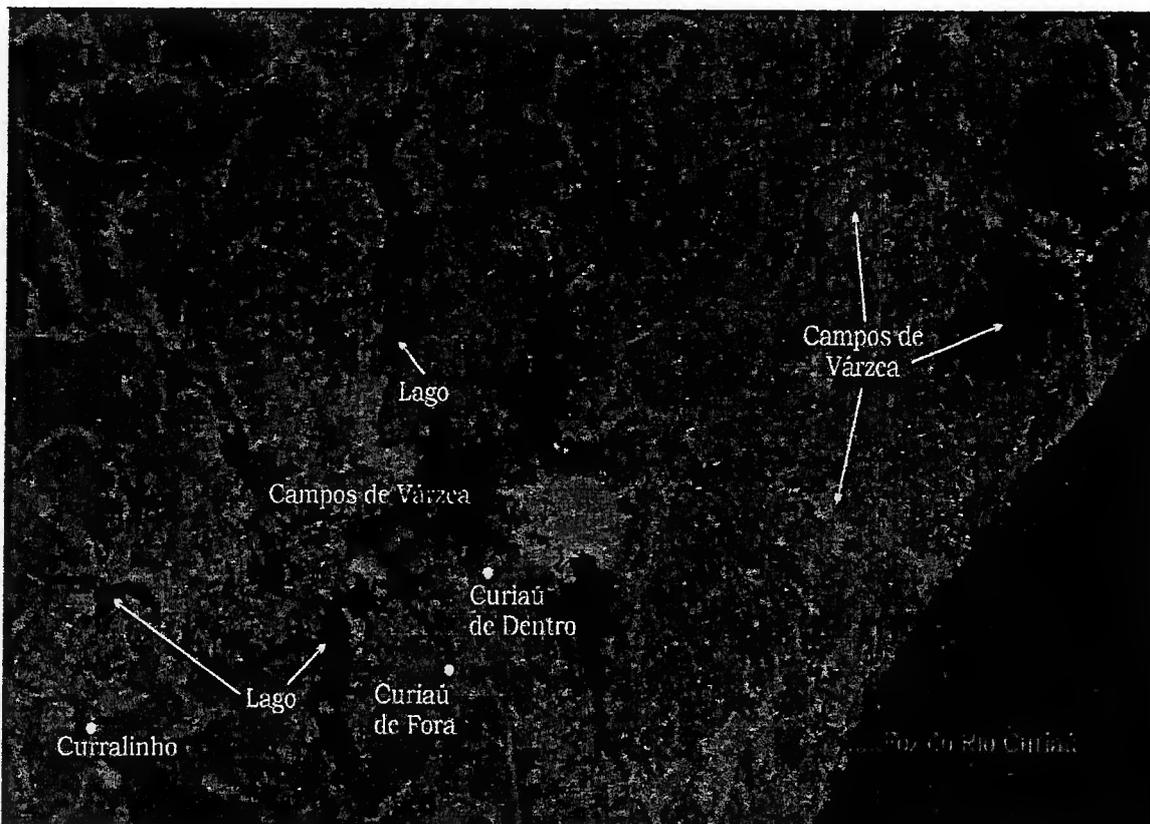


Figura 4: Campos de Várzea da APA do Curiaú.
Fonte: Satélite Landsat (1995).

3.1.6.4 Matas de galeria

Esses ambientes têm como principal característica a presença de nascentes e cursos d'água. Na APA do Curiaú, as matas de galerias são de pequeno a médio porte, nas maiorias circunscritas às veredas de buritizais (*Mauritia flexuosa*), formas pioneiras das referidas matas de galerias, e representam 6,16% da APA, possuindo uma área de 1.369,59 hectares. Desempenha um papel importante na proteção das nascentes dos cursos de água, evitando, entre outras coisas o assoreamento dos mesmos e garantindo a boa qualidade da água. Outro papel importante que justifica a proteção e a conservação desse ecossistema, refere-se a sua condição de servir de habitat natural e refúgio para várias espécies da fauna regional e migratória (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Esse ecossistema na APA do Curiaú, de uma maneira geral, apresenta pouco indício de perturbação antrópica.

3.1.6.5 As ilhas de mata

As ilhas de mata são áreas de fisionomia florestal que se manifestam isoladamente, ora nos domínios do ecossistema cerrado, ora nos chamados “tesos” dos domínios dos campos inundáveis, e representam 6,47% da APA, cobrindo uma área de 1.437,88 hectares. Por se manifestar na maioria das vezes de forma isolada, esse ambiente torna-se vulnerável a qualquer tipo de uso ou exploração (FACUNDES; GIBSON, 2000). (Figura 5).

A sua flora apresenta traços de identidade tanto com as florestas de várzea como as da terra firme, mas apresenta baixa densidade florística, tendo as espécies heliófilas ocupando um lugar de destaque, seja nos estágios de sucessão ou até mesmo fazendo parte de áreas estruturalmente bem formadas (CHAGAS, 1997).

Essas áreas são usadas para a exploração de madeira e para a agricultura, principalmente para o cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), e em consequência já tem de área alterada 169,67 hectares, o que representa 11,80% do total.



Figura 5: Ecossistemas da APA do Curiaú - Cerrado, Campos de Várzea e Ilhas de Mata.
Fonte: Facundes e Gibson (2000).

3.1.7 Fauna

A área do Curiaú por apresentar características singulares que condiciona a existência e formação de habitats e nichos ecológicos variáveis tanto em origem quanto em extensão, é determinante para a presença de uma fauna representativa e variada.

O Cerrado com suas Ilhas de Mata, apresenta uma ornitofauna típica para cada ambiente, onde a ordem Passeriformes está muito bem representada. Ainda neste ambiente existem os animais de médio porte, representados principalmente por roedores e répteis (CHAGAS, 1997).

Nos Campos Inundáveis, juntamente com seus igarapés e canais de drenagem, desenvolve-se uma ictiofauna bastante diversificada e muitas dessas espécies é que constituem a base alimentar dos moradores de Curiaú, como: a Traíra (*Hoplias malabaricus*), o Jejú (*Hoplerthrinus unitaeniatus*), o Tambaqui (*Colossoma macropomum*), o Tamoatá (*Hoplosternun sp.*), o Aracú (*Leporinus sp.*), e o Tucunaré (*Cicha ocellaris*), entre outros (CHAGAS, 1997).

3.1.8 Atividades sócio-econômicas

Segundo Marin (1997), a comunidade de Curiaú tem um enraizamento histórico camponês, com seu modo de vida e práticas culturais.

A atividade moderna desenvolvidas na cidade de Macapá pelo trabalho organizado teve pouco peso, não chegando a provocar um engajamento considerável dos moradores de Curiaú nas atividades urbanas (MARIN, 1997). Muito pelo contrário, grande parte dos que desenvolvem suas atividades na capital, procuram de alguma forma conciliar seu tempo para poderem trabalhar na agricultura e na pecuária.

3.1.8.1 Agricultura

Segundo Facundes e Gibson (2000) a comunidade do Curiaú vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, atividade que, praticamente, apenas satisfaz às necessidades básicas da sua alimentação. Utilizando-se de técnicas primitivas e rudimentares, limitando o cultivo a pequenas áreas. Para a limpeza do terreno é feita a derrubada e posterior queimada e o preparo do solo com enxadas, o que acarreta o mal aproveitamento dos recursos do solo, e esgotando-o em pouco tempo.

A atividade agrícola consiste principalmente no cultivo da mandioca para a produção de farinha e no de hortaliças em pequena escala. Esse último é desenvolvido em áreas sob a influência de várzea e em cerrado, com o uso de técnicas envolvendo adubação mineral e orgânica, irrigação e defensivos.

As culturas permanentes são resumidas àquelas de fundo de quintal nas pequenas propriedades rurais e nas imediações dos núcleos populacionais. Basicamente, são usadas apenas para o consumo local, sem nenhuma conotação e importância comercial.

3.1.8.2 Pecuária

A criação de gado bovino está identificada com a história de ocupação de Curiaú e os moradores sempre dispuseram de algumas cabeças. Essa pecuária é um complemento da agricultura (MARIN, 1997).

A criação bovina é uma das principais atividades desenvolvidas no Curiaú e é praticada por pequenos criadores principalmente com a criação extensiva de búfalos, mas também há a criação de gado bovino, de carneiros e de cavalos, se bem que em menor escala. A pastagem utilizada é eminentemente natural, aproveitando-se das áreas de campos inundáveis que, além de abundantes, oferecem boas condições de forragens e baixos custos de manutenção.

3.1.8.3 Extrativismo

O extrativismo representa um papel muito importante no regime alimentar das comunidades do Curiaú sendo a pesca uma das suas principais atividades, juntamente com a extração seletiva de madeira e coleta do açai (*Euterpe oleracea*) nos ambientes de floresta de várzea. De forma menos significativa, tem-se a utilização da andiroba (*Carapa guianensis*) para a produção de óleo e coleta de outras espécies frutíferas próprias da várzea. No cerrado, são utilizadas várias espécies como ervas medicinais (FACUNDES; GIBSON, 2000).

A caça nas matas de Curiaú já foi abundante, mas hoje com a proximidade da cidade e a própria pressão nas zonas de caça, promovidas em escala alta por caçadores vindos principalmente de Macapá, e também pela legislação ambiental, levou a atividade a sair da área de prioridade dos moradores para conseguir proteína animal.

3.2 CURIAÚ: A VILA DE EX-ESCRAVOS QUE SOBREVIVEM NO AMAPÁ

A região de Curiaú próxima do núcleo urbano de Macapá, é considerado um Sítio Histórico e Ecológico, é composta por cinco núcleos populacionais: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande, Curralinho e Mocambo, cuja população é constituída de negros remanescentes de escravos africanos, que ali originaram um quilombo, totalizam cerca de 1.500 pessoas (GEA, 1999), formadas por várias famílias, ligadas entre si, por laços de sangue e afinidade.

3.2.1 Aspectos etnohistóricos

Existem várias versões sobre a origem da Vila, uma é contada por Silva (2000), no livro “Curiaú: sua história, sua vida”, que há três séculos, chegou de canoa através do Rio Pedreira, uma casal de origem africana, o Sr. Miranda e esposa, e seus sete escravos, todos irmãos, trazendo gado e naquelas margens resolveram ancorar. Um de seus escravos, Francisco Inácio, quando em busca de mel a mando de seu senhor, descobriu o lago, voltou e falou para o seu senhor que tinha achado um bom lugar de cria-ú; e garantidos que o lugar era próprio para a sobrevivência, construíram suas casas e iniciaram a colonização do local. Após a morte do senhor Miranda, os escravos fizeram a partilha das terras entre si, que a partir daí passaram a constituir a comunidade.

Segundo Marin (1997), a origem da toponímia CURIAÚ, precede de uma associação do lugar com finalidade percebida, ou seja, o lugar escolhido para criar gado e o mugido das vacas (CRIA: lugar bom de criar gado; MÚ: mugido das vacas). O vocábulo convergiu para CRIAMÚ e posteriormente para CRIAÚ e hoje, numa linguagem urbana, CURIAÚ.

A outra versão estaria ligada a construção da Fortaleza de São José de Macapá, de onde alguns escravos, africanos revoltados com os maus tratos dispensados a eles, rebelaram-se, fugiram e foram se mocambar (esconder) na região, criando dessa forma o quilombo.

Segundo Marin (1997), “a formação do mocambo do Curiaú encontra apoio tanto em narrativas transcritas como na volumosa documentação do século XVIII e XIX, existente no arquivo público do estado do Pará e ainda em peças arquivísticas existentes nos arquivos da Guiana Francesa”. A década de 1760 foi de entrada de numerosos escravos para os trabalhos da Fortaleza de Macapá, construções das Vilas de Macapá e Mazagão e formação da agricultura comercial. O arroz e o algodão de Macapá e Mazagão financiaram a compra de escravos.

Através de informe pessoal de moradores mais antigos haveria outra versão que reúne as duas versões acima citados, que o Sr. Miranda chegou ao local com sua esposa e escravos e estabeleceram-se. Os escravos africanos, revoltados com os maus tratos sofridos na construção da fortaleza, fugiram e foram se mocambar na região, encontrando o Sr. Miranda que os acolheu, dando-lhes proteção e local para viverem livres. Com o passar do tempo, continuaram a receber outros escravos fugitivos, constituindo o quilombo.

3.2.1.1 A Fortaleza de São José de Macapá

Apesar do reconhecimento da França, em 1713, através do tratado de Utrecht, que a região entre os rios Araguari e Oiapoque pertencia a Portugal, ainda existia a possibilidade da mesma vir a disputar essa posse nos tribunais internacionais, depois de invadi-la e conquistá-la, para provocar outro entendimento sobre a questão que lhe fosse favorável. Diante dessa possibilidade, os portugueses entenderam que precisavam reforçar a presença militar na região, construindo fortificações (SANTOS, 1998).

Vários fortins foram construídos, entre eles, um para ampliação da defesa da vila de Macapá, cujas obras foram concluídas em menos de um ano, em 31 de julho de 1762. Mas a meta das autoridades portuguesas, desde 1738, era a construção de uma fortificação imponente na região de Macapá. Mas, somente em 29 de junho de 1764, quando governava o Maranhão e Grão-Pará, o capitão-general Fernando da Costa Ataíde Teive, o forte começou a ser construído, teve como engenheiro Henrique Antônio Galúcio (SANTOS, 1998).

A Fortaleza a ser erguida estrategicamente na foz, pela margem esquerda do rio Amazonas, tinha as funções de: impedir por esta via, a entrada de navios invasores; defender, abrigando no seu interior os moradores da vila de São José de Macapá, caso sofressem ameaça de assédio; servir como base para o reabastecimento de um exército aliado; refugiar-lo na situação deste bater em retirada; servir como ponte de contra-ataque do inimigo; elo de comunicação e vigilância entre as demais fortificações espalhadas pelo interior e fronteiras; assegurar a exploração dos produtos regionais (droga do sertão), e seu exclusivo comércio com a metrópole; manutenção da ordem soberana de Portugal na região.

A fortificação por ser grandiosa foi lentamente construída pelo trabalho escravo do negro e do indígena. A demora para a conclusão da obra também decorria do descaso do governo português, das intempéries que danificavam por vezes o que já estava pronto e acabado, e das doenças tropicais que dizimaram muitos que nela trabalhavam. O próprio engenheiro Henrique Galúcio foi uma das vítimas, morreu de malária em 27 de outubro de 1769 (SANTOS, 1998).

A Fortaleza São José de Macapá, situada a margem esquerda da foz do rio Amazonas, em frente à cidade de Macapá, teve sua inauguração em 19 de março de 1782, 18 anos depois de seu início (Figura 6).

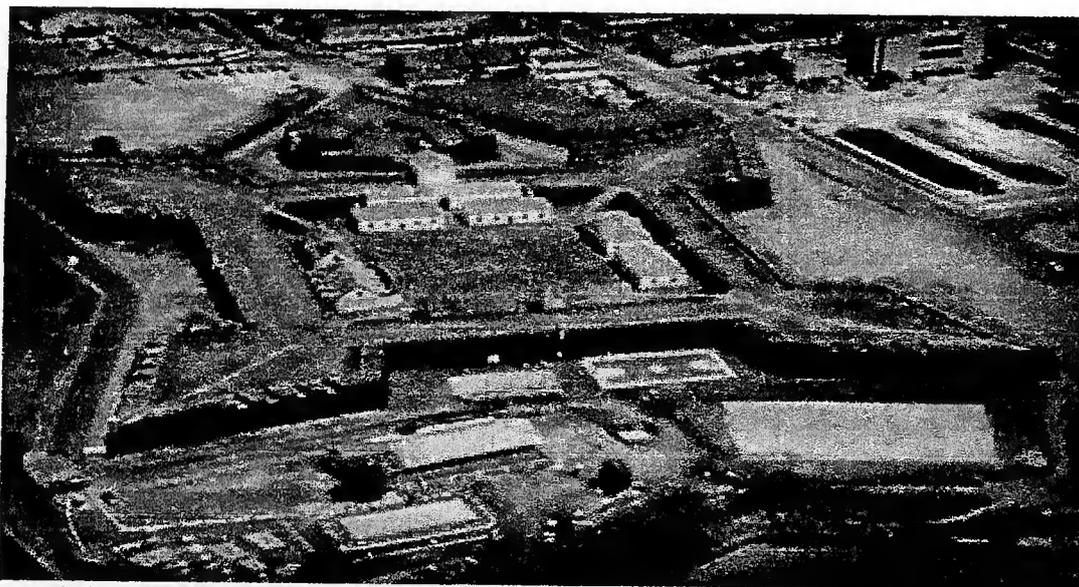


Figura 6: Fortaleza São José de Macapá-Ap.

Fonte: www.amapa.gov.br

3.2.1.2 Aspectos culturais

Curiaú não é, como se pensa, uma sociedade primitiva, mas sim um lugar politicamente organizado. Seus habitantes são profundamente devotos de várias imagens católicas e tradicionalmente as festejam com fé e veneração. Inclusive, essa vocação festeira de suas comunidades, foi o meio encontrado para preservar, através de comemorações religiosas, sua herança afro. Marcadas pelo sincretismo religioso, comemorações conjugam elementos profanos, tais como o Batuque e o Marabaixo, com rituais religiosos, como as Ladainhas em latim, a Procissão e a Folia (CANTO, 1980).

Uma mostra desse sincretismo pode ser vista na festa de São Joaquim, padroeiro do Curiaú. Nesta festa, que ocorre ao longo dos dez dias entre o dia 9 e 19 de agosto, as comunidades reúnem-se para cantar as Ladainhas, caindo, pouco depois, no ritmo quente dos tambores feitos de tronco de macacaueiro e couro de animais silvestres.

No Curiaú de Dentro, comemora-se São Sebastião, em janeiro, e Santo Antônio, em setembro. No Curiaú de Fora, festeja-se Santa Maria, em maio (quando é dançado o Marabaixo), São Tomé, em dezembro, e São Joaquim, o padroeiro dos dois núcleos, no mês de agosto. Em todas as festas, exceto da de Santa Maria, após a ladainha, dança-se o Batuque, a grande expressão de origem africana dos habitantes do lugar. Entretanto, é na Festa de São

Joaquim que existem aspectos mais interessantes. É a única em que ocorre a Folia (CANTO, 1980)

3.3. PESQUISA DE CAMPO

Segundo Amorozo (1996) a pesquisa em etnobotânica baseia-se em dois pontos principais: a coleta de plantas e a coleta de informações sobre o uso destas plantas. Quanto mais detalhadas forem as informações, maiores serão as chances de a pesquisa trazer subsídios de interesse para se avaliar a eficácia e a segurança do uso de plantas para fins terapêuticos.

Já a pesquisa em etnofarmacologia, que tem como base as informações dos usos medicinais de plantas por certa população, busca relacionar o conhecimento tradicional com a pesquisa científica, requerendo desta forma, que as informações sejam as mais detalhadas e fidedignas possíveis (COELHO-FERREIRA, 2000).

O uso das plantas para fins terapêuticos está inserido em um contexto social e ecológico que vai, de muitas formas, moldá-lo, de forma que várias das peculiaridades deste emprego não podem ser entendidas se não se levar em consideração fatores culturais envolvidos, além do ambiente físico onde ele ocorre (AMOROZO, 1996).

O conhecimento tradicional é um sistema integrado de crenças e práticas características de grupos culturais diferentes, e os povos tradicionais, geralmente, afirmam que a “natureza” para eles não é somente um inventário de recursos naturais, mas representa também as forças espirituais e cósmicas que fazem da vida o que ela é (POSEY, 1992).

Deste modo, torna-se essencial a utilização para coleta de dados o método etnográfico, que usa basicamente procedimentos de campo comuns na pesquisa antropológica, pois é um método muito versátil, uma vez que se utiliza de várias técnicas diferentes, sendo possível assim, fazer as mais variadas abordagens de acordo com as mais diversas situações que se possa está envolvido na pesquisa. Entre as técnicas deste método, citam-se: observação participante, entrevistas formais e informais sendo gravadas ou anotadas, sondagens e história de vida. Amorozo (1996), ainda completa que o mais proveitoso é combinar as diversas formas de coleta de dados, de acordo com os interesses e a situação de campo.

Neste trabalho foi realizado:

- Levantamento de dados etnobotânicos e etnofarmacológicos
- Levantamento de dados de caráter sócio-econômicos da população pesquisada

- Coleta de material botânico mencionadas pela comunidade, para a devida identificação

3.3.1. Escolha dos informantes

Para Amorozo (1996), pode se constituir em um informante, qualquer membro de uma sociedade que possua “competência cultural”, ou seja, qualquer membro de uma determinada sociedade que detenham conhecimentos suficientes sobre sua cultura, para poder atuar de forma satisfatória em suas expressões habituais. Em suma, qualquer membro adulto ou até mesmo adolescente ou criança, pode funcionar como informante. Mas, é importante ressaltar que o acervo de conhecimento sobre o uso de plantas medicinais não é igualmente distribuído na população, geralmente com o avanço da idade o acúmulo de conhecimentos é bem maior. Existem também aqueles indivíduos que possuem maior poder intelectual e adquirem com isso maiores conhecimentos, encontram-se ainda aqueles interessados naturalmente, e aqueles que detêm o conhecimento que somente os especialistas, como, parteiras, curandeiros e rezadores possuem.

Como o objetivo geral deste trabalho era resgatar e documentar os conhecimentos tradicionais relativo ao uso das plantas medicinais pela comunidade quilombola de Curiaú, uma pesquisa voltada para o conhecimento detido pela população em geral, o conhecimento que a pessoa comum possui, opta-se por uma amostra aleatória da população, como sugere Amorozo (1996).

A abordagem aos informantes foi feita diretamente no domicílio do entrevistado, onde eram explicados em pormenores os objetivos do trabalho. Para a anuência desses, contou-se com a sua disponibilidade, interesse e boa vontade e isso implicou numa demanda de tempo muito grande, mas, também, muito salutar, pois a partir deste momento, cria-se uma atmosfera de boa amizade, onde as conversas fluíam de maneira confiável, e assim, os dados colhidos foram mais fidedignos.

Foi escolhida a técnica da abordagem direta aos moradores sem uma prévia apresentação formal a líderes comunitários, porque se queria chegar aos possíveis informantes de surpresa e assim as informações repassadas seria fruto do real conhecimento, e não de uma preparação prévia por parte deles para responder “satisfatoriamente” as perguntas feitas e assim, passar aos pesquisadores uma idéia, talvez até irreal do conhecimento. Vale ressaltar, que a receptividade foi cordial por parte de todos os moradores abordados em seus domicílios

e mesmo para conversas informais nas ruas, demonstrando uma educação secular de boa vizinhança, que deve ter sido adquirida de seus ancestrais.

O “universo” da pesquisa foi os moradores das Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, sendo a “população-alvo”, aquela que se encontrava envolvida no local de forma direta, representada por diversos atores sociais. A “população amostrada” foi constituída de frações desses atores, que foram selecionados de forma aleatória, pois como cita Minayo (1992), a amostragem boa é aquela que possibilita a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

3.3.2. Coleta de dados

O trabalho de campo para coleta dos dados foi realizado em julho e dezembro de 2000, janeiro e julho de 2001

Os procedimentos metodológicos para levantamento de dados etnobotânicos, etnofarmacológicos e sócio-econômicos adotados foram determinados pelo caráter da pesquisa ser descritiva, possibilitando assim estudar as características desses núcleos populacionais e os fenômenos ora ocorrentes, e suas interações, usando, como sugere Gil (1994), Minayo (1992, 1994), Cardoso (1986), Chizzotti (1991), Cicourel (1980) e Amorozo (1996), as técnicas da observação participante, entrevistas informais e entrevistas estruturada participante com formulários previamente elaborados que além de dar informações a respeito das plantas medicinais utilizadas pela comunidade e seus usos, ressalta a origem, trabalho, saúde, educação, renda, alimentação, composição familiar, transporte, moradia, etc, da população, que vai permitir o aprofundamento no conhecimento do processo econômico e de organização social, criando uma situação de diálogo entre o polo pesquisado e o polo pesquisador, que é um pré-requisito essencial de aproximação da complexa inter-relação entre estrutura sócio-econômica e as formas empíricas da consciência social.

Foram utilizados três tipos de formulários: um para coleta de dados sócio-econômicos (anexo 1), outro para a coleta de dados etnofarmacológicos (anexo 2) e outro para coleta de dados etnobotânicos (anexo 3).

3.3.2.1. Entrevistas estruturadas

A entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente a informação necessária, que pode ser estruturada (ou padronizada) ou não estruturada (ou despadronizada). Usou-se neste trabalho a entrevista estruturada.

Os formulários utilizados foram previamente elaborados e testados, contendo perguntas abertas e fechadas, feitas oral e individualmente às pessoas em seus próprios domicílios, sendo preferencialmente com o responsável pelo grupo familiar.

Para registro das falas dos atores sociais que participaram da investigação, foi usado um sistema de anotação simultânea da comunicação e/ou gravações. As fotografias e filmagens também foram recursos de registros utilizados, pois, esses registros visuais ampliam o conhecimento do estudo porque proporcionam documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado.

3.3.2.2. Observação participante

Essa técnica utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. A observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais importante e evasivo na vida real (MINAYO, 1994).

Essa técnica foi de fundamental importância para comprovação de dados, para o complemento de outros obtidos durante as entrevistas formais e muito mais ainda, para obter dados ainda não citados durante as mesmas.

3.3.3. Coleta de material botânico

Junto ao trabalho de levantamento de informações etnobotânicas, etnofarmacológicas e sócio-econômicas, coletou-se também exemplares botânicos indicados pela comunidade para fins de identificação botânica e os quais foram incorporados no herbário do IEPA (HAMAB).

As coletas foram realizadas, preferencialmente ao mesmo tempo das entrevistas, para aproveitar a disponibilidade do informante para indicar as plantas para a coleta. Na indisponibilidade do entrevistado ou se determinado material botânico não era encontrado nas redondezas da propriedade ou devido às intempéries não permitirem, era marcado um horário a ser definido pelo próprio morador para coleta do material. Desta forma, realizou-se a coleta de todos os materiais indicados pela comunidade e depositados no Herbário Amapaense (HAMAB).

As técnicas de coleta do material botânico seguiram as descritas por (FIDALGO; BONONI, 1989). MARTIN (1995) e MING (1996). A grafia dos taxa e dos autores foi conferida utilizando a Base de Dados Tropicos do Missouri Botanical Garden (2001).

A identificação e classificação do material botânico foram realizadas por técnicos e especialistas da Divisão de Botânica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá – IEPA, e do Departamento de Botânica do Museu Paraense Emílio Goeldi _MPEG. A classificação das espécies foi realizada segundo Cronquist (1988), exceto a família Leguminosae que se seguiu o trabalho de Polhill e Raven (1981).

3.3.4. Organização e análise dos dados

Os dados coletados e registrados nas cadernetas de campo foram organizados e sistematizados em fichas por planta indicada pela comunidade. Da mesma maneira procedeu-se com o material registrado em fitas cassete, após a transcrição das mesmas. Consta na ficha individual de cada planta, todas as informações referente a mesma e os informantes.

Os dados referentes aos informantes foram organizados em tabela onde consta: nome, sexo, idade, profissão, escolaridade, local de nascimento (cidade e estado), número de filhos, estado civil, condição na unidade domiciliar, documentos que possui e há quanto tempo reside no local. Com relação aos domicílios, os dados foram organizados em tabelas sobre os bens

duráveis da residência, alimentos mais consumidos diariamente, doenças mais comuns, tipo de domicílio, materiais que predominam nas paredes externas, piso e telhados das casas, quantidade de cômodos, origem da água utilizada, coleta de lixo domiciliar e forma de iluminação.

Com relação aos dados etnobotânicos e etnofarmacológicos, tabelas foram originadas para conter informações sobre: doenças mais comuns na família, onde recebe tratamento quando alguém do domicílio adoece, se faz uso de plantas medicinais e de onde vem o conhecimento referente ao uso e, a relação das plantas utilizadas por cada família com suas devidas informações de uso, coleta, disponibilidade e formas de preparo.

Em relação às plantas, organizou-se uma tabela contendo as informações botânicas e ecológicas, com nome vernacular, nome científico, família, hábito de crescimento, disponibilidade da mesma no ambiente e habitat. Em outra tabela, foi organizada a importância das famílias botânicas medidas pelo número de espécies mencionadas, onde foi colocada uma coluna com o número de espécies indicadas por família e o percentual de cada uma.

Uma tabela chamada "repertório fitoterápico" foi elaborada contendo informações etnofarmacológicas das espécies citadas e identificadas no Curiaú, contendo: nome vernacular, nome científico, parte do vegetal usada, indicação medicinal popular, meio de uso e vias de administração.

As tabelas foram analisadas da seguinte forma:

- A classificação das espécies foi realizada segundo Cronquist (1988), exceto para as Leguminosae, que se seguiu o trabalho de Polhill e Raven (1981).
- Para cada família foi calculada a frequência de citação, determinada pelo número de citações de diferentes espécies por diferentes entrevistados, dando a importância de cada espécie pelo seu número de citação.
- Para cada gênero, foi calculada a frequência de citação pelo número de citações de diferentes espécies, por diferentes entrevistados.
- Frequência do hábito de crescimento das plantas.
- Frequência do habitat das plantas.
- Disponibilidade das espécies no ambiente, ou seja, se são cultivadas, espontâneas ou as duas formas.
- Frequência das partes utilizadas nas preparações terapêuticas. Foi calculada com base no espécime e não na espécie, ou seja, uma determinada parte da planta era indicada para mais de uma preparação medicamentosa.

- As preparações terapêuticas foram detalhadas os vários modos de preparo e foi contado o número de citações, pois os preparados são diferentes para diferentes problemas, mas nos preparados em que apresentaram mais de uma espécie, contaram-se os as mesmas apenas a primeira vez em que apareceram, para não haver duplicidade de informações.
- Os modos de uso foram contados todas as vezes que houve indicação. Em muitos casos, uma mesma espécie e uma mesma parte do vegetal eram citadas para várias preparações e problemas diferentes.
- Com relação às indicações terapêuticas, foram relacionados todos os problemas de saúde indicados pela comunidade.
- Na preparação dos fitofármacos, foram apresentadas as diversas formas de preparo dos mesmos, como descritas pelos entrevistados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ENTREVISTAS REALIZADAS

Foram realizadas 42 entrevistas, sendo 15 em Curiaú de Fora e 27 em Curiaú de Dentro. Todas as unidades foram visitadas pelo menos três vezes, sendo sempre no primeiro encontro realizado as devidas apresentações, com exposição dos objetivos do trabalho e solicitando a anuência para as entrevistas. Foram aplicados em cada domicílio dois formulários, sendo um para coleta de dados sócio-econômicos e outro para coleta de dados etnobotânicos e etnofarmacológicos.

4.2 CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS

4.2.1 Idade e sexo dos entrevistados

O universo amostral dos informantes está compreendido em uma larga faixa de idade, indo de 20 a 80 anos, sendo que esses extremos são representados por pessoas do sexo masculino, e pertencentes ao Curiaú de Dentro, enquanto as pessoas do sexo feminino atingiram um intervalo de 21 a 76 anos, pertencentes aos dois locais de estudo. A idade média geral dos entrevistados foi de 43 anos.

A faixa etária mais freqüente foi entre de 31 – 35 anos, com 7 informantes (16,67%), seguidas pelas faixas etárias de 26 – 30 anos e 41 – 45 anos, com 6 informantes cada um (14,29%). A faixa de idade mais jovem de 20 – 25 anos, veio logo a seguir, com 5 informantes (11,90%), apresentando uma boa representatividade. O grupo com a maior faixa etária foi de 76 – 80 anos, que apresentou 2 informantes (4,76%), sendo uma das mais baixas (Tabela 1).

Stipanovich (2001), em trabalho na área de Curiaú, mas usando metodologia diferente na escolha dos informantes da aplicada a este trabalho, teve como idade média dos informantes 59 anos, sendo o intervalo compreendido de 35 a 82 anos.

A diferença de dados foi motivada pela metodologia aplicada para a escolha dos informantes. Neste trabalho, como o objetivo era resgatar e documentar os conhecimentos tradicionais relativo ao uso das plantas medicinais pela comunidade como um todo, ou seja, o conhecimento que a pessoa comum possui, foi realizado uma amostra aleatória e, não um levantamento visando pessoas específicas, os chamados “especialistas”, como parteiras e curandeiros, pois nesse caso, a amostra seria representativa apenas para esse grupo e, não teria a realidade dos conhecimentos da comunidade, como foi feito no trabalho citado acima.

Tabela 1: Idade e sexo dos entrevistados.

Faixa etária	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
20 – 25	2	2	4	1	-	1	5	11,90
26 – 30	1	3	4	1	1	2	6	14,29
31 – 35	1	4	5	2	-	2	7	16,67
36 – 40	-	1	1	-	2	2	3	7,14
41 – 45	1	4	5	1	-	1	6	14,29
46 – 50	-	-	-	2	-	2	2	4,76
51 – 55	2	-	2	-	-	-	2	4,76
56 – 60	-	2	2	-	1	1	3	7,14
61 – 65	-	-	-	2	-	2	2	4,76
66 – 70	1	-	1	-	1	1	2	4,76
71 – 75	-	2	2	-	-	-	2	4,76
76 – 80	1	-	1	-	1	1	2	4,76
Total	9	18	27	9	6	15	42	100

4.2.2 Condição dos entrevistados na unidade domiciliar

A Tabela 2 apresenta a condição que os entrevistados tinham no domicílio no momento da pesquisa. Dos 42 entrevistados no Curiaú, 27 (64,29%) foram os próprios chefes de família¹, 9 (21,43%) foram os cônjuges², 5 (11,90%), foram os filhos³, e 1(2,38%) por outro parente. Observando para o aspecto de domínio das informações serem bem maior por pessoas que tem uma idade mais avançada e por pessoas que possuem as responsabilidades de cuidar de filhos e da família de modo geral, abrangência entre chefes e seus cônjuges foi de

¹ Segundo o IBGE (1998) é a pessoa responsável economicamente pela unidade domiciliar ou que assim for considerado pelos demais moradores, independente de sexo.

² Segundo o IBGE (1998) é a pessoa que vive conjugalmente com a pessoa de referência na unidade domiciliar, ou seja, o chefe de família, existindo ou não o vínculo matrimonial.

³ Segundo o IBGE (1998) é a pessoa que é filho (a), enteado (a) ou filho (a) adotiva do chefe de família.

36 entrevistados, tendo um percentual de 85,72% do total, bem superior aos filhos e outros parentes que somam 6 entrevistados, com percentual de 14,28%.

Tabela 2: Condição dos entrevistados na unidade domiciliar.

Condição no Domicílio	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
Chefe	6	10	16	8	3	11	27	64,29
Conjuge	1	5	6	-	3	3	9	21,43
Filho	2	2	4	1	-	1	5	11,90
Outro parente	-	1	1	-	-	-	1	2,38
Total	9	18	27	9	6	15	42	100

4.2.3 Escolaridade dos entrevistados

O universo amostrado teve um largo intervalo, indo de pessoas que nunca estudaram até pessoas com o 2º grau completo, mas não apresentou nenhum entrevistado com o 3º grau ou em nível universitário, pois em geral essas pessoas, até por força da situação de trabalho e estudo, mudam-se para Macapá, pois em Curiaú não existem empregos para pessoas com formação superior, e as escolas de nível médio e superior encontram-se na capital., algumas, bem distante do Curiaú (Tabela 3).

Um aspecto interessante observado foram os extremos do intervalo, quem nunca estudou com 7 (16,67%) dos entrevistados e quem tem o 2º grau completo com 10 (23,81%), que apresentaram os maiores valores. Com o 1º grau completo aparecem 6 (14,29%) e numa faixa mediana considerável com 11 (26,19%) estão as pessoas com estudo até as 4ª e 5ª séries do ensino fundamental.

Dos entrevistados com 2º grau completo, a média de idade é de 30 anos no geral, sendo a média no Curiaú de Dentro de 28 anos, e 28 e 27 anos respectivamente de homens e mulheres, sendo o entrevistado mais novo com o 2º grau com 30 anos e a mais velha com 42 anos. No Curiaú de Fora, a média é de 35 anos, sendo de 36 e 34 anos respectivamente para homens e mulheres, tendo o entrevistado com 2º grau mais novo com 20 anos e o mais velho com 43 anos.

Em relação aos entrevistados que nunca estudou, a idade média geral é de 66 anos, sendo no Curiaú de Dentro a média de 76 anos, e 80 e 74 anos respectivamente para homens e mulheres, tendo o entrevistado mais velho com 80 anos e a mais novo com 72 anos. No

Curiaú de Fora, a média é de 58 anos, e 52 e 76 anos respectivamente para homens e mulheres, tendo o entrevistado mais novo com 47 anos e o mais velho com 76 anos.

Stipanovich (2001), em Curiaú de Dentro, teve como informantes que nunca estudaram 25% e que apresentam o 2º grau, 16,67% do total.

Tabela 3: Escolaridade dos entrevistados.

Escolaridade	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
-Nunca estudou	1	2	3	3	1	4	7	16,67
-Até 2ª série	-	1	1	1	-	1	2	4,76
-Até 3ª série	1	1	2	-	-	-	2	4,76
-Até 4ª série	2	3	5	1	-	1	6	14,29
-Até 5ª série	1	2	3	-	2	2	5	11,90
-Até 6ª série	-	1	1	-	1	1	2	4,76
-Até 7ª série	-	-	-	-	-	-	1	2,38
-Até 8ª série	-	-	-	1	-	1	1	2,38
-1º grau comp	1	3	4	1	1	2	6	14,29
-2º grau comp	3	4	7	2	1	3	10	23,81
	9	18	27	9	6	15	42	100

4.2.4 Origem dos entrevistados

Na Tabela 4 é apresentada a origem dos moradores entrevistados, sendo que 40 informantes (95,24%), a maioria absoluta, são do estado do Amapá e somente 2 informantes (4,76%) são de outros estados. Destes 40 entrevistados amapaenses, 31 (73,81%), são nativos da região do Curiaú, 7 (16,67%) tem sua origem em Macapá, 1 (2,38%) do município de Calçoene, e 1 (2,38%) do município de Jarí.

Esse número representativo de Macapá, talvez se deva a proximidade com a região com a capital do estado. E destes 7 de Macapá, 5 (71,43%), residem hoje na Vila de Curiaú de Fora, que é o primeiro local de encontro com a região de quem vem de Macapá ou de outros estados, como no caso. Os 2 (4,76%) informantes de outro estado são de São Luís-MA

É interessante notar que das 24 mulheres entrevistadas, 21 (87,5%), são nativas do Curiaú, e dos 18 entrevistados homens, somente 10 (55,6%) são nativos.

Tabela 4: Origem dos entrevistados.

Origem	Curiaú de Dentro			Curiaú de Fora			T1+ T2	Frequência Relativa (%)
	Masc.	Fem.	Total (T1)	Masc.	Fem.	Total (T2)		
Curiaú / AP	7	15	22	3	6	9	31	73,81
Macapá / AP	1	1	2	5	-	5	7	16,67
Calçoene / AP	-	-	-	1	-	1	1	2,38
Jari / AP	-	1	1	-	-	-	1	2,38
São Luís / MA	1	1	2	-	-	-	2	4,76
	9	18	27	9	6	15	42	100

Quanto ao tempo de moradia no local, dos 42 entrevistados, 39 (92,86%) já residem no Curiaú há mais de 10 anos, e apenas 3 (7,14%) moram a menos tempo, sendo 2 (4,76%) morando no local entre 2 – 4 anos, e apenas 1 (2,38%) está na faixa entre 8 – 10 anos. Isso mostra que a grande maioria dos deles já residem no local há um tempo considerável, tempo este que é fundamental para a integração sócio-econômica e cultural do local, demonstrando que a amostra de informantes para o trabalho foi bastante significativa nesse aspecto.

Dos três entrevistados que nasceram fora da região do Curiaú e que se mudaram há menos de 10 anos, todos são originários de Macapá. Uma mulher e dois homens, sendo que uma mulher e um homem vieram por motivo de união com nativo da área e outro veio com a esperança de melhorar de vida, para trabalhar na roça e pecuária.

4.2.5 Estado civil dos entrevistados

Em relação ao estado civil dos entrevistados, 27 (64,29%) vivem com companheiro (a), e 15 (35,71%), no momento moram sem companheiro (a). Dos 27 entrevistados que vivem em união, 8 (29,63%) provém de casamento civil e religioso, 4 (14,82%) vem só de casamento religioso, 1 (11,11%) vem de casamento civil, e 12 (44,44%), a maioria, de união consensual. Isso demonstra que a cultura local é ainda muito forte em relação a união de casais de receberem a benção dos pais e unem-se em corpo e alma, o chamado “amigar”.

Dos 15 entrevistados que declararam não viver no momento com parceiro (a), 12 (80%), disseram já ter vivido com alguém pelo menos uma vez na vida e 3 (20%), declararam nunca terem morado em companhia de pessoa alguma. Dos 12 que já viveram em união, 7 (58,33%) são desquitados(as), divorciados(as) ou separados(as), e 5 (41,67%), são viúvos (as)

4.2.6 Fecundidade dos entrevistados

Com relação à fecundidade (Tabela 5), 41 (97,62%) já tiveram filhos e apenas 1 (2,38%) ainda não teve, mas declarou que em breve pretende gerar um herdeiro. O intervalo compreendido entre 1 – 3 filhos, com 21 entrevistados (51,22%), foi a faixa mais alta, e isso deve-se, segundo os entrevistados, as dificuldades hoje encontradas para se criá-los, tanto no aspecto econômico como no social e, também, por terem o conhecimento dos meios de contra-concepção, pode-se com toda segurança fazer um planejamento familiar, coisa que era praticamente impossível décadas atrás, ficava tudo a “carga de Deus, se vinha o filho era bem vindo, e não havia espaço para reclamações”. Essa colocação pode ser confirmada pelos dados apresentados, pois quanto mais o intervalo de número de filhos aumenta, diminui o número de entrevistados com filhos, ou seja, na média entre 4 – 6 filhos, 16 (39,02%) e na média de 7 – 10 filhos, somente 4 (9,76%). Na faixa com mais de 10 filhos, não houve nenhuma citação. Mas é importante apontar que em um intervalo um pouco maior, na faixa de 1 – 6 filhos, que é a faixa do número de filhos /família do Estado, os entrevistados sobem para 37 (90,24%), o que representa a maioria absoluta.

Tabela 5: Número de filhos / entrevistado.

Nº de filhos	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
1 – 3	12	9	21	51,22
4 – 6	12	4	16	39,02
7 – 10	2	2	4	9,76
Mais de 10	-	-	-	-
Total	26	15	41	100

4.3 CARACTERÍSTICAS DA UNIDADE DOMICILIAR DOS ENTREVISTADOS

Nesse aspecto, procurou-se identificar a espécie de domicílio e a investigar as características da habitação, bem como a existência de alguns bens duráveis, pois esses indicadores isolados ou associados, por exemplo, com o número de moradores e rendimento médio familiar, permitem construir indicadores importantes sobre as condições e a qualidade de vida da comunidade.

O tipo de domicílio padrão dos entrevistados do Curiaú é casa, com todas as 42 indicações (100%). Na tabela 6, é apresentado o tipo de material que predomina na construção

das paredes externas do domicílio, sendo que 34 ((80,95%) têm como predominante a madeira aparelhada, que é aquela que foi preparada para fins de construção residencial, 5 (11,91%) apresentam suas construções em alvenaria, com paredes de tijolos, e 3 (7,14%), usam nas paredes de suas casas a madeira aproveitada, que é aquela que não foi devidamente preparada para fins de construção ou é uma madeira aproveitada de outras construções que já descartaram. Isso mostra que de uma forma geral, os domicílios possuem uma boa estrutura de construção, pois somando as casas em alvenaria e as de madeira aparelhada, tem-se um valor de 39 domicílios, representando um percentual de 92,86% do total. Mas, a tradição de morar em casas de madeira ainda o prevalece, pois no geral tem um total de 37 residências (88,09%) construídas com esse tipo de material, que representa um referencial na paisagem do local.

No Curiaú de Fora, apesar de apresentar, nesse caso, dados absolutos menores, seus percentuais são maiores, tanto em relação as 2 (13,33%) casas de alvenaria e as casas de madeira aparelhada que são 13 (86,67%), em relação as casas do Curiaú de Dentro que tem 3 (11,11%) e 21 (77,78%), respectivamente casas em alvenaria e madeira aparelhada. O Curiaú de Fora está mais próximo do limite da APA do Curiaú com a periferia urbana de Macapá, já configurando em sua paisagem, modelos de moradia mais parecidos com o da capital.

Tabela 6: Material predominante nas paredes externas dos domicílios.

Material Predominante	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Alvenaria	3	2	5	11,91
Madeira aparelhada	21	13	34	80,95
Madeira aproveitada	3	-	3	7,14
Total	27	15	42	100

Com relação ao tipo de material que predomina o telhado dos domicílios dos entrevistados, dois tipos básicos predominaram a telha de barro em 17 (40,48%) das residências e as telhas de amianto (brasilit) em 25 (59,52%) dos domicílios. Isso mostra ainda a procura ainda grande por este tipo de telhas devido seu preço mais em conta para a aquisição e a maior facilidade de acomodá-las nos telhados, embora não seja o tipo de material mais aconselhado para regiões quentes e úmidas como a de Curiaú, pois os ambientes internos das residências tornam-se muito mais quentes em relação às casas com telhas de barro, que conseguem manter uma temperatura mais amena em seu interior. Os dados em

relação ao Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, seguiram os percentuais idênticos aos padrões gerais.

O tipo de piso predominante nos domicílios distribui-se igualmente entre o piso feito de madeira bruta, o de madeira beneficiada e de cimento, cada um em 14 (33,33%) dos 42 domicílios dos entrevistados. Dos 27 domicílios de Curiaú de Dentro, 12 (44,44%), possuem o piso feito de madeira bruta, 8 (29,63%) de madeira beneficiada e 7 (25,93%), de cimento, enquanto em Curiaú de Fora, dos 15 domicílios pesquisados, 2 (13,33%) têm o piso feito de madeira bruta, 6 (40%) de madeira beneficiada, e 7 (46,67%) de cimento.

Esses dados vêm confirmar que as casas de Curiaú de Fora estão construídas em melhores condições que as casas de Curiaú de Dentro, o maior número destas possuem telhas de barro, piso de cimento, paredes de madeira beneficiada ou de alvenaria.

Dos 47 entrevistados, todos confirmaram serem os proprietários de seus domicílios. A média de cômodos por domicílio é de 4, sendo que no Curiaú de Dentro a casa com menor número de cômodos possui 1 e a maior com 8, enquanto no Curiaú de Fora, a casa com menor número de cômodos possui 2 e a maior com 6. A média de cômodos é de 4 também para cada vila.

Observa-se na Tabela 7, que a água utilizada nos domicílios dos entrevistados de Curiaú, para consumo e necessidades do dia-a-dia, vem de três fontes. Da rede de distribuição geral, que é oferecida por um sistema isolado da CAESA (Companhia de Água e Esgoto do Amapá) e controlado pela comunidade, com um total de 33 (78,57%) domicílios, os poços amazonas estão em 5 (11,91%) das residências e 4 (9,52%) provém de poços artesianos.

Apesar do tipo de água proveniente de poço amazonas ser perigoso no sentido de está contaminado que propiciar a proliferação de doenças. COSTA et al. (1999), revela que esse tipo de instalação sanitária obedece os padrões exigidos pela CAESA, ou seja, os mesmo estão salvaguardando as distâncias mínimas exigidas entre o poço e a fossa.

Tabela 7: Origem da água nos domicílios.

Origem da água	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Rede geral de distribuição	20	13	33	78,57
Poço amazonas	4	1	5	11,91
Poço artesiano	3	1	4	9,52
Total	27	15	42	100

Quanto ao destino do lixo doméstico, em 21 (50%) das residências o lixo é coletado pelo menos uma vez por semana pela Prefeitura Municipal de Macapá, em 19 (45%), é queimado ou enterrado na propriedade, e em 2 (5%) dos domicílios, o lixo é jogado em terreno baldio. Esses dados apontam que, pelo menos, metade das residências amostradas está com práticas inadequadas de destinação correta do lixo, de acordo com o Código de Postura do Município, devido à poluição, tanto ambiental quanto visual que produz e ainda mais pelo risco de se tornar, esses lixões, focos de transmissão das mais variadas doenças.

Em todos os domicílios visitados, a forma de iluminação é a energia elétrica, fornecida pela Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA), e isso representa para a comunidade a possibilidade da aquisição de uma variedade de bens de consumo similares aos encontrados na capital do estado, colocando a comunidade como um todo no processo de globalização, que em algumas localidades do Amapá são inviabilizadas pela falta de energia elétrica. Mas o que caracteriza a posse desses bens é o maior ou menor poder aquisitivo de cada família, como demonstrado na Tabela 8.

O fogão de duas ou quatro bocas foi o único bem presente em todos os domicílios, pela praticidade, havendo uma troca geral pelo que era usado por quase todos, O fogão de barro, mas as pessoas em número considerável ainda os mantêm, pois, dizem, que “para uma boa feijoada, para uma boa maniçoba, não existe melhor”. A geladeira é outro bem de quase unanimidade, em 41 (97,62%) dos domicílios, pois assim como o fogão, é de muita utilidade no dia-a-dia, pois além de uma água gelada, ainda tem como manter os alimentos conservados por muita mais tempo e de forma saudável. O rádio e a televisão aparecem em 39 (92,86%) das casas, e é uma forma de laser da comunidade e de se manter informado das “coisas do mundo”. O ferro elétrico com 38 (90,48%) é outro bem que veio substituir o antigo ferro de brasa, que além de ser de difícil manuseio e oferecer sérios riscos de acidentes, com a chegada da energia elétrica, tornou-se obsoleto, mas muitos moradores ainda o acham o melhor para deixar as “roupas de festas na beca”. Talvez pelo lugar ser muito aprazível, com ótima ventilação e também desmotivado pelo preço, somente 1 (2,38%) ar-condicionado apareceu entre os entrevistados, mas o ventilador, com 33 (78,57%) indicações, desponta entre os moradores. O computador foi um bem que não apareceu em nenhum dos domicílios, mas o aparelho de som apareceu em 20 (47,62%) das residências. Com relação aos meios de transporte, o veículo mais popular é a bicicleta presente em 27 (64,29%) dos domicílios, em contraste com os automóveis e motocicletas que não tiveram presença em nenhuma casa.

Tabela 8: Bens de consumo duráveis dos domicílios.

Bens de Consumo	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Fogão de duas ou quatro bocas	27	15	42	100
Filtro de água	4	2	6	14,29
Geladeira	26	15	41	97,62
Freezer	7	5	12	28,57
Máq. Lavar roupas	7	4	11	26,19
Liquidificador	13	7	20	47,62
Ferro elétrico	24	14	38	90,48
Telefone	1	1	2	4,76
Televisão	26	13	39	92,86
Vídeo-cassete	4	1	5	11,90
Rádio	24	15	39	92,86
Aparelho de som	15	5	20	47,62
Parabólica	-	2	2	4,76
Ar-condicionado	1	-	1	2,38
Ventilador	21	12	33	78,57
Computador	-	-	-	-
Bicicleta	16	11	27	64,29
Motocicleta	-	-	-	-
Automóvel	-	-	-	-

4.4 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS MORADORES

Este item foi para caracterizar os moradores na unidade domiciliar, como, tamanho e religião da família, responsável pelo domicílio e alimentos mais consumidos diariamente.

Na comunidade de Curiaú o número de pessoas residentes nos domicílios amostrados totalizam 192 pessoas, com uma média de 5 pessoas por domicílio, sendo, 102 (53,12%) do sexo feminino e 90 (46,88%) do sexo masculino. O Curiaú de Dentro teve 134 (69,79%) das pessoas contabilizadas nos domicílios com a média de 5 moradores por domicílio, sendo 66 (49,25%) de homens e 68 (50,75%) de mulheres, família mais numerosa possui 11 pessoas e a menor com um. Em Curiaú de Fora o número de moradores nos domicílios visitados somam

58 pessoas com uma média de 4 moradores por residência, sendo 24 (41,38%) de homens e 34 (58,62%) de mulheres. A família mais numerosa possui 7 moradores e 1 a menor família (Tabela 9).

Tabela 9: Número de moradores residentes nos domicílios amostrados.

Local	Homem	Mulher	Total	Frequência relativa (%)
Curiaú de Dentro	66	68	134	69,79
Curiaú de Fora	24	34	58	30,21
Total	90	102	192	100
%	46,88	53,12	100	

Em 26 (61,90%) dos domicílios amostrados, os responsáveis pelo grupo familiar eram do sexo masculino e 16 (38,10%), do sexo feminino. No Curiaú de Dentro, os chefes de família são 16 (59,26%) e 11 (40,74%) de homens e mulheres respectivamente. No Curiaú de Fora, os responsáveis pelo domicílio são 10 (66,67%) do sexo masculino e 5 (33,33%) feminino. Esses números mostram que apesar do número de homens responsáveis pelo domicílio serem maiores, o número de mulheres que se tornam chefes de família aumenta consideravelmente e continuamente, segundo os próprios moradores, em função das mesmas “estarem mais independentes e saírem em busca do prejuízo”.

Quanto a religiosidade, 40 (95,24%) informantes confessaram-se católicos, 1 (2,38%) protestante e 1 (2,38%) se declarou sem religião nenhuma, não acreditando em nada. Em Curiaú de Dentro, todos são católicos, em Curiaú de Fora, os católicos somam 13 (86,66%), 1 (6,67%) é protestante e 1(6,67%) sem religião.

Stipanovich (2001) encontrou para Curiaú de Dentro, todos os informantes declarando-se católicos

A Tabela 10 mostra a relação dos alimentos mais consumidos diariamente pelas 42 famílias dos entrevistados. Os dados mostram claramente que a farinha (42 entrevistados – 100%) , o arroz (42 entrevistados – 100%), o feijão (41 entrevistados – 97,62%), a carne bovina e bubalina (38 entrevistados – 90,48%), o frango (35 entrevistados – 83,33%), o peixe (40 entrevistados – 95,24) e frutas (40 entrevistados – 95,24%), formam a base da alimentação da comunidade. A caça, apesar da legislação ambiental e da pressão antrópica existente, ainda aparece na área em quantidades consideráveis, apesar, segundo os entrevistados, terem sofrido uma baixa grande em função da caça predatória feita por pessoas de fora da comunidade, que vem principalmente nos finais de semana praticar o “esporte”. Os

residentes do Curiaú, quando caçam, o fazem para a alimentação, não o fazem para vender e se constitui em alimento regular de 25 (59,52%) dos entrevistados. Os animais silvestres mais consumidos são: o tatu (*Priodontes giganteus*), o veado (*Mazama americana*), a paca (*Agouti paca*), a anta (*Tapirus terrestris*) e a cutia (*Dasyprocta aguti*), em ordem de preferência. Os peixes mais consumidos, em ordem de preferência, são o tucunaré (*Cichla ocellaris*), traíra (*Hoplias malabaricus*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), jejú (*Hoplerythrinus unitaeniatus*), tamoatá (*Hoplosternum sp.*), mafurá (*Serrasalmus sp.*), piratininga (*Colossoma bidens*), aracú (*Leporinus sp.*) e o pirarucú (*Arapaima gigas*). As frutas preferenciais, são a banana (*Musa sp.*), laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck), açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), manga (*Mangifera indica* L.), cajú (*Anacardium occidentale* L.), abacate (*Persea americana* Mill.), acerola (*Malpighia puniceifolia* L.) e o mamão (*Carica papaya* L.). As verduras e legumes que completam a base alimentar são bastante consumidos e plantados em hortas caseiras, nos quintais, pois muitas delas, além de servir de alimento, se prestam também para serem usados na medicina popular, como, o tomate (*Lycopersicon esculentum* L.), cebola (*Allium cepa* L.), alface (*Lactuca sativa* L.), couve (*Brassica oleracea* L.), jerimum (*Cucurbita pepo* L.), jambú (*Spilanthes oleracea* Jacq.), entre outras.

Tabela 10: Alimentos mais consumidos diariamente pelas famílias.

Alimento	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Carne bovina	24	14	38	90,48
Carne suína	9	11	20	47,62
Carne de búfalo	25	13	38	90,48
Frango	22	13	35	83,33
Arroz	27	15	42	100
Feijão	26	15	41	97,62
Farinha	27	15	42	100
Macarrão	23	15	38	90,48
Peixe	25	15	40	95,24
Frutas	25	15	40	95,24
Verduras e legumes	23	12	35	83,33
Caça	15	10	25	59,52

4.5 CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS DAS FAMÍLIAS DOS ENTREVISTADOS

Quanto a contribuição de membros da família para renda mensal, 21 (50%) dos informantes declararam que somente uma pessoa contribui, 15 (35,71%) duas pessoas, 5 (11,91%) 3 à 5 pessoas, e somente 1 (2,38%) com mais de cinco.

Em relação ao rendimento mensal da família, 4 (9,52%) declararam ganhar até 1 salário mínimo (SM), 16 (38,10%) de 1 até 2 SM, 20 (47,62%) de 3 até 4 SM, 1 (2,38%) de 5 a 6 SM, e somente 1 (2,38%), declarou ganhar mais de 10 SM. A faixa que vai até 2 SM abrange 20 (47,24%) dos entrevistados e somando mais a faixa de até 4 SM, tem-se a maioria absoluta, com um total de 40 (95,24%). Isso é reflexo dos poucos empregos que existem no local e os baixos salários oferecidos Na Tabela 11 está à listagem da atividade profissional da pessoa responsável pela maior fonte de renda do domicílio.

Na comunidade, 18 (42,86%) trabalham por conta própria, 3 (7,14%) são aposentados, 2 (4,76%) empregadas domésticas, 1 (2,38%) pensionista, 8 (19,05%) são funcionários municipais, 7 (16,67%) estaduais e 3 (7,14%) funcionários federais.

Tabela 11: Atividade profissional da pessoa de maior fonte de renda do domicílio.

ATIVIDADE PROFISSIONAL
Agente de saúde
Agricultor
Assistente comunitário
Auxiliar de artefice
Auxiliar de enfermagem
Auxiliar de portaria
Bagageiro
Caseiro
Construtor civil
Empregada doméstica
Gari
Inspetor colegial
Merendeira escolar
Pedreiro
Pensionista
Representante comunitário
Roceiro
Servente escolar
Serviços gerais
Vigilante

4.6 DADOS ETNOBOTÂNICOS E ETNOFARMACOLÓGICOS

Quando existem casos de doença na família, todos os entrevistados (42 - 100%) declararam ir ao posto médico ou hospital, 14 (33,33%), disseram ir a outra cidade em casos mais graves, e 34 (80,95%), informaram que além desses procedimentos, fazem tratamento com remédios naturais, usando o poder de cura da natureza.

Na Tabela 12, são apresentadas as doenças registradas como as mais comuns nas famílias dos entrevistados. A diarreia (22 entrevistados - 52,38%), a gripe (21 - 50%), a verminose (13 - 30,95%), as micoses (12 - 28,57%), as anemias (12 - 28,57%) e a malária (11 - 26,19%), são as de maior ocorrência na comunidade.

Tabela 12: Doenças mais comuns nas famílias dos entrevistados.

Doença	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Total	Frequência Relativa (%)
Diarreia	12	10	22	52,38
Gripe	12	9	21	50
Verminose	8	5	13	30,95
Micoses	6	6	12	28,57
Anemia	6	6	12	28,57
Malária	6	5	11	26,19
Reumatismo	7	3	10	23,81
Problemas cardíacos	8	2	10	23,81
Problemas de rins	5	4	9	21,43
Dor de cabeça	6	2	8	19,05
Gastrite	4	2	6	14,29
Diabetes	3	1	4	9,52
Sarampo	3	1	4	9,52
Febre amarela	2	1	3	7,14
Catapora	2	1	3	7,14
Inflamação do útero	2	1	3	7,14
Pneumonia	1	1	2	4,76
Tuberculose	1	-	1	2,38
Leishmaniose	1	-	1	2,38
Outros	7	4	11	26,19

As quatro primeiras têm como causas atribuídas a intensa exposição solar e o hábito, principalmente das crianças, de brincarem nas ruas e quintais. No caso das anemias, talvez a causa seja motivada por uma dieta deficiente em ferro, e a malária, é causada por criadouros que surgem na época da estiagem, quando o lago seca e as poças de água parada fica em vários lugares, constituindo-se, desta forma, em ambientes ideais para a proliferação do transmissor da malária (Figura 7).

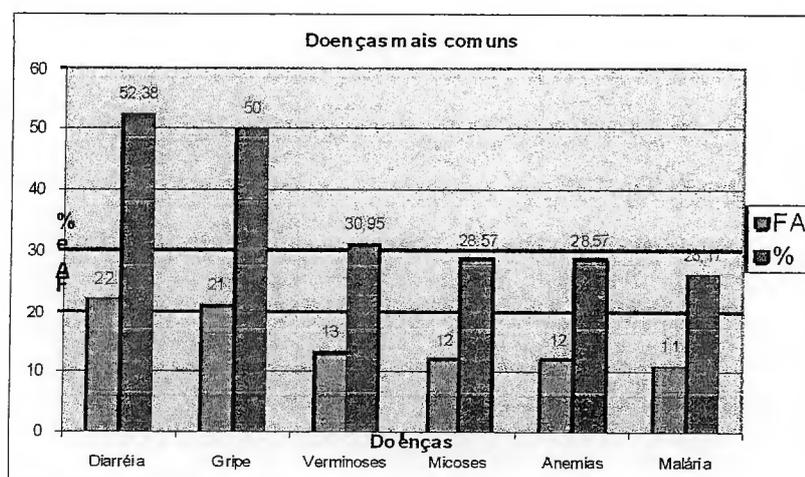


Figura 7: Frequências absolutas e relativas das doenças mais comuns nos domicílios dos entrevistados

Com relação ao uso de plantas medicinais na prevenção e cura de doenças na família, 34 (80,95%) dos entrevistados disseram usar, e 8 (19,05), declararam não usar nenhum medicamento natural quando em sua família alguém adoece. No Curiaú de Dentro, 22 (81,48%) usam plantas medicinais na cura de problemas de saúde e 5 (18,52%), não usam, enquanto em Curiaú de Fora, 12 (80%) usam plantas medicinais e 3 (20%), não usam. Esses dados nos mostram que nas duas vilas o número de pessoas usando plantas na cura e prevenção de doenças é praticamente o mesmo, ou seja, é bastante significativo, principalmente levando em consideração a existência de posto médico e hospitais em distâncias próximas de Curiaú, mas o povo ainda guarda a cultura de utilização das plantas. Dos entrevistados que usam plantas medicinais, 27 (79,41%), declararam que o conhecimento que tem da medicina natural vem de conhecimento tradição familiar, é a cultura passada de pais a filhos, na tradição oral. 2 (5,88%), de fontes externas à cultura local, como migrantes ou veículos de comunicação, e 5 (14,71%), de contato com técnicos, como enfermeiros, médicos, biólogos e professores.

Dos 8 (19,05%), que declararam não usar plantas medicinais, 3 (37,5%) são do Curiaú de Fora, e todos não nasceram no Curiaú, sendo 2 de Macapá e 1 de Calçoene, este é agente de saúde, 47 anos e diz preferir atendimento médico alopático, está no Curiaú há mais de 10 anos, é protestante, e veio para a região acompanhando o pai e casou-se com uma moradora do local, nunca estudou. Os nascidos em Macapá, um deles está na região entre 2 – 4 anos e veio para tentar uma melhora de vida, 49 anos, casou-se com uma nativa da área, prefere o atendimento médico, é roceiro e nunca estudou. O outro nativo de Macapá veio para casar-se, e está no Curiaú entre 8 – 10 anos, prefere ir ao posto médico, é agricultor, 31 anos e cursou o 1º grau.

No Curiaú de Dentro, 5 (62,5%) declararam não usar as plantas na cura e prevenção de doenças, e destes, dois são de Macapá, dois de Curiaú e um de São Luis/MA.

Os dois macapaenses, um é mulher de 21 anos, com 2º grau completo, veio para o Curiaú por causa de união com morador e está no local entre 2 – 4 anos, mas “ainda não aderiu totalmente os costumes do uso de plantas, por enquanto prefere o atendimento médico, mas quer aprender”. O outro de Macapá é um homem de 27 anos, 1º grau completo e está no local há mais de 10 e, em relação às plantas, “não tem conhecimento pois nunca se interessou, mas se arrepende e quer aprender, pois no Curiaú tem muita planta boa para curar doenças e vê as pessoas usando e se dando bem”. Dos nativos do Curiaú que não fazem uso de plantas medicinais, tem uma mulher de 28 anos, 2º grau completo, merendeira escolar, “mas não tem conhecimento, pois nunca houve um interesse, o outro é um homem, estudou até a 4ª série, mas não tem conhecimento, nunca se interessou quem sabia muito era a mãe”.

O nascido em São Luis/MA tem 43 anos, 2º grau completo, está no Curiaú há mais de 10 anos, veio para o local em busca de melhoria de vida e casou-se com moradora nativa, prefere o atendimento no posto médico ou hospital, “não levando muita fé nesse negócio de plantas medicinais, pois, se assim fosse, não existiriam os médicos e hospitais”.

4.7 ESPÉCIES DA FITOFARMACOPÉIA DO QUILOMBO DE CURIAÚ

Nos resultados apresentados constam somente as espécies citadas pelos entrevistados da comunidade (Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora), coletadas e devidamente identificadas até gênero. Algumas espécies que foram citadas, mas não tiveram condições de coleta por está em local de difícil acesso ou não ocorrerem no local, não será mencionado.

4.7.1 Aspectos botânicos e ecológicos das plantas medicinais utilizadas em Curiaú

No trabalho de campo foram citadas pelos entrevistados das Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, coletadas e devidamente identificadas, 144 espécies de plantas com valor terapêutico incluídas em 59 famílias e 121 gêneros. Em Curiaú de Dentro, foram citadas 131 espécies incluídas em 56 famílias e 109 gêneros e, em Curiaú de Fora, foram identificadas 118 espécies de 49 famílias e 100 gêneros. Na Tabela 13 as espécies estão apresentadas com suas informações botânicas e ecológicas.

Stipanovich (2001), em Curiaú de Dentro encontrou em seu levantamento 58 espécies de 38 famílias e 49 gêneros.

Para um melhor entendimento da tabela, são apresentadas abaixo as representações dos diversos habitats e da disponibilidade das espécies em Curiaú.

Habitat:

- Q – Quintal
- Fv – Floresta de Várzea
- Ro – Roça
- Tf – terra Firme
- Ru – Ruderal
- Ms – Mata Secundária
- H – Horta caseira
- Im – Ilhas de Mata
- C – Cerrado

Disponibilidade:

- C - Cultivada
- E - Espontânea

Tabela 13: Aspectos botânicos e ecológicos das plantas medicinais utilizadas em Curiaú, Macapá-Ap

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Aas	<i>Alternanthera bettzickiana</i> (Regel) G. Nicholson	Amaranthaceae	Sub-arbustivo	C	Q
Abacate, abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	Arbóreo	C	Q
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Arecaceae	Arbóreo	E, C	Fv, Q
Acerola	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Malpighiaceae	Arbustivo	C	Q
Alecrim, alecrim de jardim, alecrim de angola	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Sub-arbustivo	C	Q
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	C	H

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Alfavaca, alfavaca do campo, manjerição	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Alfavacão	<i>Ocimum cf. viride</i> Willd.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Alfazema	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Algodão branco	<i>Gossypium arboreum</i> L.	Malvaceae	Arbustivo	C	Q
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	Herbáceo	C	H
Ambrósia, losna, artemigo, erva de São João, artemísia	<i>Ambrosia artemisiifolia</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	C	Q
Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Portulacaceae	Herbáceo	C, E	Q, Ro
Anador, boldo pequeno, melhoral	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Ananin	<i>Symphonia globulifera</i> L. f.	Clusiaceae	Arbóreo	E	Fv
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	Arbóreo	E, C	Ro, Fv
Angico, paricá	<i>Piptadenia peregrina</i> (L.) Benth.	Leg: Mimosoideae	Arbóreo	E	Ru
Arnica	<i>Arnica montana</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	C	Q
Arruda, arruda fedorenta	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Sub-arbustivo	C	Q
Aveloz, árvore de São Sebastião, mata verruga	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	Arbóreo	C	Q
Babosa	<i>Aloe Vera</i> (L.) Burm. f.	Liliaceae	Herbáceo	C	Q
Bananeira	<i>Musa cavendishii</i> Lamb. ex Paxton	Musaceae	Herbáceo	C	Ro
Barbatimão	<i>Ouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Baill Var. <i>Planchonii</i> Engl.	Ochnaceae	Arbóreo	E	C
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	Chenopodiaceae	Herbáceo	C	H
Biribá	<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	Annonaceae	Arbóreo	C	Ro
Boldo	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	Arbustivo	C	Q
Brasileira, brasileirinha	<i>Caladium lindeni hort. ex Engl.</i>	Araceae	Herbáceo	C	Q
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Cucurbitaceae	Trepadeira	C	Ro
Cabi	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	Malpighiaceae	Trepadeira	C	Q
Caimbé	<i>Curatella americana</i> L.	Dilleniaceae	Arbóreo	E	C
Cajueiro, cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Arbóreo	C	Q, C
Cama de menino Deus 1	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Urticaceae	Herbáceo	C, E	Q, Ro
Cama de menino Deus 2	<i>Pilea serpyllifolia</i> (Poiret) Wedd.	Urticaceae	Herbáceo	C, E	Q, Ro

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Camapú	<i>Physalis angulata</i> L.	Solanaceae	Sub-arbustivo	C, E	Q, Ro
Cana de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	Herbáceo	C	Ro
Canafistula, canarana	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Zingiberaceae	Herbáceo	C	Q
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Lauraceae	Arbóreo	C	Q
Capim Santo, erva cidreira, capim cheiroso, capim marinho, capim limão	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	Herbáceo	C	Q, Ro
Capitiú	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Monimiaceae	Arbustivo	C	Q, Ms
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	Arbóreo	C	Q, Ro
Carirú	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	Portulacaceae	Herbáceo	C	H
Carmelitana, camelitana, camilitana	<i>Lippia citriodora</i> (Lam.) Kunth	Verbenaceae	Arbustivo	C	Q
Castanha do Pará, castanha do Brasil, castanheira	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Lecythidaceae	Arbóreo	E, C	Q, Tf
Catinga de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Cebolinha, cebola brava	<i>Hippeastrum equestre</i> (Aiton) Herb.	Amaryllidaceae	Herbáceo	C	Q
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Meliaceae	Arbóreo	E	Fv
Chicória, coentro do Maranhão	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	Herbáceo	C	H
Cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Verbenaceae	Herbáceo	C	Q
Cipó de alho, cipó d'alho	<i>Adenocalymna alliaceum</i> Miers	Bignoniaceae	Trepadeira	C	Q
Comida de jabuti, erva de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Herbáceo	E	Q, Ru
Cominho	<i>Pectis elongata</i> Kunth	Asteraceae	Herbáceo	C	Q
Coqueiro, coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae	Arbóreo	C	Q, Ro
Coramina	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Euphorbiaceae	Herbáceo	C	Q
Couve	<i>Brassica oleraceae</i> L.	Brassicaceae	Herbáceo	C	H
Cravo amarelo	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	E, C	Q, Ru
Cravo branco	<i>Tagetes patula</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	E, C	Q, Ru
Cravo de defunto, cravo-bravo	<i>Tagetes cf. minuta</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	E, C	Q, Ru
Crista de galo	<i>Celosia cristata</i> L.	Amaranthaceae	Herbáceo	C	Q
Cuieira	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	Arbóreo	C	Q, C

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Elixir paregórico, óleo elétrico	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Piperaceae	Sub-arbustivo	C	Q
Embauba, imbaúba, umbaúba	<i>Cecropia ficifolia</i> Warb. ex Snethl.	Cecropiaceae	Arbóreo	E	Ms, Im
Erva de passarinho	<i>Phthirusa paniculata</i> (Kunth) J.F. Macbr.	Loranthaceae	Epífita hemiparasitica	E	Ru, Q
Spongeira	<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth.	Leg: Mimosoideae	Arbóreo	C	Q
Eucalipto grande	<i>Eucalyptus deglupta</i> Blume	Myrtaceae	Arbóreo	C	Q
Eucalipto pequeno	<i>Justicia</i> sp.	Acanthaceae	Herbáceo	C	Q
Eucalipto roxo	<i>Justicia</i> sp.	Acanthaceae	Herbáceo	C	Q
Fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae	Herbáceo	C	Q
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	Herbáceo	C	H
Gergilim, gergelim	<i>Sesamum indicum</i> L.	Pedaliaceae	Herbáceo	C	H
Goiaba, goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Arbóreo	C	Q
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	Arbóreo	C	Q, Ro
Hortelã, hortelã pimenta, hortelã das cozinhas	<i>Mentha cf. piperita</i> L.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q, H
Hortelã do campo	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Hortelã grande	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Hortelanzinho	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q, H
Jaca da Bahia	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Moraceae	Arbóreo	C	Q
Jambo	<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	Myrtaceae	Arbóreo	C	Q
Jambú	<i>Spilanthes oleracea</i> Jacq.	Asteraceae	Herbáceo	C	H
Japana branca, japana roxa	<i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl) R.M. King & H. Rob.	Asteraceae	Herbáceo	C	Q
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Arbóreo	C	Q
Jerimum, abóbora, jurumum	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae	Herbáceo	C	Ro
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Leg: Caesalpinioideae	Arbóreo	C	Q
Jurubeba	<i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.	Solanaceae	Arbustivo	E, C	Q, Ro
Jutaí	<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	Leg: Caesalpinioideae	Arbóreo	E	Ms, C
Laranja da terra	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae	Arbóreo	C	Q

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Rutaceae	Arbóreo	C	Q
Lima	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Rutaceae	Arbóreo	C	Q
Limão galego	<i>Citrus vulgaris</i> Risso	Rutaceae	Arbóreo	C	Q
Limão, limoeiro	<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Rutaceae	Arbóreo	C	Q
Língua de vaca	<i>Elephantopus scaber</i> L.	Asteraceae	Herbáceo	E	Ro, C
Malvarisco, pimenta do mato	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	Piperaceae	Arbustivo	E, C	Ro, Q
Mamoeiro, mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Arbóreo	C	Q, Ro
Mamorana	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	Bombacaceae	Arbóreo	E	Tf
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Arbóreo	C	Q
Manjerição, esturaque	<i>Ocimum minimum</i>	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	Trepadeira	C	Q, Ro
Marcela, macela	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Asteraceae	Herbáceo	C	Q
Maria mole	<i>Commelina virginica</i> L.	Commelinaceae	Herbáceo	C	Q, C
Marupazinho	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	Iridaceae	Herbáceo	C	Q
Mastruz, mastruço, erva de Sta. Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	Herbáceo	C	Q
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	Trepadeira	C, E	Q, Ro
Meracilina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex R. E. Fries	Amaranthaceae	Sub-arbustivo	C	Q
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	Herbáceo	C	Q, Ro
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Herbáceo	C	Q
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Malpighiaceae	Arbóreo	E	C
Oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Pajamarioba, pajimarioba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Leg: Caesalpinioideae	Arbustivo	E, C	Q, Ru
Paratudo	<i>Cardiospermum halicacabum</i> L.	Sapindaceae	Herbáceo	C	Q
Pariri, crajirú, carajirú	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	Bignoniaceae	Trepadeira	C	Q, C
Pata de vaca	<i>Bauhinia variegata</i> L. var. <i>candida</i> Voigt.	Leg: Caesalpinioideae	Arbóreo	C	Q
Patchoulim	<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash	Poaceae	Herbáceo	C	Q

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Pau d'arco amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) G. Nicholson	Bignoniaceae	Arbóreo	C, E	C
Pau de Angola	<i>Piper divaricatum</i> G. Mey.	Piperaceae	Arbustivo	C	Q
Pau de angola grande	<i>Senna cf. pilifera</i> (Vogel) H. S. Irwin & Barneby Var. <i>pirifera</i>	Leg: Caesalpinioideae	Sub-arbusto	C	Q
Pau de angola pequeno	<i>Aloysia oblanceolata</i> Moldenke	Verbenaceae	Arbustivo	C	Q
Periquitinho	<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) P. Beauv.	Amaranthaceae	Herbáceo	C, E	Q
Piã branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	Arbustivo	C, E	Q, Ru
Piã caboclo	<i>Jatropha cf. gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Arbustivo	C, E	Q, Ru
Piã roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Arbustivo	C, E	Q, Ru
Pimenta do reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	Arbustivo	C	Q, Ro
Pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	Arbustivo	C	Q
Pirarucu, folha da fortuna, folha grossa	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	Crassulaceae	Herbáceo	C	Q
Pripioca, piprioca, pripioca	<i>Cyperus odoratus</i> L.	Cyperaceae	Herbáceo	C	Q
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	Herbáceo	E	Q, Ru
Quina	<i>Quassia amara</i> L.	Simaroubaceae	Arbustivo	E, C	Im, Q
Rinchão, gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) M. Vahl	Verbenaceae	Herbáceo	E	Ru
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Caprifoliaceae	Arbóreo	C	Q
Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	Euphorbiaceae	Arbustivo	C	Q
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Lecythidaceae	Arbóreo	E	Tf, Im
Sicurijú, sucurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	Asteraceae	Trepadeira	C	Q
Sucuúba	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson	Apocynaceae	Arbóreo	E	Fv
Tangerina	<i>Citrus nobilis</i> Lour.	Rutaceae	Arbóreo	C	Q
Taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	Arbóreo	C	Q
Trevo roxo, hera do Pará	<i>Hemigraphis colorata</i> (Blume) Hallier f.	Acanthaceae	Herbáceo	C	Q
Trevo, paracuri, cumaruzinho, paracari, trevo do Pará, trevo cumaru	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	Herbáceo	C	Q
Urtiga, urtiga de folha grande	<i>Fleurya aestuans</i> (L.) Gaudich.	Urticaceae	Herbáceo	E	Ru, Q, Ro
Urucú, urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	Arbustivo	C	Q

Nome vernacular	Nome científico	Família	Hábito	Disponibilidade	Habitat
Urupuca, urubucaá	<i>Aristolochia trilobata</i> L.	Aristolochiaceae	Trepadeira	C	Q
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	Herbáceo	E	Ru, Q
Vendicá, vindica	<i>Renealmia guianensis</i> Maas	Zingiberaceae	Herbáceo	C	Q
Verônica	<i>Dalbergia monetaria</i> L. f.	Leg: Papilionoideae	Cipó	E, C	Fv, Q
Vick	<i>Mentha spicata</i> L.	Lamiaceae	Herbáceo	C	Q
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	Arbustivo	C	Q, H
Virola, ucuúba	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	Myristicaceae	Arbóreo	E	Fv

4.7.1.1 Importância das famílias botânicas

As famílias mais citadas foram: Asteraceae e Lamiaceae (13 espécies cada), Leguminosae (8 espécies), Euphorbiaceae e Rutaceae (7 espécies cada), Piperaceae (5 espécies), Acanthaceae, Amaranthaceae, Bignoniaceae, Poaceae e Verbenaceae (4 espécies cada) (Figura 8). As outras 48 famílias tiveram frequência de citação de uso igual ou menor que 3 espécies (Tabela 14).

Tabela 14: Frequências absolutas e relativas de espécies vegetais de uso medicinal pela comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap

Família	Frequência Absoluta No Espécies citadas	Frequência Relativa (%)
Asteraceae	13	9,03%
Lamiaceae	13	9,03%
Leguminosae	8	5,56%
Euphorbiaceae	7	4,86%
Rutaceae	7	4,86%
Piperaceae	5	3,47%
Acanthaceae	4	2,78%
Amaranthaceae	4	2,78%
Bignoniaceae	4	2,78%
Poaceae	4	2,78%
Verbenaceae	4	2,78%
Anacardiaceae	3	2,08%
Cucurbiataceae	3	2,08%

Família	Frequência Absoluta No Espécies citadas	Frequência Relativa (%)
Malpighiaceae	3	2,08%
Myrtaceae	3	2,08%
Solanaceae	3	2,08%
Urticaceae	3	2,08%
Zingiberaceae	3	2,08%
Annonaceae	2	1,39%
Arecaceae	2	1,39%
Chenopodiaceae	2	1,39%
Lauraceae	2	1,39%
Lecythidaceae	2	1,39%
Liliaceae	2	1,39%
Malvaceae	2	1,39%
Meliaceae	2	1,39%
Portulacaceae	2	1,39%
Amaryllidaceae	1	0,69%
Apiaceae	1	0,69%
Apocynaceae	1	0,69%
Araceae	1	0,69%
Aristolochiaceae	1	0,69%
Bixaceae	1	0,69%
Bombacaceae	1	0,69%
Boraginaceae	1	0,69%
Brassicaceae	1	0,69%
Caprifoliaceae	1	0,69%
Caricaceae	1	0,69%
Cecropiaceae	1	0,69%
Clusiaceae	1	0,69%
Commelinaceae	1	0,69%
Crassulaceae	1	0,69%
Cyperaceae	1	0,69%
Dilleniaceae	1	0,69%
Iridaceae	1	0,69%
Loranthaceae	1	0,69%
Monimiaceae	1	0,69%
Moraceae	1	0,69%

Família	Frequência Absoluta No Espécies citadas	Frequência Relativa (%)
Musaceae	1	0,69%
Myristicaceae	1	0,69%
Ochnaceae	1	0,69%
Oxalidaceae	1	0,69%
Passifloraceae	1	0,69%
Pedaliaceae	1	0,69%
Phytolacaceae	1	0,69%
Rubiaceae	1	0,69%
Sapindaceae	1	0,69%
Scrophulariaceae	1	0,69%
Simaroubaceae	1	0,69%
Total	144	100

Em Curiaú de Dentro as famílias mais citadas foram: Lamiaceae (12 espécies – 9,16%), Asteraceae (9 espécies – 6,87%), Leguminosae (8 espécies – 6,11%), Euphorbiaceae (7 espécies – 5,34%), Rutaceae (6 espécies – 4,58%), Piperaceae, Bignoniaceae, Acanthaceae e Amaranthaceae (4 espécies cada – 3,05%). As outras 47 famílias tiveram frequência de citação de uso igual ou menor a 3 espécies.

Tabela 15: Famílias de plantas mais importantes de Curiaú de Dentro.

Família	Frequência Absoluta	Frequência Relativa-(%)
Lamiaceae	12	9,16
Asteraceae	9	6,87
Leguminosae	8	6,11
Euphorbiaceae	7	5,34
Rutaceae	6	4,58
Piperaceae, Bignoniaceae, Acanthaceae e Amaranthaceae	4 cada uma	3,05 cada uma
Anacardiaceae, Cucurbitaceae, Malpighiaceae, Myrtaceae, Poaceae, Solanaceae, Urticaceae e Verbenaceae	3 cada uma	2,29 cada uma
Annonaceae, Arecaceae, Chenopodiaceae, Lauraceae, Lecythidaceae, Liliaceae, Malvaceae, Meliaceae, Portulacaceae, e Zingiberaceae	2	1,53
Amaryllidaceae, Apiaceae, Apocynaceae, Araceae, Aristolochiaceae, Bixaceae, Bombacaceae, Boraginaceae, Brassicaceae, Caprifoliaceae, Caricaceae, Cecropiaceae, Clusiaceae, Commelinaceae, Crassulaceae, Cyperaceae, Dilleniaceae, Iridaceae, Monimiaceae, Musaceae, Myristicaceae, Ochnaceae, Oxalidaceae, Passifloraceae, Pedaliaceae, Phytolaccaceae, Sapindaceae, Scrophulariaceae e Simaroubaceae	1	0,76

Em Curiaú de Fora, as famílias mais importantes são: Asteraceae (13 espécies – 11,02%), Lamiaceae (12 espécies – 10,17%), Leguminosae e Rutaceae (7 espécies cada – 5,93%), Euphorbiaceae e Piperaceae (5 espécies cada – 4,24%) e Poaceae (4 espécies – 3,39%). As demais 42 famílias tiveram frequência de citação de uso igual ou menor que 3 espécies (Tabela 16).

Tabela 16: As famílias de plantas mais importantes de Curiaú de Fora.

Família	Frequência Absoluta	Frequência Relativa-(%)
Asteraceae	13	11,02
Lamiaceae	12	10,17
Leguminosae e Rutaceae	7	5,93
Euphorbiaceae e Piperaceae	5	4,24
Poaceae	4	3,39
Anacardiaceae, Bignoniaceae, Cucurbitaceae, Myrtaceae, Solanaceae, Urticaceae, Verbenaceae e Zingiberaceae	3	2,54
Amaranthaceae, Arecaceae, Lauraceae, Liliaceae, Malpighiaceae, Malvaceae e Portulacaceae,	2	1,69
Acanthaceae, Annonaceae, Apiaceae, Apocynaceae, Bixaceae, Boraginaceae, Brassicaceae, Caprifoliaceae, Caricaceae, Chenopodiaceae, Crassulaceae, Dilleniaceae, Iridaceae, Lecythidaceae, Loranthaceae, Meliaceae, Monimiaceae, Moraceae, Musaceae, Myristicaceae, Ochnaceae, Oxalidaceae, Passifloraceae, Pedaliaceae, Phytolaccaceae, Rubiaceae e Simaroubaceae	1	0,85

Entre as 11 famílias mais representativas de Curiaú (Tabela 14), todas estão também entre as mais destacadas em Curiaú de Dentro, oito estão entre aquelas salientadas por Stipanovich (2001) para Curiaú de Dentro, e outros oito encontrados por Coelho-Ferreira (2000) em Marudá - PA, trabalhando com pescadores artesanais.

Segundo Souza Brito e Souza Brito (1993), das 11 famílias mais representativas de Curiaú, 6 estão entre as mais frequentemente estudadas em território nacional, onde Asteraceae, Lamiaceae e Leguminosae, representam quase 25% do total de espécies pesquisadas. Ferreira-Coelho (2000) mostra a importância que assumem essas famílias à nível nacional como fornecedoras de recursos terapêuticos valiosos na medicina tradicional.

A família Lamiaceae caracteriza-se quimicamente, em especial, pela presença de óleos essenciais, triterpenóides e iridóides; Asteraceae, pelos óleos essenciais, poliacetilenos e lactonas sesquiterpênicas (CRONQUIST, 1981).

A família Euphorbiaceae é rica em constituintes de biodinâmica, entre os quais se destacam diterpenos. Piperaceae possui óleos essenciais, mono e sesquiterpenos, pironas,

polifenóis, lignanas e alcalóides; Rutaceae é rica em alcalóides, flavonóides, taninos, triterpenos e cumarinas. A família Amaranthaceae contém as saponinas e compostos cianogênicos (SCHULTES; RAFFAUF, 1990).

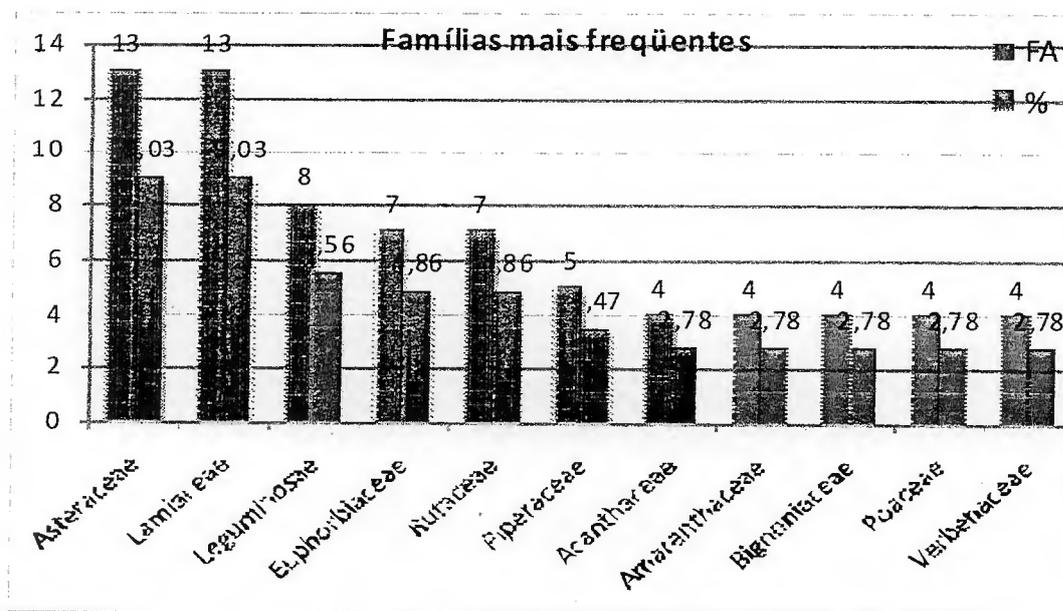


Figura 8: Famílias de uso medicinal mais frequentes na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP

4.7.1.2. Gêneros mais importantes

Na comunidade de Curiaú, os gêneros que apresentaram maior número de espécies foram: *Citrus* (6 espécies – 4,95%), *Piper* (4 espécies – 3,30%), *Alternanthera*, *Jatropha*, *Justicia*, *Mentha*, *Ocimum* e *Tagetes* (3 espécies cada – 2,47%) e *Lippia*, *Pilea* e *Senna* (2 espécies cada – 1,65%) (Figura 9).

Os outros 110 (28,09%) gêneros apresentaram uma única espécie. No Curiaú de Dentro, os gêneros com maior número de espécies são: *Citrus* (5 espécies – 4,59%), *Alternanthera*, *Jatropha*, *Justicia*, *Mentha*, *Ocimum* e *Piper* (3 espécies cada – 2,75%), *Lippia*, *Pilea* e *Senna* (2 espécies cada – 1,83%) e no Curiaú de Fora foram: *Citrus* (6 espécies – 6%), *Piper* (4 espécies – 4%), *Ocimum* e *Mentha* (3 espécies cada – 3%), *Alternanthera*, *Jatropha*, *Lippia*, *Pilea*, *Senna* e *Tagetes* (2 espécies cada – 2%).

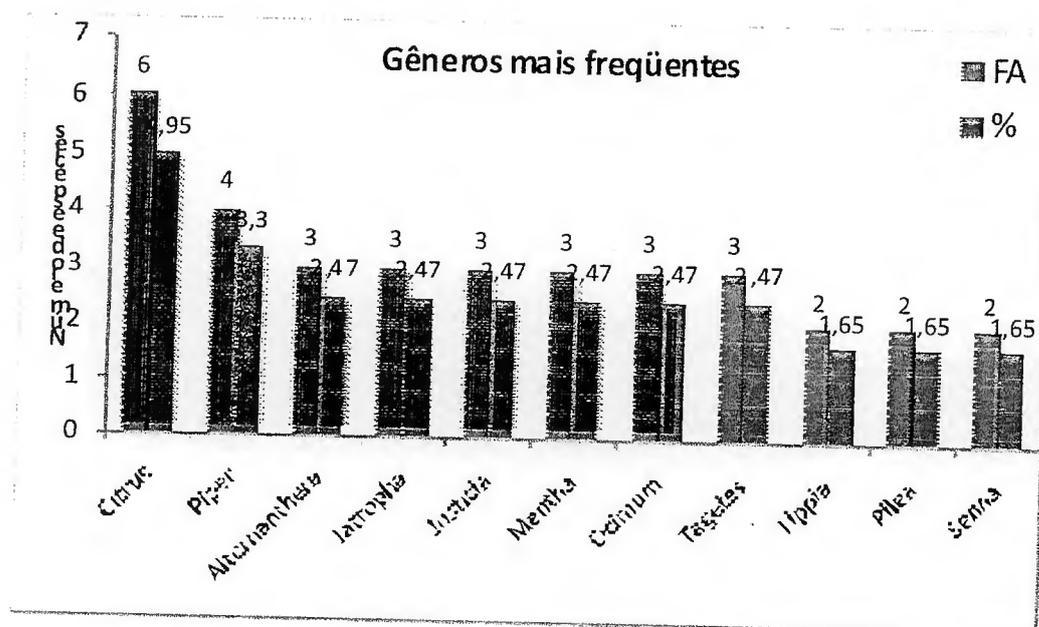


Figura 9: Gêneros de plantas medicinais que apresentaram maior número de espécies na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap

4.7.1.3. Habitats das espécies medicinais indicadas pela comunidade

A Figura 10 demonstra a variedade de habitats existentes no Curiaú, onde as plantas medicinais utilizadas pela comunidade são coletadas ou cultivadas. Destes, destaca-se os quintais como o ambiente mais explorado, com 114 espécies, seguido pela roça, com 23 espécies, onde os moradores plantam seus alimentos para o dia-a-dia. 14 espécies são ruderais. As hortas caseiras contribuem com 12 espécies, onde são plantados espécies que servem ao mesmo tempo como medicinais e alimentares. O cerrado contribui com 10 e a floresta de várzea com 7 espécies. A terra firme, as matas secundárias e as ilhas de mata aparecem com 3 espécies.

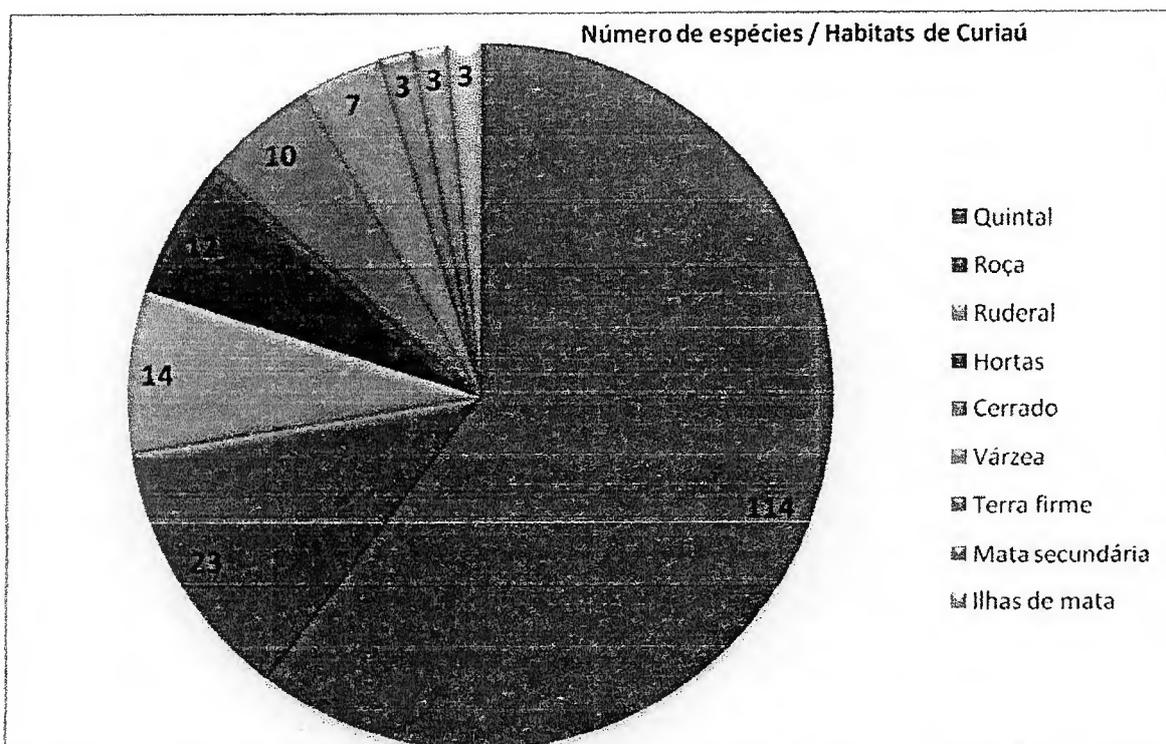


Figura 10: Número de espécies medicinais indicadas por habitats de Curiaú, Macapá-Ap

Os quintais são os ambientes mais explorados, assim como observado por Ferreira-Coelho (2000), Amorozo e Gely (1988), Pereira-Martins (2001) e Stipanovich (2001), pois é o local de maior contato da família, e em contraste com os quintais da zona urbana, os mesmos dispõem de áreas consideráveis em tamanho, onde são plantadas várias espécies vegetais, frutíferas, condimentares, aromáticas e medicinais. É o local de grande respeito por parte dos familiares e são cuidados na maior parte do tempo, pelas mulheres e crianças. Os quintais são também utilizados para o preparo das hortas caseiras. A roça é outro local de destaque, mas em contraste com os quintais, são mais frequentemente manejados pelos homens, desta forma, eles detêm um maior domínio das plantas medicinais deste local. Muitas vezes no caminho até a roça, são coletadas as espécies ruderais.

4.7.1.4. Hábito de crescimento das espécies medicinais de Curiaú.

Com relação ao hábito de crescimento das espécies vegetais indicadas, destacam-se os hábitos herbáceo (65 indicações - 45,14%), arbóreo (43 indicações - 29,86%), arbustivo (19 indicações - 13,19%), trepadeiras (8 indicações - 5,56%), subarbustivo (7 indicações - 4,86%), epífita e cipó (1 indicação cada - 0,69%) (Figura 11).

Esses dados são bastante similares aos encontrados por Pereira-Martins (2001) na comunidade negra de Abacatal-Pa, Coelho-Ferreira (2000) em Marudá-PA.

Stipanovich (2001) encontrou em Curiaú de Dentro uma inversão dos dados em relação a este, pois as espécies com predominância de citação foram às herbáceas (45,14%) seguidas das de porte arbóreo (29,86%).

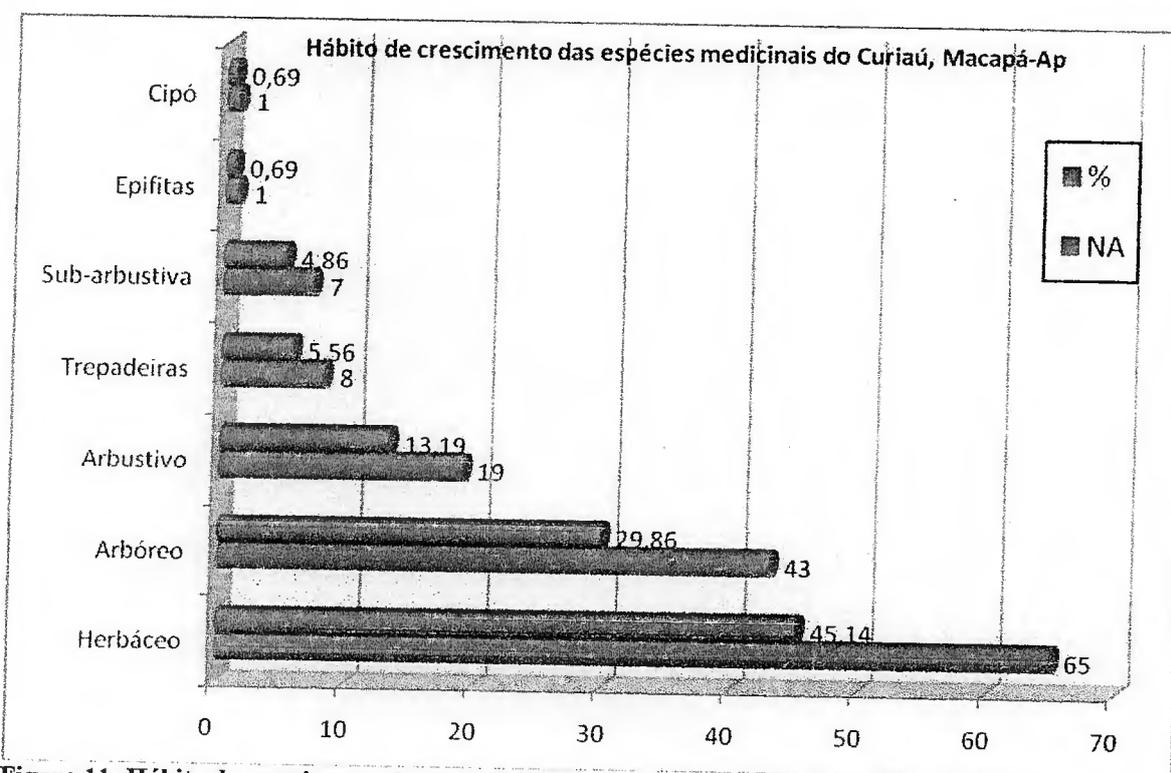


Figura 11: Hábito de crescimento das espécies vegetais medicinais do Curiaú, Macapá-AP

4.7.1.5. Disponibilidade no ambiente das espécies medicinais indicadas

A figura 12 mostra que das 144 espécies medicinais indicadas pela comunidade, 104 (72,22%), são obtidas exclusivamente de cultivos, feitos nos quintais, roça e hortas caseiras, 19 (13,19%), são as espontâneas, obtidas exclusiva e diretamente da natureza, através de coletas e 21 (14,58%) são obtidas tanto de forma cultivada como espontânea.

Coelho-Ferreira (2000), em Marudá-Pa, encontrou 58,8% de cultivadas, 34,6% de espontâneas e 6,6% de ambas as formas. Stipanovich (2001) em Curiaú de Dentro - AP, teve como dados as cultivadas com 55%, as espontâneas com 31% e cultivadas e espontâneas, com 14%. Isso demonstra que as maiores quantidades de espécies medicinais utilizadas nessa comunidade tradicional são obtidas através de cultivo.

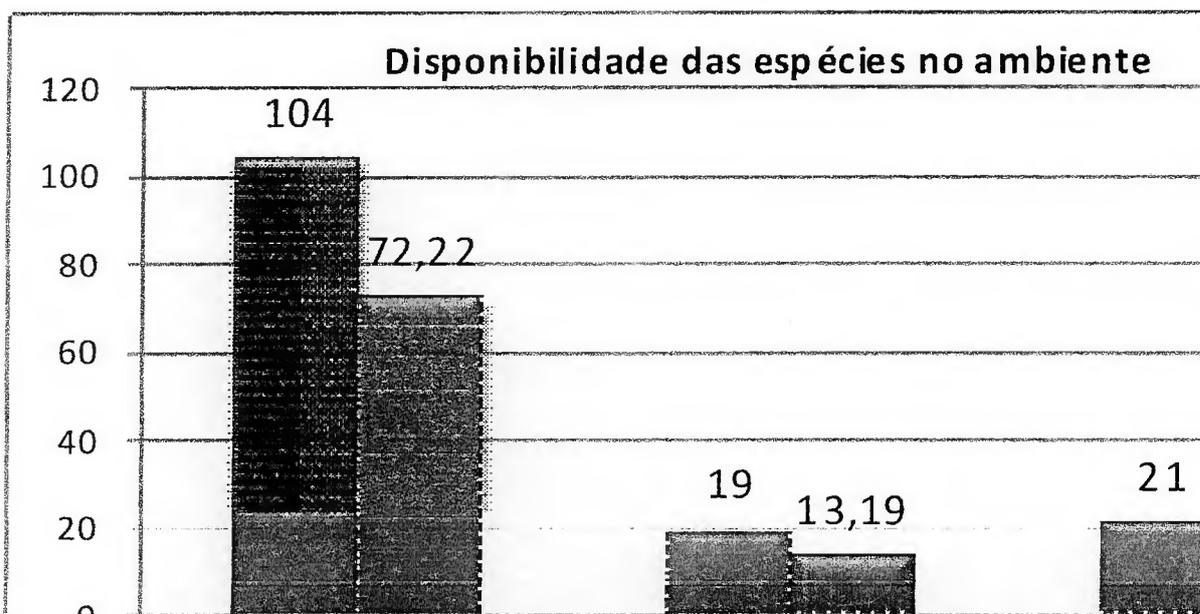


Figura 12: Porcentagem das espécies medicinais de acordo com o ambiente em que são coletadas para uso em Curiaú, Macapá-Ap

4.7.2 Aspectos etnofarmacológicos

O anexo 4 apresenta o repertório fitoterápico e dados etnofarmacológicos das espécies utilizadas e identificadas em Curiaú de forma sistematizada. As plantas são apresentadas em ordem alfabética do nome vernacular. São citadas as ações terapêuticas atribuída, de acordo com a tradição popular.

4.7.2.1. Partes das plantas utilizadas

A comunidade de Curiaú utiliza os mais diversos órgãos dos vegetais nas preparações medicamentosas e levando em conta a relação parte utilizada/planta, têm-se os seguintes resultados por ordem de indicação: as folhas 159 indicações (37,15%), em seguida as casca (50– 11,68%), flores (42– 9,81%), raiz (36– 8,41%), fruto (35– 8,18%), planta inteira (31– 7,24%), sementes (19– 4,44%), látex (8– 1,87%), caule (7 – 1,64%), broto e hastes (6 cada – 1,40%), óleo e resina (5 cada – 1,17%) e outras partes (19– 4,44%), como, ramos foliares, dente, entrecasca, rizoma, ouriço e sabugo (Figura 13).

Em Marudá-PA, Coelho-Ferreira (2000) teve como a parte da plantas mais utilizada a raiz, seguida de casca, fruto, planta inteira, ramo foliar, látex, flor, semente, caule, lenho,

broto e resina. Stipanovichn (2001), em Curiaú de Dentro - AP, relacionou por ordem de preferência as folhas (57%), cascas (19%), planta inteira e frutos (6%), látex (4%), raiz e flores (3%), e sementes e outras partes (1%). Pereira-Martins (2001) na comunidade negra de Abacatal-Pa, também teve as folhas (57%) como a parte da planta mais indicada.

Isso demonstra que a folha e as cascas dos vegetais são as partes mais utilizadas na preparação de medicamentos fitoterápicos pelas comunidades tradicionais.

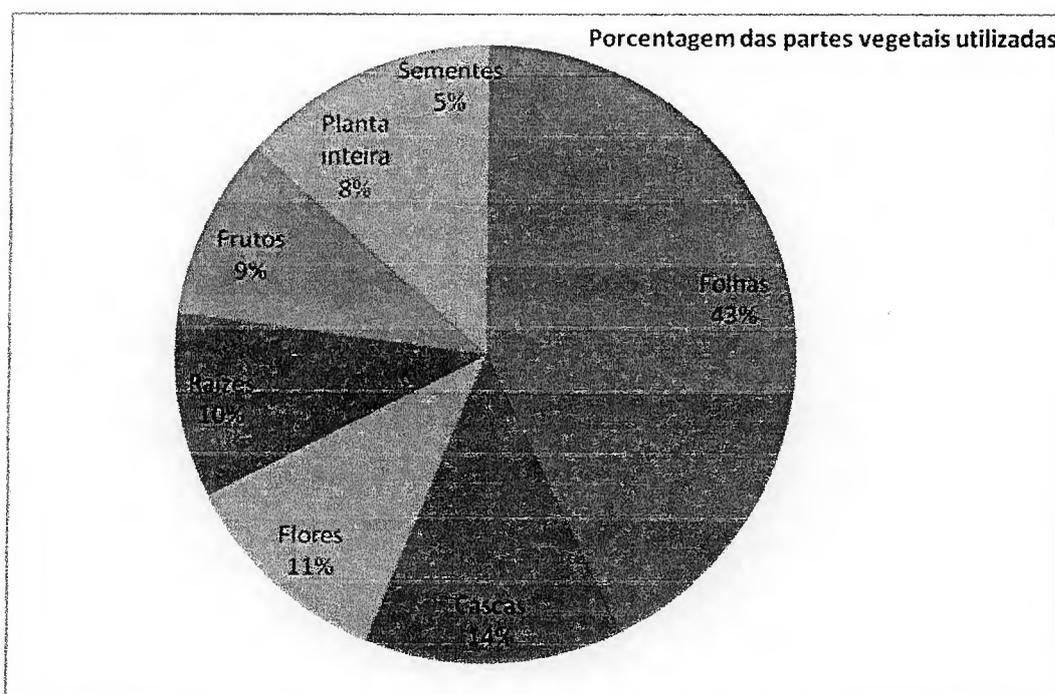


Figura 13: Partes das plantas utilizadas nas preparações de medicamentos na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap

4.7.2.2. Preparações terapêuticas

De acordo com a concepção do local e, muitas vezes, pessoal do que é doença, os entrevistados das Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, conhecem uma variedade de formas de preparação de “remédios” e as administram no tratamento e prevenção dos mais variados males, como mostra a Tabela 16. A farmacotécnica de Curiaú é composta de chás, lavagens, banhos, emplastos, plantas ou partes dela usadas in natura, sumos, compressas, tinturas, gargarejos, macerações, sucos, xarope e outras.

Entre as preparações terapêuticas mais utilizadas, existe uma similaridade com os dados de Coelho-Ferreira (2000) e Stipanovich (2001), confirmando que as espécies usadas

são praticamente as mesmas, assim como, os modos de preparo parecidos. Nesses dois trabalhos, os chás são tratados como decocção e servem para os mais variados usos, seja para ingerir, sejam para banhos, lavagens, gargarejos e outros. Neste trabalho as preparações são apresentadas como indicadas pela comunidade.

Chás: podem ser preparados de diversos modos, dependendo da parte da planta a ser utilizado. A infusão é recomendada quando se utiliza as partes mais tenras das plantas, como folhas, flores, inflorescências e frutos, e deve ser preparada vertendo água sobre o material e deixando em repouso por cerca de 20 minutos, depois coar e ingerir. A vasilha recomendada para fazer o preparo deve ser de louça ou de vidro, “para não se perder as forças dos vegetais”. A decocção é usada para as partes das plantas mais duras, como cascas, raízes, sementes, caules e rizomas, preparado juntando o material em uma vasilha com água fria e levada ao fogo até a fervura. Após, coar e administrar as dosagens recomendadas.

Os chás são as preparações terapêuticas mais populares e são usados para quase todas as indicações de cura e prevenção das doenças, como por exemplo, tosse, gripes, sífilis, diarreias, problemas de fígado, intestinos, coração, regular menstruação, calmante, vermes, diurético, cólicas, dores em geral, pressão alta, colesterol, insônia, gonorréia, ressaca, derrame, taquicardia, analgésico, rubéola, prisão de ventre, câncer, entre outras mais. Os chás são usados via interna, são ingeridos.

Lavagem: é preparada como chá (por decocção ou infusão) e usada para fazer limpezas de ferimentos, lavagens vaginais, reumatismo, corrimento, lavar olhos inflamados, impinges, frieiras, sarna, erisipelas, asseio vaginal, limpeza de queimaduras, entre outros. Os chás para lavagens são usados externamente.

Banhos: são também usados os chás, que podem ser frios ou mornos e, em geral, banha-se a cabeça e, em algumas vezes, o corpo todo. É muito usado em: gripes, resfriados, caspa, bronquite, laringite, lêndeas, piolhos, asma, sarampo, catapora, sinusite, reumatismo, queda de cabelos, calmante, relaxamento, alergias e em problemas de ordem místicas, feitiços, mal-olhados, criança aborrecida, quebranto, moleza de corpo, panemeira, limpeza de corpo, ganhar felicidade, abrir os caminhos da vida e outros.

Emplastos: é preparado fazendo uma pasta do material com água, cachaça ou azeites, que pode ser quente ou fria, que coloca-se em uma gaze ou pano, aplica-se, na parte afetada e faz-se um envoltório para manter por determinado tempo o preparado. É indicado para reumatismo, abscessos, baques, inchaços, problemas de pele, coceiras, frieiras, cicatrizar ferimentos, picadas de insetos e queimaduras.

In natura: quando a parte do vegetal é usada sem preparado nenhum. É aplicado diretamente na parte afetada, como o látex ou em algumas vezes poder ser ingerido, como no preparo de saladas e ingestão de frutos. É muito usado para: micoses, coceiras, fortificante, nutrição, alergias, cicatriza feridas, boqueiras, picadas de insetos, anemia, calmante, insônia e outros.

Sumos: são preparados por esfregamento de parte do vegetal para a obtenção do sumo ou quando o material é mais duro, que pode ser aquecido e espremidos para a obtenção do sumo. “é usada tanto interna como externamente, como para gastrite, frieira, dores de ouvido, cicatrizante, resfriados, asma, erisipela, sarna, dor de dente, entre outros.

Compressas: são preparadas com os chás, podem ser usados fria ou morna, de acordo com o problema a ser combatido. Uma gaze ou pano deve ser umedecido no chá e aplicado diretamente no local afetado. É usado para reumatismo, queimaduras, erisipela, problemas de pele, coceiras, câimbras, pele seca, cólica menstrual, dores musculares e outros.

Tinturas: são obtidas de material vegetal triturado colocados em álcool por um período que pode variar de 7 a 15 dias dependendo do material utilizado. Após este tempo, coá-lo e engarrafá-lo. Estando pronto para uso em determinados casos, como, cicatrizante de feridas, reumatismo, micoses, dor de cabeça, repelente, erisipela, baques, picadas de insetos e outros.

Gargarejos: em forma de chás, que podem ser mornos ou frios, para bochechos com o líquido, e são usados na comunidade para garganta inflamada, aftas na boca e língua, amidalite, nevralgias, tosse e mau hálito.

Maceração: é feita mergulhando as partes do vegetal em água, álcool, vinho, cachaça, vinagre ou óleo, onde permanecem por algumas horas (flores, folhas e brotos) até alguns dias (cascas, raízes, caules e talos), sendo posteriormente. São usadas em sarna, piolho, caspas, gastrite, erisipela, coceiras, e outros.

Suco: é obtido extraíndo-se o sumo dos frutos maduros e deve ser usado sem açúcar ou com mel de abelhas, como fortificante do organismo, anemia, gripe, fraqueza, laxante, diurética, insônia, ressaca, asma, albumina, calmante, hipertensão, garganta inflamada, problemas do coração, tuberculose e outro.

Xarope: prepara-se a partir de chá ou maceração (em água), onde se acrescenta mel na proporção de uma parte para duas do extrato (chá ou macerado), são indicados para garganta inflamada, tosse com catarro, gripe, febre, tuberculose, bronquite, resfriados e outros.

Tabela 17: Formas de uso das preparações medicamentosas

Tipo de preparo da medicação	Número de preparações	Frequência relativa (%)
Chá	390	38,61
Lavagem	93	9,21
Banho	92	9,11
Emplasto	89	8,81
In natura	71	7,03
Sumo	67	6,63
Compressa	45	4,46
Tintura	33	3,27
Gargarejo	32	3,17
Maceração	25	2,48
Suco	22	2,18
Xarope	17	1,68
Outros	34	3,37
	1010	100

4.7.2.4. Modo de administração das preparações terapêuticas

Das 1.010 prescrições citadas nas entrevistas, 559 (55,35%) são de uso interno, 398 (39,41%) de uso externo, e 53 (5,25%) são para outros usos, principalmente em aspectos místicos, como mau-olhado, para atrair bons espíritos, tirar panemeira, dar boa sorte, quebranto, moleza do corpo, feitiço, limpeza do corpo, ganhar felicidade, entre outros, e também é usado para defumações que tem como função de afugentar insetos, atrair boa sorte, aromatizar ambiente e calmante (Figura 14).

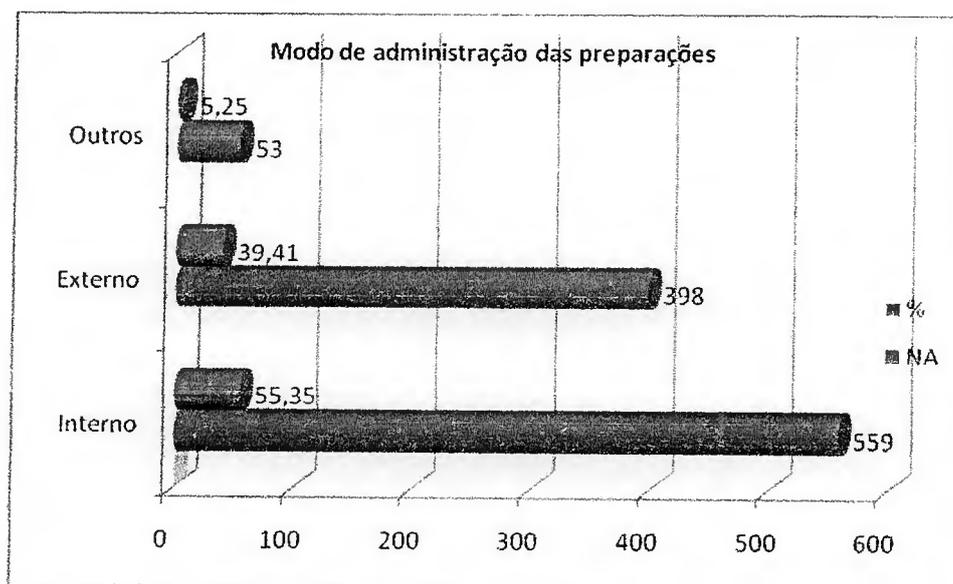


Figura 14: Modo de administrações das preparações terapêuticas

Quanto aos usos internos e externos, esses dados são similares aos encontrados por Coelho-Ferreira (2000) e Stipanovich (2001).

4.7.3. Importância relativa das espécies

A Tabela 18 apresenta a relação das espécies medicinais usadas pela comunidade quilombola de Curiaú, com nome vernacular, nome científico, frequência de citação (frequência absoluta) e a frequência relativa.

Tabela 18: Frequência de citação das espécies

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Barbatimão	<i>Ouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Baill var. <i>Planchonii</i> Engl.	18	9	27	64,29
Anador, boldo pequeno, melhoral	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	13	9	22	52,38
Verônica	<i>Dalbergia monetaria</i> L. f.	12	8	20	47,62
Catinga de Mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	11	8	19	45,24
Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	7	9	16	38,10
Limão, limoeiro	<i>Citrus limonia</i> Osbeck	10	5	15	35,71

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Mastruz, mastruço, erva de Sta. Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	8	6	14	33,33
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	5	8	13	30,95
Vendicá, vindica	<i>Renealmia guianensis</i> Maas	5	7	12	28,57
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	8	4	12	28,57
Arruda, arruda fedorenta	<i>Ruta graveolens</i> L.	7	4	11	26,19
Capim Santo, erva cidreira, capim cheiroso, capim marinho, capim limão	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	5	5	10	23,81
Pata de vaca	<i>Bauhinia variegata</i> L. var. <i>cândida</i> Voigt.	4	6	10	23,81
Hortelã, hortelã pimenta, hortelã das cozinhas	<i>Mentha cf. piperita</i> L.	5	4	9	21,43
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	6	3	9	21,43
Alecrim, alecrim de jardim, alecrim de angola	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	5	3	8	19,05
Boldo	<i>Vernonia condensata</i> Baker	4	4	8	19,05
Hortelanzinho	<i>Mentha pulegium</i> L.	4	4	8	19,05
Alfavaca, alfavaca do campo, manjerição	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	3	5	8	19,05
Cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	3	5	8	19,05
Cipó de alho, cipó d'alho	<i>Adenocalymna alliaceum</i> Miers	6	2	8	19,05
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	5	3	8	19,05
Pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	6	2	8	19,05
Abacate, abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	5	3	8	19,05
Quina	<i>Quassia amara</i> L.	6	2	8	19,05
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	4	4	8	19,05
Urucú, urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	6	2	8	19,05
Alfavacão	<i>Ocimum cf. viride</i> Willd.	2	5	7	16,67

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Cajueiro, cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	4	3	7	16,67
Coqueiro, coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	3	4	7	16,67
Couve	<i>Brassica oleraceae</i> L.	2	5	7	16,67
Goiaba, goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	5	2	7	16,67
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	4	3	7	16,67
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	3	4	7	16,67
Aas	<i>Alternanthera bettzickiana</i> (Regel) G. Nicholson	4	2	6	14,29
Alfazema	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt.	4	2	6	14,29
Comida de jabuti, erva de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	4	2	6	14,29
Jerimum, abóbora, jurumum	<i>Cucurbita pepo</i> L.	4	2	6	14,29
Pirarucu, folha da fortuna, folha grossa	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	4	2	6	14,29
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	2	3	5	11,90
Babosa	<i>Aloe Vera</i> (L.) Burm. f.	4	1	5	11,90
Bananeira	<i>Musa</i> sp.	4	1	5	11,90
Camapú	<i>Physalis angulata</i> L.	3	2	5	11,90
Carirú	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	2	3	5	11,90
Chicória, coentro do Maranhão	<i>Eryngium foetidum</i> L.	2	3	5	11,90
Coramina	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	2	3	5	11,90
Jambú	<i>Spilanthes oleracea</i> Jacq.	3	2	5	11,90
Japana branca, japana roxa	<i>Ayapana triplinervis</i> (Vahl) R.M. King & H. Rob.	3	2	5	11,90
Limão galego	<i>Citrus vulgaris</i> Risso	2	3	5	11,90
Mamoeiro, mamão	<i>Carica papaya</i> L.	3	2	5	11,90
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	4	1	5	11,90

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	3	2	5	11,90
Sucuúba	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson	2	3	5	11,90
Vick	<i>Mentha spicata</i> L.	3	2	5	11,90
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	3	1	4	9,52
Acerola	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	2	2	4	9,52
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	3	1	4	9,52
Cana de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	3	1	4	9,52
Carmelitana, camelitana, camilitana	<i>Lippia citriodora</i> (Lam.) Kunth	2	2	4	9,52
Cravo de defunto, cravo-bravo	<i>Tagetes cf. minuta</i> L.	2	2	4	9,52
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	3	1	4	9,52
Hortelã grande	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	2	2	4	9,52
Lima	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	3	1	4	9,52
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	1	3	4	9,52
Manjerição, esturaque	<i>Ocimum minimum</i> L.	3	1	4	9,52
Meracilina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuehlik ex R. E. Fries	1	3	4	9,52
Pariri, crajirú, carajirú	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	3	1	4	9,52
Pau d'arco amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) G. Nicholson	3	1	4	9,52
Taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	1	3	4	9,52
Trevo, paracuri, cumaruzinho, paracari, trevo do Pará, trevo cumaru	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	2	2	4	9,52
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	1	3	4	9,52
Algodão branco	<i>Gossypium arboreum</i> L.	2	1	3	7,14

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Ambrósia, losna, artemigo, erva de São João, artemísia	<i>Ambrosia artemisiifolia</i> L.	1	2	3	7,14
Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	2	1	3	7,14
Arnica	<i>Arnica montana</i> L.	1	2	3	7,14
Cabi	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	1	2	3	7,14
Caimbé	<i>Curatella americana</i> L.	2	1	3	7,14
Canafístula, canarana	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	2	1	3	7,14
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	2	1	3	7,14
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	2	1	3	7,14
Cominho	<i>Pectis elongata</i> Kunth	1	2	3	7,14
Elixir paregórico, óleo elétrico	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	1	2	3	7,14
Eucalipto grande	<i>Eucalyptus deglupta</i> Blume	2	1	3	7,14
Fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L.	2	1	3	7,14
Jambo	<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	2	1	3	7,14
Jurubeba	<i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.	2	1	3	7,14
Jutaí	<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	1	2	3	7,14
Laranja da terra	<i> Citrus aurantium</i> L.	2	1	3	7,14
Marupazinho	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	2	1	3	7,14
Milho	<i>Zea mays</i> L.	2	1	3	7,14
Pau de Angola	<i>Piper divaricatum</i> G. Mey.	2	1	3	7,14
Virola	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	2	1	3	7,14
Ananin	<i>Symphonia globulifera</i> L. f.	2	-	2	4,76
Angico, paricá	<i>Piptadenia peregrina</i> (L.) Benth.	1	1	2	4,76
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	2	-	2	4,76

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	1	1	2	4,76
Cama de menino Deus 1	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	1	1	2	4,76
Cama de menino Deus 2	<i>Pilea serpyllifolia</i> (Poiret) Wedd.	1	1	2	4,76
Capitiú	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	1	1	2	4,76
Castanha do Pará, castanha do Brasil, castanheira	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	1	1	2	4,76
Cravo amarelo	<i>Tagetes erecta</i> L.	-	2	2	4,76
Cravo branco	<i>Tagetes patula</i> L.	-	2	2	4,76
Embauba, imbaúba, umbaúba	<i>Cecropia ficifolia</i> Warb. ex Snethl.	2	-	2	4,76
Espungeira	<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth.	2	-	2	4,76
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	-	2	2	4,76
Gergilim, gergelim	<i>Sesamum indicum</i> L.	1	1	2	4,76
Hortelã do campo	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	2	-	2	4,76
Malvarisco, pimenta do mato	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	-	2	2	4,76
Marcela, macela	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	-	2	2	4,76
Pajamarioba, pajimarioba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	1	1	2	4,76
Pau de angola grande	<i>Senna cf. pilifera</i> (Vogel) H. S. Irwin & Barneby Var. <i>pirifera</i>	1	1	2	4,76
Periquitinho	<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) P. Beauv.	2	-	2	4,76
Pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	1	1	2	4,76
Pião caboclo	<i>Jatropha cf. gossypifolia</i> L.	2	-	2	4,76
Pimenta do reino	<i>Piper nigrum</i> L.	1	1	2	4,76
Rinchão, gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) M. Vahl	-	2	2	4,76
Sicurijú, sucurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	1	1	2	4,76

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Urtiga, urtiga de folha grande	<i>Fleurya aestuans</i> (L.) Gaudich.	1	1	2	4,76
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	2	-	2	4,76
Aveloz, árvore de São Sebastião, mata verruga	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	1	-	1	2,38
Biribá	<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	1	-	1	2,38
Brasileira, brasileirinha	<i>Caladium lindenii</i> hort. ex Engl.	1	-	1	2,38
Cebolinha, cebola brava	<i>Hippeastrum equestre</i> (Aiton) Herb.	1	-	1	2,38
Cedro	<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	1	-	1	2,38
Crista de galo	<i>Celosia cristata</i> L.	1	-	1	2,38
Cuieira	<i>Crescentia cujete</i> L.	1	-	1	2,38
Erva de passarinho	<i>Phthirusa paniculata</i> (Kunth) J.F. Macbr.	-	1	1	2,38
Eucalipto pequeno	<i>Justicia</i> sp.	1	-	1	2,38
Eucalipto roxo	<i>Justicia</i> sp.	1	-	1	2,38
Jaca da Bahia	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	-	1	1	2,38
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	-	1	1	2,38
Língua de vaca	<i>Elephantopus scaber</i> L.	-	1	1	2,38
Mamorana	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	1	-	1	2,38
Maria mole	<i>Commelina virginica</i> L.	1	-	1	2,38
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	1	-	1	2,38
Oriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	-	1	1	2,38
Paratudo	<i>Cardiospermum halicacabum</i> L.	1	-	1	2,38
Patchoulim	<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash	-	1	1	2,38
Pau de angola pequeno	<i>Aloysia oblanceolata</i> Moldenke	1	-	1	2,38
Pripioca, piprioca, pripioca	<i>Cyperus odoratus</i> L.	1	-	1	2,38
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	1	-	1	2,38

Nome vernacular	Nome científico	Curiaú de Dentro	Curiaú de Fora	Frequência de Citação	% (FR)
Tangerina	<i>Citrus nobilis</i> Lour.	-	1	1	2,38
Trevo roxo, hera do Pará	<i>Hemigraphis colorata</i> (Blume) Hallier f.	1	-	1	2,38
Urupuca, urubucaá	<i>Aristolochia trilobata</i> L.	1	-	1	2,38

As espécies que obtiveram as maiores frequências de citações foram: Barbatimão (*Ouratea hexasperma*) com 27 (64,29%), anador (*Plectranthus barbatus*) com 22 (52,38%), verônica (*Dalbergia monetaria*) com 20 (47,62%), catinga de mulata (*Aeollanthus suaveolens*) com 19 (45,24%), sacaca (*Croton cajucara*) com 16 (38,10%), limão (*Citrus limonia*) com 15 (35,71%), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) com 14 (33,33%), quebra pedra (*Phyllanthus niruri*) com 13 (30,95%), andiroba (*Carapa guianensis*) e vendicá (*Renealmia guianensis*) com 12 (28,57%) cada, arruda (*Ruta graveolens*) com 11 (26,19%), capim santo (*Cymbopogon citratus*) e pata de vaca (*Bauhinia variegata* L. var. *candida* Voigt) com 10 (23,81%) citações cada (Figura 15 e Anexo 5).

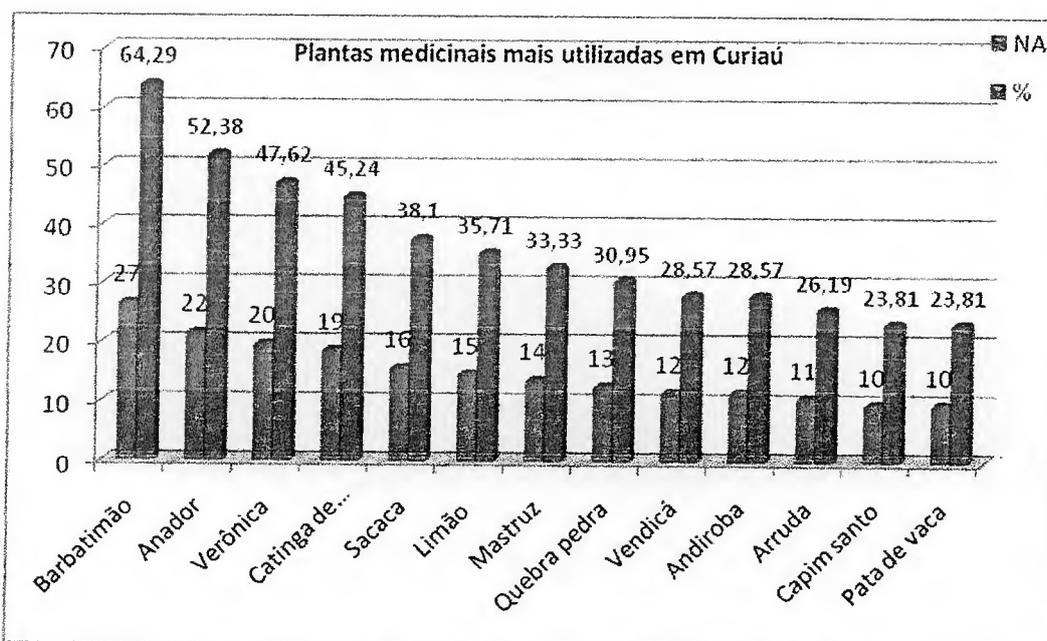


Figura 15: Espécies medicinais mais utilizadas segundo a frequência de citações na comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-Ap

5 CONCLUSÃO

- A comunidade quilombola de Curiaú (Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora) utiliza uma grande diversidade de plantas medicinais para a cura e prevenção de doenças.
- Foram citadas 144 espécies de plantas medicinais, que estão incluídas em 59 famílias e 121 gêneros.
- Das 144 espécies medicinais indicadas e identificadas em Curiaú, 34 (23,61%), apresentaram frequência de citação maior ou igual a 15% (≥ 7 citações).
- Nenhuma espécie foi citada por todos os entrevistados.
- As espécies que obtiveram as maiores frequências de citações foram: Barbatimão (*Ouratea hexasperma*) com 27 citações, anador (*Plectranthus barbatus*) com 22 citações, verônica (*Dalbergia monetaria*), catinga de mulata (*Aeollanthus suaveolens*) com 19 citações, sacaca (*Croton cajucara*) com 16 citações, limão (*Citrus limonia*) com 15 citações, mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) com 14 citações, quebra pedra (*Phyllanthus niruri*) com 13 citações, andiroba (*Carapa guianensis*) e vendicá (*Renealmia guianensis*) com 12 citações cada, arruda (*Ruta graveolens*) com 11 citações, capim santo (*Cymbopogon citratus*) e pata de vaca (*Bauhinia variegata*) com 10 citações cada.
- As diferentes famílias usam de maneira diferente os mesmos vegetais.
- As mulheres possuem um conhecimento mais específico de ervas e arbustos, espécies que são cultivadas ou nascem espontaneamente nas imediações das residências e quintais, enquanto que nos homens o conhecimento é maior das espécies arbóreas, arbustivas e ruderais, que geralmente encontram-se nos caminhos de roças, picadas, matas e roçados.
- O conhecimento sobre plantas medicinais vem de tradição familiar.
- O grau de estudo não é fundamental no conhecimento e uso das plantas medicinais.
- Os moradores de Curiaú exploram todos os ambientes da região, demonstrando dinamismo e adaptação aos diversos habitats.
- O quintal e a roça são os ambientes mais explorados para coleta e cultivo das espécies medicinais.
- Como plantas medicinais, os usos das espécies herbáceas predominam sobre as espécies de outros hábitos de crescimento, seguidos pelas arbóreas.
- As espécies cultivadas são preferenciais pela comunidade.
- As folhas, as cascas e as flores são as partes dos vegetais mais utilizadas nas preparações medicamentosas.
- As preparações terapêuticas preferenciais são os chás, lavagens e banhos.

- A comunidade quilombola de Curiaú (Vilas de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora) utiliza uma grande diversidade de plantas medicinais para a cura e prevenção de doenças.
- Os moradores de Curiaú, apesar das atividades hoje desenvolvidas na cidade de Macapá, pouco foram influenciados para o trabalho na capital, permanecendo com seu modo de vida simples ligada diretamente ao convívio com o ambiente natural.
- A Comunidade vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, que pelas próprias técnicas rudimentares utilizadas, são usadas apenas para consumo local, sem nenhuma conotação e importância comercial. As atividades de pecuária é um complemento da agricultura para a subsistência local.
- A maioria dos moradores nasceu na região do Curiaú e ali já residem há pelo menos 10 anos, levando-os há uma integração e adaptação à realidade local.
- Os homens pela necessidade de trabalho são os que mais migram para outros locais em busca de emprego e renda para o sustento familiar, enquanto as mulheres e crianças ficam na localidade nos afazeres domésticos e nas atividades agropecuária no que se caracteriza como quintal agroflorestal.
- A maioria dos entrevistados, 95,24%, possui renda mensal entre 1 e 4 salários mínimos o que limita seu poder de compra e tendo seus bens duráveis aqueles de necessidade básica como geladeira, fogão, ferro elétrico, embora já existindo em número considerável bens para fins de diversão e lazer, como televisão, aparelho de som, rádio e vídeo-cassete.
- A caça apesar da legislação ambiental ainda é realizada para complemento alimentar, mas essa atividade não é realizada de maneira predatória pelos moradores, mas deveria haver uma maior fiscalização dos órgãos responsáveis, pois a mesma é realizada por pessoas de fora da comunidade como “esporte”.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBUQUERQUE, J.M. de Pe. **Plantas Medicinais de Uso popular**. Brasília: ABEAS/MEC, 1989. (Programa Agricultura nos Trópicos, v. 6). 96 p.
- ALBUQUERQUE, U. P. A etnobotânica no nordeste brasileiro. *In: Tópicos atuais em botânica: palestras convidadas do 51º Congresso nacional de Botânica*. Cavalcanti, T. B. (et al) – Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia / Sociedade Botânica do Brasil. 241-249, 2000.
- ALBUQUERQUE, U. P. de. **Aspectos taxonômicos e etnobotânicos de plantas empregadas para fins litúrgicos e medicinais nos cultos afro-brasileiros em Recife-PE**. Monografia (Curso de Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 299p. 1993.
- ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia**. 78(3): 60-64, 1997.
- ALBUQUERQUE, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. **Acta. bot. Bras.** 13(3): 307-315, 1999.
- ALBUQUERQUE, U. P. Referências para o estudo da etnobotânica dos descendentes culturais do Africano no Brasil. **Acta Farm. Bonaerense**. 18 (4): 299-306, 1999.
- ALCORN, J. B. Haustec Noncrop Resource Management: Implications for prehistoric rain forest management. **Human Ecology** 9: 395-417, 1981.
- ALMEIDA, C. de F. C. B. R. de, **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco: um estudo de caso no Agreste**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2001 – (Trabalho de Conclusão de Curso), 50 p., 2001.
- ALMEIDA, E. R. de. **Plantas medicinais: conhecimentos populares e científicos**. São Paulo: HEMUS, 1993. 341 p.
- AMAPÁ. GOVERNO DO ESTADO. **Bases do Desenvolvimento Sustentável**. Coletânea de textos. Macapá: GEA, 1999. 128 p.
- AMAPÁ. GOVERNO DO ESTADO. SEPLAN – **Anuário estatístico**. Macapá, 1998. 487 p.1998.
- AMOROZO, M. C. M. & GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim Museu Parasense Emílio Goeldi, Série Botânica**, 4 (1): 47-131, 1988.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. *In: DI STASI, L. C. (Org.). Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. Botucatu: UNESP, 1996.p. 47-68.

- ANDERSON, A.B. & POSEY, D.A. Manejo de Cerrado pelos Índios Kayapó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica** 2 (1): 77-98, 1985.
- AYRES, J. M. Conservação da diversidade biológica na Amazônia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará. p. 133-135.
- BALÉE, W.L. Cultura na Vegetação da Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, 95-109, 1989.
- BASE de dados Trópicos do Missouri Botanical Garden. Disponível em www.mobot.org. Acesso em: set. 2001.
- BERG, M. E. Aspectos botânicos do culto afro-brasileiro da Casa de Minas do Maranhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, 7(2): 486-498, 1991.
- BERG, M. E. **Plantas medicinais na Amazônia – Contribuição ao seu conhecimento sistemático**. Belém, Museu paraense Emílio Goeldi, 1993. 207 p.
- BERG, M.E. **Plantas Medicinais na Amazônia: Contribuição ao Conhecimento Sistemático**. Belém, CNPq/PTU, 1982. 223 p.
- BRASIL, 5., 1978, São Paulo. **Anais**. São Paulo: SBPC, 1978. 236 p.
- BRASIL/CIMA. **O Desafio do Desenvolvimento Sustentável**. Relatório do Brasil para a CNUMAD. Brasília, 1991, 204p.
- CAMARGO, M. T. L. **Medicina popular: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral**. São Paulo:
- CAMINHOÁ, J.M. **Elementos de Botânica Geral e Médica**. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1884, 6v.
- CARDOSO, R.C.L. **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CARRARA, D. **Possangaba. O pensamento médico popular**. Ribro Soft Editoria e Informática Ltda. RJ-Brasil, 1995.
- CAVALCANTE, P. & FRIKEL, P. A Farmacopéia Tiriyo. Estudo Etnobotânico. **Publicação Avulsa. Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 24:145 p., 1973.
- CAVALCANTE, P. B. Frutas comestíveis da Amazônia – II. **Publicações Avulsas do Museu Paraense, Emílio Goeldi**. No 27. Belém: MPEG 1974.
- CAVALCANTE, P. B. Frutas comestíveis da Amazônia – III. **Publicações Avulsas do Museu Paraense, Emílio Goeldi**, No 33. Belém: MPEG, 1979.
- CHAGAS, M. A. **Curiaú: Dossiê da Área de Proteção Ambiental: dossiê**. Macapá: GEA/SEMA, 1997. Não paginado.

- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo, Cortez, 1998. 166 p.
- CICOUREL, A. "Teoria e Método em Pesquisa de Campo". In: Zaluar, A. (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980, p. 87-121.
- COELHO-FERREIRA, M. R. **Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia brasileira)**. Belém: Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2000. 259 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas)-UFPA/MPEG, 2000.
- COSTA, D. O., BARBOSA, F. R.; FERREIRA, R. C. **Gestão ambiental no estado do Amapá: O caso da APA do Curiaú – Macapá**: UNIFAP, 1999 – (Trabalho de Conclusão de Curso). 54 p., 1999.
- CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York, Columbia University Press, 1981. 1262 p.
- CRONQUIST, A. **The evolution and classification of flowering plants**. 2ª ed. New York: The New York Botanical Garden, 1993. 555 p.
- CRUZ, G.L. da. **Livro Verde das Plantas Medicinais Industriais do Brasil...**1ª ed. Belo Horizonte, Velloso, 1965, 2v.
- CUNHA, M. C. da & ALMEIDA, M. W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. *In: Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. Capobianco, J. P. R. et al. – São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Sócioambiental, 2001. p. 184-193.
- DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996, 230 p.
- DI STASI, L. C. Arte, ciência e magia. *In: Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar*. Di Stasi, L. C. (org.). Botucatu: UNESP, 1996. p. 47-68.
- DIAS, T. A. Medicinal plants in Brazil. *In: Newsletter-G Gene Banks for Medicinal & Aromatic Plants* n.7/8, pg. 4, 1995.
- DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. (orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. – Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. 176 p.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996. 169 p.
- DIEGUES, A. C.; ANDRELLO, G. & NUNES, M. Populações tradicionais e biodiversidade na Amazônia: levantamento bibliográfico georreferenciado. *In: Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. Capobianco, J. P. R. et al. – São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Sócioambiental, 2001. p. 205-207.
- ELISABETSKY, E. New directions in ethnopharmacology. **J. Ethnobiol.** V. 6, n. 1, p.121-28, 1986.

- ELISABETSKY, E. Sociopolitical, economical and ethical issues in medicinal plant research. *Journal of Ethnopharmacology*, v.32, p.235-239, 1991.
- FACUNDES, F.da S. & GIBSON, V. M. **Recursos naturais e diagnóstico ambiental da APA do Rio Curiaú** – Macapá: UNIFAP, 2000 – (Trabalho de Conclusão de Curso). 58 p., 2000.
- FARNAWORTH, N.R. The current importance of plants as a source. In: D. S. Sieglar, *Crop Resource*, New York, Academic Press, inc., p. 61-73, 1977.
- FARNSWORTH, N.R. , AKERELE, O. , BINGEL, A.S. , SOERJATO, D.D. & GUO, Z.G. Medicinal plants in therapy. *Bulletin WHO*, 63 (6): 965-981, 1985.
- FIDALGO, O.; BONONI, V. L.R. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1989. 62 p.
- FLORES, C. M. & MITSCHKEIN, T. A. (orgs). **Realidades Amazônicas no fim do século XX**. Belém: UNAMAZ/UFPA, 1990.
- FRIKEL, P. Agricultura dos Índios Mundurucú. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia* 8. 1-41, 1959.
- FURTADO, L. G. **Currálistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi-CNPq. 366 p., 1987.
- GENTRY, A. Neotropical Floristic Diversity: Phytogeographical Connections Between Central and South America, Pleistocene Climatic Fluctuations, or an Accident of the Andean Orogeny? *Ann. Missouri Bot. Gard.* 69 (3): 557-593, 1982.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999. 208 p.
- GIULIETTI, A. & FORERO, E. Workshop “Diversidade taxonômica e padrões de distribuição das angiospermas brasileiras – introdução”. *Acta bot. Bras.*, 4(1): 3-10, 1990.
- GUARIN NETO, G.; SANTANA, S. R. & BEZERRA DA SILVA, J. V. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. *Acta bot. bras.* 14(3): 327-334, 2000.
- GUEDES, R. R.; PROFICE, S. R.; COSTA, E. de L.; BAUMGRATZ, J. F. A. & LIMA, H. C. de. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no estado do Rio de Janeiro – um ensaio etnobotânico. *Rodriguésia*. v. 37, n. 63, p. 6-9, 1985.
- HECHT, S. B. & POSEY, D. A. Preliminary results on soil management techniques of the Kayapó Indians, In: **Resource management in Amazonia: Indigenous and folk strategies** (D. Posey & W. Balée, Eds.), *Advances in Economic Botany* 7: 174-188, 1989.
- HOEHNE, F. C. **Flora Brasílica**. São paulo: Graphicars, 1940-1955. 11 v. il.
- HOEHNE, F. C. **Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais**. São Paulo: Graphicars, 1939. 355 p.

- IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios**: manual de entrevista. Brasília, DF: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 1998. 366 p.
- JAIN, S. K. Ethnobotany, its scope and various subdisciplines. In: Jain, S. K. (ed), **A manual of ethnobotany**, p. 1-11, 1987.
- LE COINTE, P. **Amazônia Brasileira III**. Árvores e Plantas Úteis (indígenas e aclimatadas), nomes vulgares... 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1947. 506 p. Il.
- LENTZ, D. L. Medicinal and other economic plants of the Paya of Honduras. **Economic Botany**. 47 (4): 358-370, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus. P. 15-50, 1989.
- LLERAS-PEREZ, E. Uso tradicional da biota, manejo e domesticação de recursos genéticos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará. P. 126-132.
- LUGO, A.E. Estimating Reductions in the Diversity of Tropical Forest Species. In: WILSON, E.O. &
- PETER, F.M. **Biodiversity**. Washinton. National Academy Press.p. 3-18, 1988.
- MARTIN, G. J. **Ethnobotany, a methods manual**. London, UK: Chapman & Hall, 1995. 276 p.
- MARTINS, J. E. C. **Plantas medicinais de uso na Amazônia**. 2ª ed. Belém: CEJUP, 1989. 107 p.
- MARTIUS, C.F.P. de. **Systema materiae e medicae vegetabilis brasiliensis**. Lpsiae. Frid. Fleischer, 1843, 156p.
- MATTA, A.A. da. **Flora Médica Braziliense**. Manaus, Seção de Obras da Imprensa Oficial, 1913, 318p.
- McNEELY, JA., MILLER, K.R., REID, W., MITTERMEIER, R.A. & WERNWER, T.B. Conserving the Worl's Biological Diversity. Gland, Switzerland & Washington. IUCN/WRI/CI/WWF-US/World Bank. 1990. 193 p.
- MINAYO, M.C. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo - Rio de Janeiro, HUCITEC – ABRASCO, 1992. p. 105-196.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.
- MING, L. C. **Levantamento das plantas medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes” – Acre**. Botucatu, UNESP, 1995, 175 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas). UNESP, 1995.

- MING, L.C. Coleta de Plantas medicinais. *in*: **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. Di Stasi, L. C. (ed.). São Paulo: UNESP, 1996. p. 69-86.
- MORÁN, E.F. **A Ecologia Humana das Populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990. 367 p.
- MORS, W. Plantas medicinais. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 51-54, 1982.
- PARKER, E. P. Cabocclization: the transformation of the Ameridian in Amazonia 1615-1800. In: **The Amazon caboclo: historical and contemporary**. Williamburg, Willian and Mary Pren, 32: 1-49, 1985.
- PECKOLT, T. & PECKOLT, G. **História das Plantas Medicinais e Úteis do Brasil**. Rio de Janeiro, Typ. Laemment, 1888-1914, 6v.
- PENNA, M. **Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais**. Descrição das Plantas Medicinais Indígenas e das Exóticas Aclimatadas no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro, Kosmos, 1946. 404p.
- PEREIRA-MARTINS, N. C. **Abordagem etnobotânica de plantas medicinais e alimentícias na comunidade negra de Abacatal, Ananindeua – PA**. Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, 2001. 138 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia).-FCAP, 2001.
- PIMENTEL, A. A. M. P. **Cultivo de plantas medicinais na Amazônia**. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1994. 114 p.
- PIO-CORRÊA, M. **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas**. IBDF: Rio de Janeiro, IBDF, 1926-1969, 6 v.il.
- PIRES, M. J. P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. **Rodriguésia** 36 (56)61-66. 1994.
- PISO, W. **India Litrisque Naturali et Medica Libri Quatuordecim**. Amstelaedami, Apud Ludovicum et Danielelem, 1648. 327 p.
- POLHILL, R. M. & RAVEN, P. H. **Advances in Legume Systematics. Part. 1**. England: Royal Botanic Gardens, Kew, Part.1. 1981. 425 p.
- POSEY, D. A. & OVERAL, W. L. Ethnobiology-Implications and applications: proceedings of the First INTERNATIONAL CONGRESS OF ETHNOBIOLOGY 1. 1990, Belém, **Proceedings...** Belém: MPEG, 1990. 2 v.
- POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará. P. 112-117.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (ed.). **Suma etnológica brasileira – 1**. Etnobiologia. Vozes/Finsep: Petrópolis, p. 15-251, 1987.

- POSEY, D. A. Indigenous management of tropical forest ecosystems: the case of the Kayapó of the Brazilian Amazon. **Agroforestry Systems**. 3 (2): 139-158, 1985.
- POSEY, D. A. Introdução – “Etnobiologia: teoria e prática”, “Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia”, Manejo da floresta secundária: capoeiras, campos e cerrados (Kayapo)”. In: **Suma Etnológica Brasileira**. vol. 1.- Etnobiologia. RIBEIRO, B. (org.). Petrópolis: FINEP/Vozes. pp. 15-25, 251-272 e 173-185, 1987.
- PRANCE, G. T. Floristic inventory of the tropics: where do we stand? **An. Missouri Bot. Gard.**, v. 64, p. 559-684, 1977.
- PRANCE, G. T. What is ethnobotany today? **Journal of ethnopharmacology**. 32: 209-216, 1991.
- PRIMACK, R. B. **Essentials of conservation biology**. Sinauer Associates Inc. Massachusetts, USA, 564 p., 1993.
- RABELO, B. V. & CHAGAS, M. A. **Aspectos ambientais do Amapá**. Macapá: SEPLAN/IEPA, 1995. 31 p.
- RIBEIRO, B. (org.). **Suma Etnológica Brasileira**. vol. 1 – Etnobiologia.. Petrópolis: FINEP/Vozes.
- RIBEIRO, F. M. de B.; CASCAES, I. B.; JESUS, M. A. S. de. Conseqüências da expansão urbana de Macapá sobre a Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Curiaú. Macapá: UNIFAP, 2001. 70 p. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- ROMAN, A. L. C. **Plantas medicinais da Restinga da Princesa, Algodual, Maracanã, Pará**. Belém: FCAP, 2001. 103 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – FCAP, 2001.
- SALATI, E. O Clima Atual Depende da Floresta. In: Salati, E. Et al. **Amazônia: Desenvolvimento, Integração e Ecologia**. Brasília, CNPq; São Paulo: Ed. Brasiliense, pp. 15-44, 1983.
- SANTOS, F. R. dos. **História do Amapá**. 4ª ed. Macapá: VALCAN, 1998. 85 p.
- SCHULTES, R. E. & RAFFAUF, R. F. **The healing forest: medicinal and toxic plants of the northwest Amazonia**. Oregon, Dioscorides Press, 1990. 484 p.
- SILVA, S. M. da. **Curiaú: sua vida, sua história**. Macapá (mimeo), 2000, 34 p.
- SILVA, S. R., BUITRÓN, L. H. de OLIVEIRA & M. V. MARTINS. **Plantas medicinais do Brasil: aspectos gerais sobre legislação e comércio**. TRAFFIC América do Sul-IBAMA. Quito, Equador. 44 p., 2001.
- SIMÕES, C. M. O., MENTZ, L. A., SCHENKEL, E. P., IRGANG, B. E. & STERHMANN, J. R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 5ª ed. Porto Alegre. Ed. Universitária, UFRGS., 173 p., 1998.
- SOULE, M. E. & KOHM, K. A. **Research priorities for conservation biology**. Washington, D. C. : Island Press, 1989.

SOUZA BRITO, A. R. M. & SOUZA BRITO, A. A. Forty years of brazilian medicinal plant research. *Journal Ethnopharmacology*, 39: 53-67, 1993.

STIPANOVICH, A. *Etude des plantes médicinales utilisées à Curiaú de Dentro, APA du Rio Curiaú, Amapá, Brésil*. IEPA/SETEC/GEA: Macapá, 2001. 76 p. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2001.

SUDAM. *Atlas Climatológico da Amazônia Brasileira* – Belém: SUDAM. 125p., 1984.

SUDAM. C.&T. GENAMAZ. *Estudo do potencial de mercado de fármacos (medicamentos e cosméticos), fitomedicamentos, bancos de extratos e compostos e serviços de patenteamento e certificação*: relatório final. Belém, 2000.

TEIXEIRA, A.R. & SPIGUEL, C.P. Banco de Dados do Programa Flora do CNPq, sobre Plantas Medicinais e Farmacologia de produtos Naturais; In: V SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO

VIEIRA, L.S.; ALBUQUERQUE, J.M. *Fitoterapia tropical*: manual de plantas medicinais. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1998. 281 p.

WILSON, E. O. A situação atual da diversidade biológica. In: WILSON, E. O., org. *Biodiversidade*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

WILSON, E. O. Threats to biodiversity. *Scientific American*, 261(3): 60-70, 1989.

YEPES, S. Introducción a la etnobotánica colombiana. *Publicación de la Sociedad Colombiana de Etnología* 1: 1-48, 1953.

ANEXO 1 – FORMULÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

Comunidade: Curiaú de Dentro Curiaú de Fora
 Nome do Entrevistado: _____
 Sexo: Masculino Feminino
 Idade: _____
 Endereço: _____ No: _____
 Data: ____/____/____ Entrevistador: _____

CARACTERÍSTICAS DA UNIDADE DOMICILIAR

1. Tipo de domicílio:

- Casa
 Apartamento
 Cômodo
 Outro: _____

2. Qual o material que predomina na construção das paredes externas do domicílio?

- Alvenaria
 Madeira aparelhada
 Madeira aproveitada
 Palha
 Outro material: _____

3. Qual o material que predomina na cobertura (telhado) deste domicílio?

- Telha de barro
 Telha de amianto (brasilit)
 Zinco
 Palha
 Cavaco
 Outro material: _____

4. Qual o material que predomina no piso deste domicílio?

- Chão batido
 Madeira bruta
 Madeira beneficiada
 Piso de cimento
 Outra forma: _____

5. Quantos cômodos têm este domicílio?

--	--

6. Quantos cômodos estão servindo permanentemente de dormitório?

--	--

7. Este domicílio é:

- Próprio
 Alugado
 Cedido
 Outra forma: _____

8. A água utilizada neste domicílio é proveniente de:

- Rede geral de distribuição
 Poço Amazonas
 Poço artesiano
 Rio, lago ou igarapé
 Outra forma: _____

9. Neste domicílio existe banheiro ou sanitário?

- Sim Não - siga o 11

10. De que forma é feito o escoadouro deste banheiro ou sanitário?

- Rede coletora de esgoto ou pluvial
- Fossa séptica
- Fossa rudimentar
- Vala negra
- Direto para rio, lago ou igarapé
- Outra forma

11. O lixo deste domicílio é:

- Coletado. Por quem? _____
- Queimado ou enterrado na propriedade
- Jogado em terreno baldio
- Jogado no rio, lago ou igarapé
- Outro destino: _____

12. Qual a forma de iluminação deste domicílio?

- Elétrica de rede
- Gerador ou solar
- Lamparina ou vela
- Lâmpião a gás
- Outra forma: _____

13. Este domicílio possui:

- Fogão de duas ou mais bocas
- Filtro de água
- Ferro elétrico
- Geladeira
- Freezer
- Máquina de lavar roupa
- Liquidificador
- Rádio
- Televisão
- Computador
- Aparelho de som
- DVD
- Telefone convencional
- Parabólica
- Vídeo-cassete
- Ventilador
- Ar-condicionado
- Bicicleta
- Automóvel
- Motocicleta
- Telefone celular – Quantos: _____
Linha: _____
Cartão e/ou controle: _____

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS MORADORES

1. Quantas pessoas moram no domicílio? _____

1.1) Homens: _____

1.2) Mulheres: _____

X	Nome dos moradores	Condição na unidade familiar								Sexo	Idade	Escolaridade	Documentos que possui								
		1	2	3	4	5	6	7	8				M	F	RN	CI	CPF	TE	CT	CAM	
01																					
02																					
03																					
04																					
05																					
06																					
07																					
08																					
09																					
10																					
11																					
12																					
13																					
14																					
Condição na Unidade Familiar												Documentos que possui									
(1) Chefe (2) Cônjuge (3) Filho (4) Outro parente (5) Agregado (6) Pensionista (7) Empregado Doméstico (8) Parente do empregado doméstico												(RN) registro de nascimento (CI) carteira de identidade (CPF) cadastro de pessoa física (TE) título de eleitor (CT) carteira de trabalho (CAM) certificado de alistamento militar									

2. O principal responsável pelo domicílio é do sexo: Masculino Feminino**3. Qual a religião praticada pela família?**

- Católica
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Sem religião
 Outra condição: _____

4. Vive em companhia de esposa (o) ou companheira (o)? Sim – siga 5 Não – siga 6**5. Esta união é proveniente de: siga 8**

- Casamento civil e religioso
 Casamento religioso
 Casamento civil
 União consensual

6. Já viveu em companhia de esposa (o) ou companheira (o)? Sim – siga 7 Não – siga 8**7. É:** Desquitado (a), divorciado (a) ou separado (a) Viúvo (a)**8. Teve algum filho?** Sim – siga 9 Não – siga 10**9. Quantos filhos teve?**

- de 1 a 3 filhos
 de 4 a 6 filhos
 de 7 a 10 filhos
 mais de 10 filhos

10. Quais os alimentos mais comuns consumidos pela família diariamente:

- Carne bovina Carne suína Carne de búfalo Frango
 Arroz Feijão Farinha Macarrão
 Peixe (quais): _____
 Frutas (quais): _____
 Verduras e legumes (quais): _____
 Caça (quais): _____
 Outros: _____

CARACTERÍSTICAS DE MIGRAÇÃO DOS MORADORES									
X	Nome dos moradores	Estado em que nasceu	Cidade em que nasceu	Há quanto tempo mora neste local					Motivo da mudança para o Curiaú
				1	2	3	4	5	
01									
02									
03									
04									
05									
06									
07									
08									
09									
10									
11									
12									
13									
14									

- Há quanto tempo mora neste local:
 - (1) menos de 2 anos
 - (2) de 2 a 4 anos
 - (3) de 5 a 7 anos
 - (4) de 8 a 10 anos
 - (5) mais de 10 anos

CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS

1. Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?

Uma Duas Três a cinco Mais de cinco

2. Qual o rendimento mensal da família?

até 1 Salário Mínimo (SM) de 1 a 2 SM
 de 3 a 4 SM de 5 a 6 SM
 de 6 a 10 SM Mais de 10 SM

3. O emprego da pessoa responsável pela maior fonte de renda do domicílio é?

Federal Estadual Municipal Conta própria Aposentado (a)

4. Qual a atividade profissional no momento da pessoa responsável pela maior fonte de renda do domicílio? _____

ANEXO 2 - FORMULÁRIO ETNOFARMACOLÓGICO

1) Em caso de doença na família, onde recebe tratamento?

- No posto médico ou hospital
 Vai para outra cidade (qual): _____
 Faz tratamento com remédios naturais
 Não faz nada
 Outros: _____

2) Quais as doenças mais comuns na família?

- | | | |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Malária | <input type="checkbox"/> Febre amarela | <input type="checkbox"/> Lepra |
| <input type="checkbox"/> Tuberculose | <input type="checkbox"/> Leishmaniose | <input type="checkbox"/> Sarampo |
| <input type="checkbox"/> Verminose | <input type="checkbox"/> Diarréia | <input type="checkbox"/> Catapora |
| <input type="checkbox"/> Gripe | <input type="checkbox"/> Diabetes | <input type="checkbox"/> Problemas cardíacos |
| <input type="checkbox"/> Diabetes | <input type="checkbox"/> Gastrite | <input type="checkbox"/> Anemia |
| <input type="checkbox"/> Outros: _____ | | |

3) Faz uso de plantas medicinais?

- Sim
 Não – por que? _____

4) De onde vem o conhecimento de uso de plantas medicinais?

- De conhecimento tradicional familiar.
 De conhecimento oriundo de contatos com fontes externas à cultura local (migrantes ou veículos de comunicação).
 De contatos com técnicos (médicos, enfermeiros, biólogos, professores, etc).
 Outros: _____

5) Quais as plantas medicinais usadas pela família? (fazer listagem).

ANEXO 3 - FORMULÁRIO ETNOBOTÂNICO

- 1) Planta utilizada / nome (s) vernacular (es): _____
- 2) Essa planta é?
- Cultivada
- Coletada
- 3) Para qual doença é utilizada? _____
- 4) A parte da planta utilizada é?
- | | | |
|--------------------------------|--------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Raiz | <input type="checkbox"/> Entre-casca | <input type="checkbox"/> Fruto |
| <input type="checkbox"/> Casca | <input type="checkbox"/> Resina | <input type="checkbox"/> Semente |
| <input type="checkbox"/> Folha | <input type="checkbox"/> Óleo | <input type="checkbox"/> Planta inteira |
| <input type="checkbox"/> Flor | <input type="checkbox"/> Bulbo | <input type="checkbox"/> Látex |
| <input type="checkbox"/> Caule | <input type="checkbox"/> Broto | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |
- 5) Como são feitas as preparações terapêuticas?
- | | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Chá | <input type="checkbox"/> Compressa | <input type="checkbox"/> Inalação |
| <input type="checkbox"/> Lavagem | <input type="checkbox"/> Tintura | <input type="checkbox"/> Banho |
| <input type="checkbox"/> Emplasto | <input type="checkbox"/> gargarejo | <input type="checkbox"/> Azeite |
| <input type="checkbox"/> Sumo | <input type="checkbox"/> Maceração | <input type="checkbox"/> Ungüento |
| <input type="checkbox"/> Suco | <input type="checkbox"/> Xarope | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

ANEXO 4 – REPERTÓRIO FITOTERÁPICO E DADOS ETNOFARMACOLÓGICOS DAS ESPÉCIES MEDICINAIS DO CURIAÚ

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Aas	<i>Alternanthera bettzickiana</i> (Regel) G. Nicholson	-Folhas	-Dores em geral	-Chá	Int
			-Gripe, febre e tosse	-Chá	Int
			-Garganta inflamada	-Xarope	Int
			-Inflamação do útero, dor de urina, infecção urinária	-Chá	Int
			-Ajuda na digestão difícil	-Gargarejo com o chá	Int
			-Ajuda na digestão difícil	-Chá	Int
		-Planta inteira	-Inflamação em geral	-Chá	Int
			-Flores brancas	-Lavagem vaginal com chá	Ext
			-Hemorragias	-Chá	Int
Abacate, abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	-Folhas	-Anemia	-Chá destas mais as folhas de pariri	Int
			-Fígado, hepatite, rins	-Chá destas com mais as folhas de quebra pedra	Int
			-Vermífugo, dores de cabeça, bronquite, diarreia, albumina	-Chá	Int
			-Reumatismo	-Emplasto no local	Ext
			-Ajeitar a menstruação (regularizar)	-Lavagem do local	Ext
			-Dor nas cadeiras e urina presa	-Chá	Int
		-Caroço	-Inflamação do útero	-Chá	Int
			-Abscessos	-Deixar o caroço de molho por 4 horas e beber o líquido a vontade	Ext
			-Erisipela (esipla)	-Emplasto dos caroços macerados	Ext
				-Ralar o caroço colocar em uma	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Doença de mulher (corrimento).	garrafa de álcool ou cachaça e passar no local várias vezes ao dia - tintura	Ext
		-Casca	-Afrodisíaco	-Chá para lavagem	Int
		-Fruto	-Hemorróida, diurético, vermes	-Chá	Int
			-Afrodisíaco	-Chá	Int
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	-Fruto	-Fortificante, nutritiva, anemia	-Comer o fruto	Int
		-Raízes	-Vermes, reumatismo, anemia, hepatite, inflamação	-Suco com farinha	Int
Acerola	<i>Malpighia punicifolia</i> L.	-Frutos	-Gripes e resfriados	-Chá das raízes	Int
		-Folhas	-Nutritivo	-Comer os frutos	Int
			-Gripes e resfriados	-Suco dos frutos	Int
				-Tomar o suco	Int
				-Chá	Int
Alecrim, alecrim de jardim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	-Folhas	-Gripes e resfriados	-Banho na cabeça	Ext
			-Lavagem de feridas	-Lavagem	Ext
			-Baques	-Emplasto	Ext
			-Cicatrizante de feridas	-Colocar o pó das folhas secas no ferimento	Ext
			-Abscessos	-Emplasto das folhas	Ext
			-Gases, cansaço, calmante, dor de cabeça	-Chá	Int
			-Reumatismo	-Tintura, passar no local afetado	Ext
					Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Eliminar catarro	-Chá com mel	
		-Flores	-Perda de memória, dor de cabeça, diurético, cansaço, gases intestinais, depressão e regula a pressão	-Chá	Int
		-Óleo	-Olhos cansados	-Lavar os olhos com o chá	Ext
		-Folhas e flores	-Tosses	-Chá com mel de abelhas	Int
			-Queda de cabelo	-Passar no couro cabeludo durante o banho	Ext
			-Cólicas menstruais	-Chá	Int
			-Caspa	-Banhar a cabeça com chá	Ext
		-Planta inteira	-Mau olhado	-Banho com chá desta + arruda + cipo de alho	Outro
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	-Folhas e talo	-Falta de sono (insônia)	-Chá das folhas	Int
			-Calmante	-Saladas	Int
			-Problemas do sistema nervoso, melhor o funcionamento dos intestinos	-Chá	Int
			-Laxante	-Saladas	Int
			-Baques e inchaços	-Chá das folhas e talos	Int
			-Tosse crônica	-Chá forte	Int
			-Problemas de pele (coceiras, vermelhidão)	-Emplasto das folhas amassadas	Ext
				-Chá adoçado com mel	Int
				-Emplasto com as folhas amassadas no local afetado	Ext
				-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Planta inteira	-Tosse de guariba (tosse comprida)	-Chá das raízes mais os talos e folhas	Int
Alfavaca, alfavaca do campo, manjerição	<i>Ocimum micranthum</i> Willd.	-Folhas	-Calmante, melhora o funcionamento dos intestinos -Gripes, resfriados, tosse, febre -Coqueluche, asma, bronquite, dor de estômago, diurético, cólicas, ajuda na digestão, elimina gases, nervosismo, dor de cabeça -Carne crescida nos olhos -Ferimentos -Bico do seio rachado ou ferido durante amamentação -Feridas na boca e garganta -Dor de garganta -Reumatismo -Garganta inflamada, aftas -Resfriados e gripes -Cisno no olho -Bico do seio rachado ou ferido durante amamentação -Tuberculose pulmonar	-Chá com mel de abelhas -Chá -Esfregar as folhas na água e lavar os olhos -Fazer emplasto com o sumo das folhas -Fazer compressa nos seios -Fazer gargarejo com o chá -Gargarejo com o chá das folhas secas -Compressas -Gargarejo -Banhos aromático serenado na cabeça com mais catinga de mulata -Colocar uma sementinha no olho afetado -Fazer compressa nos seios	Int Int Ext Ext Int Int Ext Int Ext Ext Int Int Ext Int Ext Ext Ext Int
		-Raízes			Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Alfavacão	<i>Ocimum cf. viride</i> Willd.	-Folhas	-Nervosismo, vômitos, cólicas intestinais e menstruais, dores no corpo -Garganta inflamada, aftas -Tosse -Reumatismo -Dor ouvido -Gripes e resfriados	-Xarope da raiz -Chá -Gargarejo com chá -Chá com mel de abelhas -Tintura, passar no local afetado -Sumo pingar no ouvido -Banho de cabeça com mais pau de angola, catinga de mulata e folhas de limão	Int Int Int Ext Ext Ext
Alfazema	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt.	-Flores	-Resfriados, gripes, bronquites, laringite -Reumatismo -Cólicas em crianças, eliminar gases, digestivo -Sarna, piolho -Coccira vaginal -Picadas de insetos, queimaduras -Regular a menstruação, diurética, insônia, asma -Atrair bons espíritos para a casa	-Banho de cabeça com as folhas maceradas e colocadas de molho ao sereno -Tintura passar no local afetado -Chá -Deixar as flores maceradas de molho no vinagre, coar e passar no local afetado -Lavagem para asseio vaginal com o chá -Emplasto com as flores maceradas -Chá	Ext Ext Int Ext Ext Ext Int Ext Ext Ext Int Outro

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Algodão branco	<i>Gossypium arboreum</i> L.		-Nervosismo, vômitos	-Defumação com as folhas secas	Int
		-Sementes	-Tosse	-Chá	Int
		-Folhas	-Garganta inflamada, tosse	-Chá	Int
			-Queimaduras	-Emplasto com sumo das folhas	Ext
			-Problemas de circulação	-Chá	Int
			-Gastrite	-Bater as folhas com leite moça e tomar 1 copo pela manhã e 1 à tarde	Int
			-Frieira	-Extrair o sumo das folhas e passar na parte afetada	Ext
			-Diurético	-Chá	Int
			-Diurético	-Chá	Int
			-Folhas, flores e cascas	-Chá	Int
			-Flores	-Anemia, disenteria, hemorragia	Int
				-Tosse com catarro	Int
		Alho	<i>Allium sativum</i> L.	-Fruto	-Micoses (manchas no corpo e coceiras)
-Bulbo (dente)	-Gripes, resfriados, e bronquite, fortalecer o corpo, anti-inflamatório, vermes, insônia			-Chá	Int
	-Garganta inflamada e tosse			-Chá com mel de abelhas	Int
	-Tirar panemeira e mau-olhado			-Gargarejo -Tintura passar no corpo com mais catanga de mulata, pau de angola e o	Int Int Outr

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Folhas e dentes	-Vermes, pressão alta, prisão de ventre	pião roxo -Chá desta + mastruz -Chá	Int Int
Ambrósia, losna, artemigo, erva de São João, artemísia	<i>Ambrosia artemisiifolia</i> L.	-Folhas	-Problemas do fígado, gases, diarreia, prisão de ventre, má digestão, calmante	-Chá	Int
			-Reumatismo	-Tintura, passar no local afetado	Ext
			-Febre	-Chá morno	Int
		-Flores	-Combater cólicas menstruais	-Chá tomado três dias antes da menstruação	Int
		-Folhas e flores	-Diarreia	-Chá	Int
			-Combater vômitos	-Chá	Int
			-Mau hálito	-Gargarejo com o chá	Int
			-Regula a menstruação, resguardo, epilepsia, vermes	-Tomar o chá	Int
			-Infecção do aparelho genital feminino	-Chá	Ext
Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	-Folhas e hastes	-Diarreia, úlceras, gastrite, febre, dor de estômago e fígado, diurético	-Lavagem vaginal de asseio	Int
			-Erisipela (esipla)	-Macerar as folhas e ramos e fazer compressa no local	Ext
			-Ferimentos (limpeza e desinfetar)	-Lavagem com o chá	Ext
			-Ferimentos (cicatrizar)	-Emplasto com as folhas e ramos macerados	Ext
			-Problemas do fígado		Int
			-Queimaduras	-Sumo	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Ferimentos	-Emplasto das folhas	Ext
			-Baques	-Lavagem para limpeza com o chá	Ext
			-Queda de cabelos	-Emplasto para cicatrizar	Ext
				-Sumo das folhas misturado com andiroba	Ext
			-Picadas de insetos	-Sumo das folhas mais o sumo da japana e a mucilagem da babosa massagear o couro cabeludo	Ext
			-Coceira no corpo	-Tintura, passar no local	Ext
			-Inflamação	-Compressa com chá	Ext
			-Malária, hepatite	-Banhar o corpo com o material macerado e deixado de molho no sereno	Int
				-Chá	Int
Anador, boldo pequeno, melhoral	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	-Folhas	-Problemas de Fígado	-Chá desta com mais camapú + embaiúba + coco seco	Int
			-Problemas de rins	-Chá desta + sacaca	Int
			-Dores em geral, febre, gastrite, gripe, ressaca	-Chá desta + quebra pedra	Int
				-Chá	Int
Ananin	<i>Symphonia globulifera</i> L. f.	-Leite do caule	-Erisipela	-Passar no local	Ext
			-Tirar a frieza do corpo	-Tomar o leite	Int
			-Rasgadura, ferimentos crônicos	-Emplasto do local afetado	Ext
			-Baques	-Unguento no local afetado	Ext
			-Problemas do pulmão	-Tomar o leite misturado com mel de	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	-Casca do caule	-Reumatismo	-Chá	Int
			-Vermes	-Chá	Int
			-Feridas e inflamações da pele	-Lavagem das lesões com chá	Ext
		-Folhas	-Vermes e reumatismo	-Chá	Int
		-Óleo das sementes (azeite de andiroba)	-Cicatrizante, antiinflamatório, reumatismo	-Passar no local o azeite	Ext
			-Baques	-Emplasto com mais o mastruz e arnica	Ext
			-Garganta inflamada, tosse e anti-inflamatório	-Azeite com mel de abelhas e limão	Int
			-Inflamação da garganta	-Passar o óleo no pescoço	Ext
			-Repelente de insetos	-Correr a garganta com andiroba e mel	Int
			-Afugentar insetos	-Passar o óleo no corpo	Ext
			-Micoses brabas e curuba	-Passar o óleo misturado com catinga de mulata e mastruz	Outro
Angico, paricá	<i>Piptadenia peregrina</i> (L.) Benth.	-Casca	-Vermes, hemorróida, ameba, diarreia, giardia, gonorréia	-Chá	Int
			-Gripe, tosse	-Chá com mel de abelhas	Int
			-Feridas	-Lavar as feridas com o chá morno	Ext
			-Reumatismo	-Tintura, passar no local afetado	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Arnica	<i>Arnica montana</i> L.	-Planta inteira	-Contusões (baques)	-Tintura -Emplasto com andiroba -Compressa na parte afetada -Pomada (ungüento), passar no local -Emplasto -Chá	Ext Ext Ext Ext Ext Int
		-Folhas e raízes	-Espinhas e cravos, tumores (furúnculos)	-Chá	Int
		-Flores	-Febre, anemia, disenteria	-Chá	Int
Arruda, arruda fedorenta	<i>Ruta graveolens</i> L.	-Folhas	-Melhorar o estômago -Males do fígado, dores no estômago, regular a menstruação, inflamação do útero, vermes, nevralgia	-Chá	Int
			-Falhas na menstruação	-Chá forte	Int
			-Abscessos	-Emplasto com as folhas maceradas	Ext
			-Acalmar a ressaca	-Chá não forte	Int
			-Matar piolhos e lêndeas	-Banho com o chá	Ext
			-Inflamação dos olhos	-Chá para lavagem dos olhos	Ext
			-Rouquidão	-Mascar a folha com sal	Int
			-Dor de cabeça e sinusite	-Fazer a tintura e cheirar	Ext
			-Dor de ouvido	-Compressa com o sumo das folhas	Ext
			-Inseticida	-Pingar gotas do sumo no ouvido	Ext
			-Repelente	-O chá forte jogado nas locais por onde passam os insetos -Banhar o corpo com o chá forte	Outr o
				-Tintura passar no local	Ext
				-Banho desta + sal grosso	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Planta inteira	-Acabar com a panemeira e dá boa sorte	-Banho junto com alfavaca e catinga de mulata	Outro
			-Gripe e dores no corpo	-Banhos na cabeça com chá	Ext
			-Gripes, resfriados, asma	Ext	Ext
		-Flores e folhas	-Quebranto e moleza de criança	-Banho do corpo todo com mais, alfavaca e pião roxo	Outro
			-Lêndeas e piolhos	-Macerar as folhas e flores e misturar com vinagre, deixar em repouso 3 dias e banhar a cabeça e deixar agir por 2 horas. Passar o pente fino	Ext
			-Sarna	-Macerar as folhas e flores e passar no local	Ext
			-Coccirias anal e vaginal	-Lavagem de asseio anal e vaginal com chá	Ext
Aveloz, árvore de São Sebastião, mata verruga	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	-Látex (leite)	-Feridas com pus	-Colocar gotas no local após lavar as feridas	Ext
			-Verrugas	Ext	Ext
			-Picada de escorpião e cobra	-Pingar o látex em cima das verrugas	Ext
			-Dor de dente	-Passar o látex no local	Int
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	-Folhas	-Erisipela, queda de cabelo	-Pingar o leite na cárie dolorida	Ext
			-Reumatismo, queimaduras	-Passar o sumo no local	Ext
			-Cicatrizante	-Emplasto com a polpa das folhas	Ext
			-Repelente	-Passar no local da ferida o sumo	Ext
			-Laxante	-Sumo passar no corpo	Ext
				-Tomar o sumo	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Tosse	-Seiva com açúcar	Int
			-Casma, lédneas e piolho	-Banho de cabeça com mais arruda e catinga de mulata	Ext
			-Problemas digestivos, vesícula, prisão de ventre e fígado	-Chá com polpa das folhas fresca	Int
			-Asma, coqueluche	-Cortar a folha e ferver misturado com açúcar e um pouco de água - chá	Int
			-Úlcera	-Sumo, diluído bem água	Int
			-Disenteria, inflamação do fígado, prisão de ventre, asma, nutritiva	-Comer o fruto	Int
Bananeira	<i>Musa sp.</i>	-Fruto			
		-Folhas	-Queimaduras	-Emplasto com sumo das folhas e envolver o local com as folhas inteiras	Ext
			-Sarampo, catapora	-Banho com o chá da folha seca	Ext
		-Seiva (resina) da casca	-Infecção intestinal, tosse, infecção pulmonar	-Tomar a seiva ao natural	Int
		-Flores	-Diarreia	-Tomar a seiva misturada com água	Int
			-Fraqueza do pulmão, resfriado, gripes, tosse crônica e bronquite	-Lamber	Int
			-Estanca hemorragias, infecção intestinal, diarreia	-Chá	Int
Barbatimão	<i>Ouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Baill var. <i>Planchonii</i> Engl.	-Casca do caule	-Impinges	-Lavagem do local com chá morno	Ext
			-Lavagem de feridas	-Fazer a limpeza com o chá	Ext
			-Desinfecção vaginal, doença de senhora (flores brancas)	-Lavagem de asseio	Ext
			-Cicatrizante	-Emplasto com a casca macerada	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	-Raiz	-Gastrite	-Deixar o material de molho na água por 24 horas, coar e tomar	Int
			-Hemorroidas, corrimento vaginal	-Lavagem de assento com chá do barbatimão mais suco de limão	Ext
			-Garganta inflamada, corrimento vaginal, diarreias	-Chá da casca bem picada	Int
			-Lavagem vaginal	-Colocar a casca das duas em água e ferver, coar e fazer a lavagem de asseio	Ext
			-Problemas de estômago e gastrite	-Chá	Int
			-Anemia, problemas de fígado	-Chá	Int
Biribá	<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	-Casca e folhas	-Prevenção de gripes e resfriados	-Comer em saladas ralada em fatias cruas ou em forma de suco	Int
			-Baques e reumatismo	-Chá adoçado com mel	Int
			-Casca do caule	-Emplasto da casca e folhas maceradas no local afetado	Ext
Boldo	<i>Vernonia condensata</i> Baker	-Folhas	-Derrame	-Chá	Int
			-Inflamação da garganta	-Ferver um pedaço da casca em 1 litro de água, colocar uma pitada de sal e fazer gargarejo 4 x ao dia.	Int
			-Problemas do fígado, tranquilizante, insônia, problemas do estômago, diurético, falta de apetite	-Chá	Int
-Azia, gases intestinais	-Gastrite	-Curuba	-Mastigar as folhas e engolir o sumo	Int	
			-Chá das folhas, deixar no sereno e beber a vontade	Int	
			-Sumo das folhas passar no local	Ext	

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Diarréia provocada por alimento	-Chá das folhas picadas após a evacuação	Int
			-Ressaca	-Chá desta com mais sacaca	Int
			-Cicatrizante	-Emplasto com as folhas maceradas colocar no local afetado	Ext
Brasileira, brasileira	<i>Caladium lindenii</i> hort. ex Engl.	-Folhas	-Dor de dente	-Chá	Int
			-Asma	-Chá desta + folhas de catinga de mulata	Int
			-Picada de insetos	-Tintura passar no local	Ext
			-Sinusite	-Chá para inalação juntamente com folhas de eucalipto	Ext
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	-Fruto (buchinha)	-Vermes, barriça d'água	-Ferver a 1 buchinha, colocar no sereno e lavar a cabeça	Ext
			-Provocar vômito	-Chá	Int
			-Gonorréia	-Chá dos frutos secos	Int
			-Lavagem vaginais	-Chá dos frutos	Int
			-Rasgadura	-Lavagem de asseio	Ext
			-Reumatismo	-Queimar o fruto , o pó resultante é misturado com andiroba e passado no local - emplasto	Ext
			-Taquicardia, dor de cabeça, gastrite, úlcera	-Chá do fruto + azeite de andiroba, passar no local afetado - compressa	Ext
Cabi	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	-Folhas	-Tirar mau-olhado e panemeira	-Chá	Int
				-Banho com mais eucalipto, canela, cipó de alho, mucuracáa e vendicá o	Out

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Cicatrizante	-Emplasto das folhas maceradas	Ext
			-Reumatismo	-Sumo passar no local desta com mais cipó de alho, pião roxo e mucuracaá	Ext
			-Resfriado e gripe	-Chá das folhas ou folhas amassadas na água, deixadas no sereno	Int
			-Limpar corpo carregado e desfazer azar, reumatismo	-Banho com chá de cabi + mucuracaá + cipó de alho + sal grosso	Ext
			-Gastrite, úlcera	-Tomar o sumo das folhas	Int
			-Feitiço	-Banho desta + japana	Outro
Caimbé	<i>Curatella americana</i> L.	-Casca	-Problemas do intestino e estômago, diarreia	-Chá	Int
			-Infecção vaginal e do útero	-Lavagem de aseio	Ext
			-Lavagem de ferimentos	-Lavar o ferimento com o chá	Ext
			-Cicatrização de feridas	-Fazer emplasto com material macerado	Ext
			-Reumatismo	-Tintura, passar no local afetado	Ext
		-Resina	-Cicatrizante	-Passar a resina no local ferido	Ext
Cajueiro, cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	-Fruto	-Desnutrição	-Comer o fruto	Int
			-Fraqueza, gripe	-Suco do fruto	Int
		-Casca do caule	-Cicatrizar feridas	-Emplasto com o macerado do lado interno da casca do caule	Ext
			-Friteira	-Lavagem com chá morno	Ext
			-Diarréia, antiabético, cólicas,	-Emplasto com macerado do caule	Ext
				-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			regular menstruação		
			-Garganta inflamada, aftas	-Gargarejo do chá do caule	Int
			-Tosse	-Chá adoçado com mel	Int
			-Limpeza de ferimentos	-Lavagem com o chá	Ext
			-Cicatrização ferimentos	-Emplasto com sumo da casca amassada	Ext
			-Asseio vaginal	-Lavagem, banho de asseio	Ext
			-Diabetes	-Chá do pó da casca	Int
			-Frieira	-Fazer a lavagem com o chá	Ext
			-Diarréia e disenterias	-Emplasto com a casca amassada	Ext
		-Broto (grelo) e folhas novas	-Comer o grelo	-Chá	Int
			-Tirar panameira, feitiço e mau olhado	-Banho com o chá desta + mucuracáá + catinga de mulata	Int
Cama de menino Deus 1	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	-Planta inteira	-Limpeza do corpo e ganhar felicidade	-Banho com o chá desta + limão + catinga de mulata	Outr o
			-Dor de cabeça, febre	-Banhar a cabeça com o chá	Outr o
			-Dor de cabeça, febre		Ext
			-Tirar panameira	-Banho com o chá desta + catinga de mulata	Outr o
			-Dar boa sorte, abrir os caminhos da vida, sorte nos negócios, limpeza do corpo e ganhar felicidade	-Banho com o chá serenado desta + alecrim + catinga de mulata	Outr o
			-Dor de cabeça, febre	Banhar a cabeça com o chá	Ext
Cama de menino Deus 2	<i>Pilea serpyllifolia</i> (Poir) Wedd.	-Planta inteira			

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Camapú	<i>Physalis angulata</i> L.	-Folhas	-Inflamação da bexiga, fígado, anemia, hepatite, inchações	-Chá	Int
			-Rins e próstata	-Chá desta mais quebra pedra	Int
			-Dor de ouvido	-Sumo pingar no ouvido	Ext
			-Malária, hepatite, reumatismo	-Chá	Int
		-Raiz	-Malária, febre alta, anti-inflamatório geral, prevenção de reumatismo, diurética, ajuda a expelir os cálculos renais	-Chá	Int
			-Catarro e gripe	-Chá com mel	Int
			-Problemas de rins, inflamação urinária	-Chá desta + quebra pedra	Int
		-Fruto		-Comer os frutos ou suco	Int
			-Evitar e curar a gripe	-Sumo dos frutos, tomar	Int
		-Seiva	-Dor de ouvido	-Colocar gotas no ouvido	Ext
			-Dores de ouvido		
Cana de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	-Caulo	-Laxante, diurética, insônia, fraqueza/fortificante, ressaca	-Suco (garapa)	Int
			-Rachadura dos seios	-Fazer compressa como suco nos seios	Ext
			-Aftas	-Gargarejo com o suco	Int
			-Aumentar a quantidade de leite da mulher	-Tomar o suco	Int
		-Folhas	-Febre, gripe	-Chá com mais casca de limão e mel	Int
Canafistula	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	-Folhas	-Rins inflamados, dor de urina,	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
canarana			diurético, fígado, dor de estômago -Tumores (furunculose)	-Sumo aplicado no local (emplasto)	Ext
			-Baques e inchaços	-Emplasto das folhas machucadas	Ext
			-Diabetes, anemias	-Chá	Int
		-Hastes novas	-Regularizar a menstruação, infecção urinária	-Chá	Int
		-Planta inteira	-Picadas de insetos	-Sumo passado no local	Ext
		-Folha e casca	-Diabetes, gonorréia, problemas do coração, rins, pressão alta	-Chá	Int
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	-Folhas	-Falta de sono (insônia), contra gases intestinais, combate vômitos, enxaquecas, vômitos, fortificante, catarro e bronquite, diarreia, dor de estômago	-Chá	Int
		-Casca do caule	-Calimante, má digestão, acalmar reumatismo, vômitos, diarreia	-Chá	Int
			-Reumatismo	-Tintura, passar no local afetado	Ext
Capim Santo, erva cidreira, capim cheiroso, capim marinho, capim limão	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	-Folhas	-Calimante, nervosismo, diarreia, dores em geral, provocar suor, eliminar gases, má digestão, analgésico, regula a menstruação, prisão de ventre, desidratação	-Chá	Int
			-Queda de cabelos	-Banhar a cabeça com o chá deixado no sereno	Ext
			-Feridas, aliviar dores	-Compressas com o chá morno	Ext
			-Repelir insetos de armários e	-Colocar várias folhas e flores em um	Outro

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Flores e folhas	aromatizar as roupas	saco de pano e guardar junto com as roupas para repelir os insetos e aromatizar as roupas	Outro
		-Planta inteira	-Calmanante	-Colocar folhas e flores dentro do travesseiro juntamente com marcela e alfavaca	Int
		-Raízes	-Repelente	-Chá	Ext
			-Limpeza das gengivas	-Queimar a planta seca	Int
Capitiú	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	-Planta inteira	-Má digestão, dores em geral, eliminar gases, diurético	-Gargarejo com o chá -Chá	Int
			-Reumatismo	-Compressa com chá morno no local afetado	Ext
			-Gripe	-Chá com mel de abelhas	Int
		-Raiz	-Palpitação do coração	-Chá	Int
		-Folhas	-Gripe	-Banho com as folhas colocadas de molho por 6 horas em água e sal – banhar bem a cabeça à tardezinha	Ext
		-Folhas e frutos	-Reumatismo	-Chá, lavar bem as partes afetadas	Int
		-Folhas e raízes	-Inflamação	-Chá	Int
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	-Frutos	-Rins, gripes, resfriados, colesterol, diabetes	-Tomar o suco	Int
			-Rins, gripes, resfriados, colesterol, diabetes	-Comer o fruto	Int
		-Folhas novas	-Febres	-Chá	Int
				-Emplasto das folhas amassadas colocar no local afetado.	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso			
Cariú	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	-Raízes	-Picadas de insetos, problemas de pele (coceiras, baques, vermelhidão)	-Chá com a raiz fatiada	Int			
			-Diurético, urina com mau cheiro	-Chá-tomar várias vezes ao dia	Int			
			-Inchaços de baques	-Fazer compressa com o chá	Ext			
			-Infecção intestinal, fraqueza em geral	-Chá	Int			
			-Folhas	-Cicatrizante de feridas, coceiras, erisipela, inflamação da pele	-Macerar as folhas até ficar uma massa pastosa e fazer o emplasto sobre o local afetado	Ext		
				-Lavagem de feridas para desinfetar	-Fazer a lavagem com o chá morno	Ext		
			Carmelitana, camelitana, camilitana	<i>Lippia citriodora</i> (Lam.) Kunth	-Folhas	-Amolecer tumores (furuncúlos)	-Emplasto com as folhas maceradas	Ext
						-Calmante, fígado, falta de sono (insônia), diarreia, problemas do coração, gases	-Chá	Int
						-Indigestão, dores de estômago	-Chá morno	Int
						Castanha do Pará, castanha do Brasil, castanheira	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	-Castanha
-Anemia	-Suco com leite	Int						
-Para crescimento de crianças	-Farinha da castanha	Int						
-Hepatite	-Chá	Int						
-Anemia de malária	-Chá do ouriço deixado de molho e serenado	Int						
-Albumina	-Água do ouriço - deixar a água na casca do ouriço por 24 horas e beber 2	Int						
-Óleo das	-Repelente	Ext						

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		sementes		a 3 xícaras por dia	
		-Casca do caule	-Inseticida	-Passar o óleo no corpo	Outro
			-Albumina, diarreia	-Jogar o óleo em locais onde estejam insetos	Int
				-Chá	
Catinga de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	-Folhas	-Gripes e resfriados	-Chá	Int
			-Febre, dor de cabeça	-Banho na cabeça com chá	Ext
			-Dor de ouvido	-Tintura, passar na cabeça	Ext
			-Vermes, eliminar gases, dores reumáticas, asma, regula a menstruação	-Pingar sumo no ouvido	Ext
			-Dores reumáticas	-Chá	Int
		-Planta inteira	-Tirar panemeira	-Tintura passar no local afetado	Ext
			-Quebranto de criança	-Chá	Int
				-Banho junto com vendicá	Outro
				-Banho com mais arruda, manjerição e alfavaca.	Outro
					Outro
			-Inseticida	-Queimar a planta	Outro
			-Repelente	-Colocar partes da planta em locais estratégicos da casa	Outro
			-Picada de insetos	-Tintura passar no corpo	Outro
			-Problemas do coração	-Tintura passar no local afetado	Outro
			-Cólica menstrual	-Chá	Ext
				-Fazer compressa com o chá na região do umbigo	Ext
		-Flores		-Chá para beber	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Cólicas menstruais	-Chá	Ext
Cebolinha, cebola brava	<i>Hippeastrum equestre</i> (Aiton) Herb.	-Bulbo	-Asma -Problemas de pulmão	-Chá adoçado com mel -Chá com mais mastruz	Int Int Int Int
			-Tosse	-Lambedor	Int
			-Vomitério	-Chá	Int
Cedro	<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	-Casca	-Diarréia, derrame, dor de cabeça, problemas de estômago, vômito, inflamação -Repelente e aliviar dores de picadas de insetos	-Chá -Banhar o corpo ou local afetado	Int Ext
			-Fraturas	-Macerar a casca e fazer emplasto no local -Chá	Ext Int
Chicória, coentro do Maranhão	<i>Eryngium foetidum</i> L.	-Raiz	-Diurético, infecção urinária, flores brancas, afrodisíaco	-Chá	Int
			-Flores brancas	-Lavagem de asseio com chá	Ext
			-Tosse	-Chá com mel	Int
		-Folhas	-Afrodisíaco, laxante, vermes, inflamação de fígado e intestinos	-Chá	Int
			-Dor de cabeça	-Compressa com Chá	Ext
			-Flores brancas	-Lavagem de asseio com chá	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			- Tosse	-Chá com mel	Int
		-Folhas e raízes	-Ajuda no parto	-Chá	Int
			-Expulsar resto de placenta em partos difíceis	-Chá forte	Int
Cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	-Folhas e flores	-Nervosismo, calmante, pressão baixa, má digestão, elimina gases intestinais, regula o funcionamento da bexiga, insônia	-Chá	Int
		-Raiz e casca	-Gripe, febre	-Chá com mel	Int
			-Regula o funcionamento da bexiga, combate cólicas de crianças, combate febres	-Chá	Int
Cipó de alho, cipó d'alho	<i>Adenocalymna alliaceum</i> Miers	-Folhas	-Fortificante, fraqueza, enjôo, resfriados, gripes	-Chá	Int
			-Gripes e resfriados, dor de cabeça	-Fazer o chá, deixar esfriar e banhar a cabeça de preferência de manhã e a tarde	Ext
			-Vermes e hemorróidas	-Lavagem de asseio para combater as vermes e hemorróidas	Ext
			-Olho gordo e panemeira e dá boa sorte	-Banho com sal grosso, alecrim, venciá, mucuracaá, pião roxo	Outro
			-Reumatismo	-Banhar o local afetado com o chá morno	Ext
Comida de jabuti, erva de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	-Planta inteira	-Diabetes, tosse, pressão alta, dor de garganta, resfriados e gripes	-Chá	Int
			-Problemas de rins	-Chá com mais o quebra pedra	Int
			-Hemorróida	-Sumo passar no local	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Couve	<i>Brassica oleraceae</i> L.	-Folhas e talos	-Febre -Reumatismo, expulsar catarro, artrite, gastrite -Gastrite -Tosse, asma e bronquite -Problemas de pele (dermatoses, cocciras) -Problemas de estômago, pneumonia	-Chá -Sumo, tomar -Bater uma folha com 2 colheres de leite condensado. Coar e usar 3 x ao dia -Chá da folha sem os talos, adoçar com mel -Compressa com as folhas maceradas junto com 1 colher de suco de limão + água no local afetado -Tomar o sumo em jejum	Int Int Int Int Ext Int
Cravo de defunto, cravo-bravo	<i>Togetes cf. minima</i> L.	-Folhas -Flores	-Calicante -Cólicas menstruais	-Chá -Chá	Int Int
		-Folhas e flores	-Reumatismo -Resfriados, gripe, dor de cabeça	-Fazer compressa no local afetado com o chá -Banho de cabeça com chá	Ext Ext Int Int
		-Planta inteira	-Cólica menstrual -Vermes -Baques	-Chá, tomar -Chá -Chá	Int Int Ext
Crista de galo	<i>Celosia cristata</i> L.	-Folhas	-Hemorragia, diarreia, gonorréia	-Emplasto com a planta macerada -Chá	Int
		-Sementes	-Vermes, diarreia	-Chá	Int

calicante

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso	
Cuieira	<i>Crescentia cujete</i> L.	-Raiz	-Estimulante sexual (impotência sexual)	-Chá	Int	
		-Flores	-Gripe, rouquidão	-Chá com mel de abelhas	Int	
		-Polpa dos frutos	-Purgante, expulsar catarro, asma	-Chá	Int	
			-Erisipela	-Passar no local a polpa	Ext	
			-Dores de cabeça	-Compressa	Ext	
			-Tosse	-Xarope da polpa	Int	
			-Tosse com catarro, bronquite, hepatite	-Chá	Int	
			-Folhas			
			-Folhas	-Diarréia, dores em geral, eliminar gases, febre, problemas de estômago, dores em geral, prisão de ventre, digestão difícil, fígado, cólicas	-Chá	Int
				-Reumatismo	-Sumo passar no local	Ext
Elixir paregórico, óleo elétrico	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	-Folhas + caule	-Dor de estômago, cólicas, fígado	-Chá	Int	
		-Raiz	-Má digestão	-Chá	Int	
Embaúba, imbaúba, umbaúba	<i>Cecropia ficifolia</i> Warb. ex Snethl.	-Folhas	-Reumatismo, desidratação, diurético, anemia, disenteria, infecção urinária	-Chá	Int	
			-Pedra na vesícula	-Ferver 1 folha em 1 litro de água. Beber 3 copos por dia	Int	
			-Inchaço	-Ferver 1 folha em 1 litro de água. Beber 3 copos por dia	Int	
				-Fazer compressa com o chá	Ext	
			-Chá	Int		
			-Malária e hepatite			

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Folhas novas		-Tomar o sumo das folhas	Int
		-Brotos e raiz	-Barriga d'água e urina com piú	-Chá	Int
		-Brotos	-Asma, bronquite, tosse, pneumonia, pressão alta, infecção urinária	-Sumo, tomar em jejum	Int
			-Gonorréia	-Lavagem vaginal com o chá	Ext
			-Flores brancas	-Tomar o sumo dos brotos	Int
		-Raiz	-Corrimento	-Chá	Int
			-Asma, tosse de guariba, bronquite		
		-Folhas	-Baques	-Emplasto com as folhas maceradas	Ext
			-Lavagem de feridas crônicas	-Lavagem com o chá	Ext
			-Cicatrização de feridas	-Emplasto com as folhas maceradas + folhas maceradas de pirarucú + folhas maceradas de arnica + óleo de andiroba	Ext
			-Insônia, problemas do coração	-Chá	Int
		-Casca do caule	-Diarréia		Int
		-Folhas	-Sinusite, rinite	-Inalação com o chá	Ext
			-Reumatismo, juntas doloridas		Ext
			-Bronquite, asma, gripes, catarro, febre, tosse	-Compressa com o chá na parte afetada	Int
			-Calmante, limpeza do pulmão, anti-atarro, asma, glândulas inflamadas, inflamação de rins, tosse de guariba, disenteria, rinite, tuberculose	-Xarope	Int
				-Chá com mel	Int
				-Chá	Int
					Ext
Espongeira	<i>Enterolobium schomburgkii</i> (Benth.) Benth.				
Eucalipto grande	<i>Eucalyptus deglupta</i> Blume				

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Flores brancas	-Lavagem de asseio	
			-Reumatismo	-Emplasto das folhas amassadas	Ext
		-Casca do caule	-Nevralgias, dor de garganta e inflamada	-Gargarejo com o chá	Int
			-Tirar olho gordo e dá boa sorte	-Banho mais vendicá, mucuracaá, alecrim e cipó de alho	Outro
			-Reumatismo	-Compressas no local	Ext
			-Feridas (lavagem)	-Lavagem com chá	Ext
			-Feridas (cicatrizar)	-Emplasto com o material macerado	Ext
			-Ferimentos (limpeza)	-Óleo extraído passar no local	Ext
Eucalipto pequeno	<i>Justicia</i> sp.	-Folhas		-Lavagem com o chá	Ext
			-Cicatrizante	-Emplasto com o material macerado	Ext
			-Resfriado e gripe, tosse	-Chá com mel	Int
			-Febre	-Chá	Int
		-Planta inteira	-Repelente de insetos	-Queimar o material para espalhar a fumaça e espantar os insetos	Outro
		-Folhas	-Dor de urina, infecção urinária	-Chá	Int
			-Dor de cabeça	-Banho com chá a cabeça	Ext
		-Planta inteira	-Repelente de insetos	-Queimar o material para espalhar a fumaça e espantar os insetos	Outro
Fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L.	-Folha	-Ferimentos (lavagem-limpeza)	-Chá para lavagem do ferimento.	Ext
			-Cicatrizante de feridas	-Emplasto com o sumo das folhas	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Gastrite, úlcera	-Pó da folha torrada - chá	Int
			-Diabetes, enxaqueca	-Bater no liquidificador 10 folhas em um litro de leite. Tomara 3 xícaras por dia	Int
			-Inflamações, baques	-Tomar o sumo das folhas misturado com mel de abelhas	Int
			-Inflamações, baques, coceiras (sarna)	-Macerar as folhas e colocar no local afetado, deixar por 10 minutos	Ext
			-Doenças da pele	-Colocar o sumo das folhas no local afetado	Ext
		-Sementes	-Febre, vermes	-Chá das sementes torradas	Int
		-Folhas, flores e raízes	-Febres e vermes, problemas de catarro preso, diurético	-Chá	Int
Gergilim, gergelim	<i>Sesamum indicum</i> L.	-Folhas	-Disenteria, taquicardia, calmante, diurético, fortifica o organismo, menstruação irregular, prisão de ventre, derrame	-Chá	Int
		-Sementes (óleo)	-Queimaduras	-Emplasto no local	Ext
			-Laxante	-Chá das sementes torradas	Int
		-Sementes	-Derrame	-Amassar as sementes em um pilão, misturar com leite e tomar em jejum	Int
				-Tirar o leite da semente e dar 1 colher de sopa de 2 em 2 horas para beber	Int
Goiaba, goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	-Broto (grelho)	-Diarréia	-Comer os brotos	Int
			-Garganta inflamada, aftas	-Chá dos brotos	Int
		-Folhas novas	-Tosse, bronquite, gripe	-Gargarejo com o chá	Int
			-Azia	-Chá	Int
				-Mastigar lentamente uma folha e	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Inflamação de dentes	engolir a saliva	Int
		-Casca do caule	-Diarréia	-Chá	Int
		-Fruto	-Banho de asseio pós-parto	-Lavagem de asseio com chá	Ext
		-Folhas	-Doenças do estômago	-Comer o fruto	Int
		-Folha	-Tirar sapinho da boca de criança	-Suco dos frutos	Int
		-Folha	-Desinflamar varizes	-Ralar o fruto verde e passar no local	Int
		-Folha	-Diabetes, calmante, emagrecimento (obesidade), insônia, problemas de rins	-Emplasto das folhas quentes	Ext
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	-Casca da raiz	-Diabetes, calmante	-Chá	Int
Hortelã, hortelã pimenta, hortelã das cozinhas	<i>Mentha cf. piperita</i> L.	-Folhas	-Ajuda na digestão, coração, cólicas abdominais, insônia, calmante, digestivo, dores de cabeça, dores de barriga, dor de garganta, afrodisíaco, gastrite, fígado, cólicas em recém nascidos, vômitos, cólicas menstruais	-Chá	Int
			-Vermífugo	-Chá com alho	Int
			-Asma, tosse e resfriado, garganta inflamada e tosse	-Inalação com eucalipto grande	Ext
			-Reumatismo	-Gargarejo com o chá	Int
		-Planta inteira		-Tintura (passar no local)	Ext
				-Emplasto no local com material macerado	Ext
Hortelã do campo	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl)	-Folhas	-Náuseas, vômitos, analgésica.	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Kuntze					
cólica menstrual					
Hortelã grande	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	-Folhas	-Cólica menstrual -Tosse, expectorante, digestivo, diurético -Gripes, asma, tosse, inflamação da garganta e do útero -Erisipela (esipla) -Vermes -Garganta inflamada	-Compressa com chá na região do umbigo -Chá -Xarope-Colocar em uma panela camadas de folhas de hortelã e açúcar-levar ao banho-maria - Coar, espremer para tirar todo o sumo. Usar 3 a 5 colheres de sopa por dia -Emplasto - Murchar as folhas com calor e colocá-las sobre o local afetado -Bater no liquidificador junto com masiruz o tomar -Xarope	Ext Int Int Ext Int Int
Hortelanzinho	<i>Mentha pulegium</i> L.	-Folhas e hastes	-Cólicas de recém nascidos, gases em crianças, diarreia, cólicas, tosse, giárdia, ameba	-Chá	Int
Jambo	<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	-Fruto -Casca do caule	-Gripes, resfriados, tosse e bronquites -Elimina gases -Diarréia e disenterias, nutritivo -Inflamação, diarreia e disenterias	-Xarope -Chá -Comer o fruto -Chá	Int Int Int Ext
		-Folhas	-Cicatrizante de feridas -Ameba	-Lavar o ferimento com o chá -Emplasto com o material macerado -Chá	Ext Ext Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Hemorroidas,		
			-Ameba	-Chá desta com mais o jambú	Int
			-Catarro no peito	-Banho de descarrego	Outro
			-Limpeza do corpo e dá boa sorte	-Banhar a cabeça com o chá	Ext
			-Dor de cabeça e gripe	-Lavagem do ferimento com chá morno forte	Ext
			-Lavagem de ferimentos com pús	-Emplasto com as folhas maceradas	Ext
			-Cicatrizar ferimentos	-Chá com mel	Int
			-Gripe e resfriado		
		-Fruto	-Prisão de ventre	-Sumo da polpa	Int
			-Diarréia, gases	-Chá	Int
			-Queimaduras	-Ferver a polpa do fruto até amolecer, amassar até formar uma massa, fazer compressa no local afetado	Ext
		-Sementes	Vermes (solitária e outros vermes)	-Amassar as sementes em um pilão, misturar com leite e tomar em jejum pela manhã	Int
			-Anti-inflamatório	-Chá	Int
			-Dores de ouvido	-Sumo pingado no ouvido	Ext
		-Folhas	-Queimaduras	-Sumo aplicado no local como emplasto	Ext
			-Corrimento vaginal		
		-Flores	-Anti-inflamatório	-Lavagem de asseio com chá das folhas	Int
		-Folhas e flores	-Erisipela	-Chá	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	-Favas secas (fruto)	-Melhorar o sangue, tosse crônica, bronquite, cólicas intestinais, asma, diabetes, inflamações em geral	-Macerar as folhas e flores e passar no local, massagem -Emplasto -Chá	Int
			-Elaques, contusões	-Tintura, passar no local afetado	Ext
			-Problemas de garganta	-Gargarejo	Int
			-Feridas (lavagem-limpeza)	-Lavagem das feridas com chá	Ext
			-Feridas (cicatrização)	-Emplasto da ferida com o material macerado	Ext
			-Flores brancas	-Lavagem de asseio	Ext
			-Inflamação do útero	-Chá desta + barbatimão + verônica	Int
		-Casca do caule	-Dor de barriga, infecção dos pulmões	-Chá	Int
			-Diabetes	-Chá (sem açúcar)	Int
			-Problemas de garganta	-Gargarejo	Int
			-Desinfetar feridas	-Chá com mel -Lavagem com o chá	Ext
		-Raízes	-Cicatrização de feridas	-Emplasto com o material macerado	Ext
			-Febre, diarreia	-Chá	Int
Jurubeba	<i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.	-Raiz e folhas	-Malária, anemia, febres, regula a menstruação, diabetes, diurética, inflamação em geral, erisipela	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Jutai	<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	-Fruto	-Gripe	-Comer os frutos	Int
		-Folhas	-Cicatrizante de feridas, coceiras e baques	-Compressa com chá no local afetado	Ext
		-Casca do caule	-Tosse, bronquite, febre	-Chá	Int
			-Vermes, estancar hemorragias, fortificante do organismo	-Xarope	Int
			-Diarréia, desinteria, cólicas	-Chá	Int
			-Tosse, catarro preso, asma	-Chá morno	Int
			-Vermes, estancar hemorragias, fortificante	-Chá adoçado com mel	Int
			-Problemas respiratórios	-Tomar a seiva diluída em água	Int
			-Míose no pé	-Inalação : cortar as folhas em pedaços pequenos e jogar água quente em cima	Ext
			-Albumina	-Banho do chá da casca	Ext
Laranja da terra	<i>Citrus aurantium</i> L.	-Fruto		-Suco do fruto	Int
		-Folhas e casca seca dos frutos	-Diurético, problemas de digestão, elimina gases, controla a pressão alta, controla a taquicardia, calmante (insônia, nervosismo)	-Chá	Int
		-Flores	-Cicatrizante de espinhas, acnes, antiinflamatório	-Chá	Int
		-Folhas	-Gripes, resfriados e febres	-Macerar as flores e deixar de molho ao sereno por 1 noite, coar e adicionar mel e aplicar no local afetado em forma de compressa	Int
			-Cólicas, taquicardia e reumatismo	-Chá adoçado com mel	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Folhas, flores e casca do fruto	-Banho relaxante (calmante)	-Banho com o chá	Ext
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	-Folhas	-Reumatismo, taquicardia, problemas de coração, febre, calmante	-Chá	Int
		-Frutos	-Gripe, garganta inflamada	-Chá adoçado com mel	Int
			-Albumina	-Suco do fruto	Int
			-Má digestão, eliminar gases	-Chá da casca dos frutos	Int
			-Calmante	-Chá da casca seca dos frutos e adoçar com mel	Int
			-Estômago cheio (empacho)	-Chá da casca	Int
		-Flores	-Espantar mosquitos	-Defumação com a casca seca do fruto	Outro
		-Folhas e flores	-Insônia e febre	-Chá	Int
			-Calmante	-Chá	Int
Lima	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	-Fruto	-Calmante, gripe, nutritivo	-Suco	Int
		-Casca do fruto	-Reduzir colesterol e reduzir triglicédeos	-Chá	Int
		-Folhas	-Calmante, problemas digestivos	-Chá	Int
Limão galego	<i>Citrus vulgaris</i> Risso	-Fruta	-Gripe e resfriado, tosse	-Suco com mel	Int
			-Mucium	-Passar o suco no corpo	Ext
			-Garganta inflamada, aftas	-Gargarejo com chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		-Folhas	-Gripes e resfriados	-Chá com mel de abelhas	Int
		-Fruta e folhas	-Mau olhado, panemeira e dá boa sorte	-Banho desta + mucuracaá + catinga de mulata + sal grosso	Outro
Limão, limoeiro	<i>Citrus limonia</i> Osbeck	-Frutos (suco)	-Gripe, tosse, garganta inflamada	-Suco com mel	Int
			-Hipertensão, melhorar o sangue	-Suco	Int
			-Aftas, feridas	-Gargarejo com o chá	Int
		-Frutos (casca)	-Pele seca	-Compressa com o chá + mel	Ext
			-Febre	-Chá com mel	Int
			-Gripe e resfriado	-Chá da casca com mel e alho	Int
			-Vermes, circulação do sangue, problemas digestivos e do estômago	-Chá da casca fatiada	Int
			-Inflamações da boca e garganta	-Gargarejo com o chá	Int
		-Folhas e casca do fruto	-Nevralgia	-Friccionar o chá no local	Int
			-Reumatismo	-Compressa no local	Ext
			-Gripe, calmante	-Chá	Int
			-Emagrecer	-Chá em jejum	Int
		-Folhas	-Gripe, garganta inflamada	-Chá com mel e andiroba	Int
			-Furúnculo	-Queimar 2 folhas, misturar as cinzas com sebo de Holanda e colocar no local afetado	Ext
			-Sinusite, febre, gripe		Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Mamoeiro, mamão	<i>Carica papaya</i> L.	-Fruito -Leite	-Digestivo, diurético, liberar intestino preso -Prisão de ventre -Asma e diabetes -Vermes -Sardas -Cicatrizante -Queimaduras -Laxante -Vermes	-Ferver 20 folhas para 1 litro de água, deixar no sereno e lavar a cabeça pela manhã -Comer o fruto -Amassar 1 pedaço do mamão maduro com suco de laranja e tomar em jejum -Algumas gotas em água fervida Tomar puro -Passar no local das sardas -Passar no ferimento -Passar no local afetado -Tomar o leite diluído em água -Chá das sementes secas	Int Int Int Int Ext Ext Ext Int Int Ext Int Int
Mamorana	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	-Sementes (castanhas) -Flor do mamão macho	-Aliviar dores de queimaduras -Problemas de fígado, má digestão, ameba, vômito -Tosses, bronquite -Fortificante, energético	-Enrolar as folhas no local afetado (emplasto) -Chá -Chá adoçado com mel -Chá -Comer cruas, assadas em brasa, fritas em óleo -Comer a farinha feita com as castanhas	Ext Int Int Int Int
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	-Casca	-Cicatrizante, diarreia, inflamação.	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			asma		
		-Entre-casca	-Tosse braba	-Xarope	Int
			-Erisipela	-Tintura da entre-casca, passar no local	Ext
		-Folhas	-Diarréia	-Chá	Int
			-Emagrecimento, inflamação do útero	-Chá	Int
			-Corrimento	-Lavagem com chá	Ext
			-Tosse braba	-Xarope	Int
			-Inflamação da gengiva	-Gargarejo com o chá	Int
		-Caroço	-Asma, catarros, bronquite	-Chá das folhas novas com mel de abelhas	Int
			-Mordida de cobra	-O caroço ralado em emplastro aplicado sobre o local afetado	Int
			-vermes	-Chá do caroço ralado	Ext
Manjerição, esturaque	<i>Ocimum minimum</i> L.	-Folhas	-Estimula melhor digestão, eliminar gases intestinais, febre, dor de cabeça, diurético, reumatismo	-Chá	Int
			-Dor de dente	-Sumo colocar no local	Int
			-Gripe e resfriados	-Chá	Int
		-Caulo	-Diurético, elimina gases intestinais	-Tirar o sumo das folhas e misturar com mel de abelhas e tomar uma colher de sopa 3 x ao dia	Int
		-Planta inteira	-Doenças nervosas, paralisias	-Chá	Int
		-Folha fresca +	-Gripes, febres e resfriados	-Banhos aromáticos no corpo todo	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
		caule			
			-Banhos de cabeça		
			-Panemeira, mau-olhado, inveja		Outro
			-Dor de ouvido	-Banho com mais mastruz, cipó de alho	0
				-Chá	Int
				-Pingar o sumo no ouvido	Ext
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	-Frutos	-Calmante do sistema nervoso, pressão alta, problemas de coração	-Suco à vontade	Int
		-Folhas	-Calmante do coração, nervosismo, insônia, coqueluche, coração, pressão alta, calmante	-Chá	Int
			-Inchaço	-Tirar o sumo das folhas, misturar com tapioca e colocar sobre o inchaço - compressa	Ext
			-Erisipela, reumatismo	-Compressa com o chá no local afetado	Ext
			-Hemorroidas	-Lavagem de asseio com o chá	Int
		-Flor e folhas	-Calmante, problemas de coração, nervosismo, pressão alta, falta de sono (insônia)	-Chá	
Maria mole	<i>Commelina virginica</i> L.	-Folhas	-Cólicas, hemorróidas, intestino preso	-Chá	Int
		-Ramos foliares	-Hemorroidas	-Lavagem de asseio com o chá	Ext
			-Limpeza do intestino, intestino preso, hemorróidas	-Chá	Int
			-Hemorroidas	-Lavagem de asseio com o chá	Ext
Marupazinho	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	-Bulbo	-Ameba, giardia, diarreia	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso	
Mastruz, mastruço, erva de Sta. Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.		-Hemorróidas	-Lavagem de asseio com o chá -Chá - tomar -Gargarejo com o chá	Ext Int Int	
			-Aftas			
			-Dor de garganta			
			-Casca		-Gargarejo com o chá	Int
			-Folhas		-Chá	Int
					-Tomar o sumo com leite	Int
					-Sumo das folhas misturada com leite	Int
					-Compressa no local com o chá	Ext
					-Chá com mel	Int
					-Banho de cabeça com o chá morno	Ext
					-Emplasto com as folhas maceradas	Ext
					-Lavagem do ferimento com o chá	Ext
					-Emplasto com o sumo	Ext
					-Beber o sumo	Int
					-Sumo das folhas misturado com leite e mel	Int Ext
			-Emplasto com o sumo	Int		
			-Sumo fresco com mel de abelhas	Outro		
			-Planta seca colocada em locais diversos da casa	Outro		
			-Queima da planta seca	Outro		
			-Pendurar galhos pela casa	Outro		

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Melão-de-São-Cactano	<i>Momordica charantia</i> L.	-Folhas	-Coceiras (micoses, sarna) -Queimadura -Cólica menstrual, dor de barriga, vermes -Caspas e piolho -Hepatite -Coceira -Malária -Febres, gripes, bronquites, pneumonia, cólicas, reumatismo, lombriça, purgante -Sarna	-Colocar o sumo das folhas no local da coceira ou amassar as folhas diretamente sobre a parte afetada -Sumo com azeite de andiroba fazer o emplasto -Chá -Chá desta + amor crescido + mastruz – banhar a cabeça -Chá desta + sacaca -Sumo das folhas + óleo de andiroba -Chá desta com mais vassourinha -Chá -Sumo das folhas passar no local afetado	Ext Ext Int Ext Ext Int Int Ext
Meracilina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuehlik ex R. E. Fr.	-Folhas -Planta inteira -Folhas novas	-Dores em geral, inflamações interna e geral -Gripe, febre, garganta inflamada -Flores brancas -Dor de urina, inflamação urinária -Corrimento vaginal -Hemorragia no parto	-Chá -Chá adoçado com mel de abelhas -Chá -Lavagem de asseio com chá -Chá -Lavagem de asseio com o chá -Chá	Int Int Int Ext Int Ext Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Milho	<i>Zea mays</i> L.	-Cabelo (estigma)	-Diurético, pedras nos rins, desinfetante das vias urinárias, bexiga inflamada, infecção urinária, controle de diabetes, pressão alta, problemas de digestão, vômito, baixa o colesterol, pedra nos rins	-Chá	Int
		-Sementes	-Lavagem de feridas	-Lavagem do local com o chá morno	Ext
		-Sabugo	-Desnutrição	-Comer em saladas, assadas	Int
		-Raiz	-Tosse crônica, bronquite	-Chá	Int
Mucuracá	<i>Petiveria alliacea</i> L.		-Dores nas juntas (reumatismo)	-Chá	Int
			-Dor de dente furado (cariado)	-Tintura passar no local	Ext
			-Doença venérea	-Amassar a raiz e colocar no buraco do dente	Int
		-Folhas	-Dor de dente	-Chá	Int
			-Provocar suor, provocar urina, regula a menstruação	-Colocar pedaço de folha no dente (cárie)	Int
			-Anti-infeccioso vaginal	-Gargarejo	Int
			-Repelente	-Sumo das folhas colocar no dente com algodão	Int
		-Tirar panemeira		-Chá	Ext
		-Evitar mau-olhado e inveja		-Lavagem	Outr o
		-Reumatismo		-Queimar as folhas	Ext
		-Dor de cabeça		-Tintura, passar no corpo	Outr o
				-Banho de limpeza com vendicá, alecrim, alfavaca e hortelã grande	Outr o
				-Banho de limpeza desta com + alfavaca + hortelã grande	Outr o

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Criança aborrecida (braba)	-Compressa com as folhas machucadas	Ext
				-Tintura das folhas banhar a cabeça	Ext
				-Compressa das folhas machucadas na frente	Ext
				-Banho com chá na cabeça	Outro
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	-Folhas	-Hemorróida	-Chá	Int
		-Broto das folhas	-Diarréia	-Chá	Int
		-Casca do caule	-Feridas crônicas	-Lavagem com o chá	Ext
		-Entre-casca	-Cicatrização de feridas	-Emplasto com o sumo da parte interna da casca	Ext
		-Fruto	-Diurética, febre, tuberculose	-Chá	Int
		-Folhas	-Anemia, tosse, diurético	-Suco do fruto	Int
Pajamarioba, pajumarioba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link			-Chá	Int
				-Tirar o sumo, misturar com cachaça e uma pitada de sal - passar na erisipela 3 x ao dia	Ext
		-Flor	-Asma	-Sumo passar no local	Ext
			-Colesterol	-Xarope com o cacho da flor e utilizar 3 x ao dia	Int
		-Fruto	-Impigem	-Chá	Ext
			-Baques	-Fazer lavagem com o chá morno	Ext
		-Raiz	-Asma, pressão alta	-Emplasto com o fruto macerado	Int
			-Frieira	-Chá	Ext
		-Sementes	-Colesterol	-Lavagem com chá morno	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Baques	-Torrar as sementes, fazer o chá e beber como água	Int
		-Folhas e flores	-Malária, regula a menstruação, vermes e ameba, hepatite	-Chá	Int
			-Cocceiras na pele	-Chá	Ext
				-Passar o sumo no local	
Paratudo	<i>Cardiospermum halicacabum</i> L.	-Folhas	-Sarna	-Sumo passar no local	Ext
			-Vermes, cólicas menstruais	-Chá	Int
			-Furuncúlos	-Emplasto com as folhas maceradas	Ext
		-Planta inteira	-Problemas de pele	-Banho com o chá	Ext
			-Diarréia	-Chá	Int
		-Raiz	-Diurético, provocar suor	-Chá	Int
		-Casca do caule	-Desintéria	-Chá	Int
		-Hastes	-Problemas intestinais e do estômago	-Chá	Int
Pari, crajirú, carajirú	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	-Folhas	-Anemia, inflamação do útero, diarréias, leucemia, hepatite, inflamação do útero, do estômago e intestinos, regula a menstruação	-Chá	Int
			-Lavagem de ferimentos, impinges	-Lavagem com o chá frio	Ext
			-Tosse	-Chá com mel de abelhas	Int
			-Problemas de rins, fígado	-Chá desta + quebra pedra + sacaca	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Pata de vaca	<i>Bauhinia variegata</i> L. Var. <i>Candida</i> Voigt.	-Folhas	-Problemas de rins, diabetes, problemas de bexiga (dores), baixar colesterol, baixar a taxa de glicose no sangue, emagrecimento, reumatismo, diarreia	-Chá	Int
Pau d' arco amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) G. Nicholson	-Casca do caule -Casca -Flores	-Sífilis, diarreia, tosse, calmante -Regular a menstruação, câncer, úlcera, anemia, má digestão, diarreia, anti-inflamatório, problemas de rins -Problemas de pele (coceiras, eczemas) -Inflamações da gengiva	-Chá -Chá -Compressa com chá no local afetado	Int Int Ext
Pau de Angola	<i>Piper divaricatum</i> G. Mey.	-Folhas	-Garganta inflamada -Problemas de digestão e dor de barriga -Gripes, febres e resfriados -Reumatismo -Panemeira	-Chá -Chá com mel de abelhas -Banhos de cabeça com mais limão, pião branco -Compressa com chá -Banho de limpeza	Int Int Ext Ext Ext
Pau de angola grande	<i>Senna cf. pilifera</i> (Vogel) H. S. Irwin & Barneby Var. <i>pirifera</i>	-Folhas	-Problemas de fígado, expelir vermes -Impigem	-Banho no corpo com o chá desta + pião roxo -Chá -Passar o sumo das folhas no local afetado	Outr o Int Ext Outr

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Proteger de mau olhado e mandinga	-Banho na cabeça com o chá desta + vencidá + catinga de mulata	0
			-Gripe, febre e resfriado	-Banhos na cabeça com o chá desta + limão + Capim santo + alfavaca	Ext
Pau de angola pequeno	<i>Aloysia oblancheolata</i> Moldenke	-Folhas	-Tirar mau-olhado, panemeira	-Banho com mais alecrim + vencidá	Outr 0
			-Febre	-Chá, tomar	Int
			-Dor de cabeça, febre e gripe	-Banho de cabeça com chá	Ext
			-Tosse	-Banho de cabeça com mais catinga de mulata + limão	Ext
			-Dores em geral, inflamações, diurética, dor de urina, inflamação do útero, ameoba	-Chá com mel	Int
Periquitinho	<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) P. Beauv.	-Folhas	-Flores brancas (doença de senhora)	-Chá	Int
			-Inflamação em geral, hemorragia de parto, digestão difícil	-Chá	Int
				-Lavagem de asseio com o chá	Ext
				-Chá	Int
				-Chá	Int
Pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	-Folha	-Diabetes, anemia, barriga d'água, dores em geral	-Chá das folhas	Int
			-Feridas	-Colocar o leite no local -do ferimento	Ext
			-Boqueira	-Colocar o látex no local	Ext
			-Alergia	-Passar o leite no local da alergia	Ext
			-Sapinho	-Colocar 3 pingos do leite no mel e ficar passando na boca da criança - compressa	Int
			-Ferrada de mucuim e insetos	-Amassar o fruto e passar no local	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Pião caboclo	<i>Jatropha cf. gossypifolia</i> L.	-Folhas	-Dor de cabeça -Olho gordo, mau-olhado, panemeira -Ferrada de mucuim e insetos	-Chá -Banho com mais cipó de alho, alfavacão -Amassar o fruto e passar o macerado no local	Int Outro Ext
Pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	-Folhas	-Feridas -Gripe e resfriados	-Chá das folhas -Banhar a cabeça com chá serenado	Int Ext
		-Leite (látex)	-Dores em geral	-Aplicação do leite no local	Ext
		-Fruto	-Ferrada de mucuim e insetos	-Macerar o fruto e passar no local	Ext
		-Folhas e galhos	-Mau olhado, panemeira e dá boa sorte na vida	-Banho do corpo com o chá desta + cipó de alho + mucuracáá	Outro
Pimenta do reino	<i>Piper nigrum</i> L.	-Fruto	-Tosse, gripe e resfriado -Tosse, gripe e resfriado	-Lambedor -Xarope	Int Int
		-Folhas	-Garganta inflamada -Cólicas da menstruação	-Chá dos grãos com mel e andiroba -Chá	Int Int
Pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	-Fruto	-Mucose (pano branco), unheiro -Melhora os intestinos	-Lavar o local com chá -Feito molho de pimenta ou esmagado na comida em pequenas doses	Ext Int
		-Folha	-Cólica menstrual, cólica de crianças	-Chá	Int
			-Tirar mau-olhado, panemeira	-Banho de limpeza com mais alecrim,	Outro

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
				alfavação, mucuracaá, vendica.	0
			-Furar furúnculos	-Emplasto junto com malvarico e sebo de holandã	Ext
			-Reumatismo	-Tintura das folhas passar no local	Ext
			-Coqueluche	-Chá,	Int
			-Catarata	-Lambedor	Int
				-Sumo (colírio),	Ext
			-Olhos inflamados	-Colocar uma gota do sumo	Ext
			-Queimaduras, ferimentos (cicatrizar), baques	-Lavagem dos olhos com chá	Ext
			-Conjuntivite	-Emplasto com as folhas machucadas	Ext
			-Tosse, garganta inflamada	-Lavagem dos olhos com chá	Ext
			-Inflamação da garganta	-Lambedor	Int
			-Erisipelas	-Xarope	Int
			-Asma	-Gargarejo com o chá	Int
				-Emplasto com as folhas machucadas	Ext
				-Emplasto das folhas pré-aquecidas	Ext
				-Tomar o sumo da folha murchada ao fogo com mel	Int
				-3 folhas escaldadas, coar e tomar o sumo.	Int
				-5 folhas batidas no liquidificador com leite, coar e tomar 2 x ao dia por pelo menos 15 dias, pode-se acrescentar o mel de abelha	Int
			-Amolecer furúnculos	-Chá das folhas.	Ext
			-Picadas de insetos	-Emplasto com as folhas amassadas misturadas a azeite de andiroba	Ext
				-Passar no local afetado o sumo das folhas maceradas	
Piracucu, folha da fortuna, folha grossa	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	-Folhas			
Pripioça, pirioca,	<i>Cyperus odoratus</i> L.	-Bulbo	-Diarreia, hemorróida	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
prpriooca			-Atrair boa sorte -Gripe, febre e catarro preso	-Banho no corpo com chá desta + catianga de mulata + venciá -Banhar a cabeça com o chá desta + manjerição + pião roxo + limão + catianga de mulata	Outro Ext
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	-Planta inteira	-Problemas de rins (pedra...), diurético, dor de urina, infecção urinária, pedra na vesícula, hepatite, infecção da bexiga, diabetes, pressão alta	-Chá	Int
Quina	<i>Quassia amara</i> L.	-Casca do caule	-Barriga d'água, falta de apetite, problemas de próstata	-Chá, tomar feito água o dia todo	Int
				-Chá	Int
				-Macerar o material e deixar de molho e beber	Int
				-Chá das folhas serenadas	Int
				-Chá	Int
				-Compressa com as folhas maceradas no local afetado	Ext
				-Banhar a cabeça com o chá morno	Ext
				-Chá	Int
				-Chá	Int
				-Chá desta + raiz de camapú	Int
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	-Flores	-Febre alta, rubéola, sarampo, catapora, provoca suor, diurético.	-Chá das flores	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			vômitos, aumenta a produção de leite para a amamentação		
		-Folhas	-Conjuntivite -Resfriados -Abscessos -Hemorroidas -Furúnculos -Queimaduras -Diurético, resfriados	-Lavagem dos olhos -Sumo das folhas com mel -Emplasto com as folhas maceradas -Lavagem com chá -Emplasto das folhas amassadas com sebo de Holanda -Emplasto das folhas amassadas -Chá da casca -Chá	Ext Int Ext Ext Ext Ext Int Int
		-Casca do caule -Casca e flores	-Prisão de ventre, obesidade, diurético, problemas de rins	-Fazer o chá e beber -Banho quando começar a aparecer o sarampo	Int Ext
		-Folhas e flores	-Sarampo		Ext
		-Folhas e casca	-Erisipela, furúnculos, inflamações da pele	-Chá fermentado lavar o local	Int
		-Casca, raiz e folha	-Dor de urina e reumatismo -Febre	-Chá -Chá	Ext Int
Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	-Casca do tronco e folhas	-Problemas do fígado, má digestão -Baixar colesterol, emagrecimento, malária, diarreia, problemas de vesícula, rins, diabetes	-Chá misturado com boldo -Chá	Int Int
			-Coceira	-Lavar o local com o chá	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso		
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	-Folhas	-Problemas de pele (micose)	-Tintura passar no local	Ext		
			-Coceira	-Emplasto com as folhas maceradas	Ext		
		-Folhas e flores	-Catapora, sarampo	-Tintura passar no local afetado	Ext		
				-Chá, banhar o local afetado	Ext		
		-Ouriço	-Hepatite, anemia	-Água deixada de molho no ouriço e serenado	Int		
		-Casca	-Diarréia	-Chá	Int		
		-Óleo	-Sífilis, diurética, infecções, problemas das vias urinárias	-Tomar o óleo	Int		
		-Folha e casca	-Coceira	-Esmigalhar o material na água e banhar o local afetado	Ext		
		Sicurijú, sucurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	-Folhas e ramos	-Cicatrizante, anti-inflamatório, problemas de fígado, hepatite, febre de malária	-Chá	Int
						-Emplasto feito com sumo colocado no local afetado	Ext
				-Lavagem com chá	Ext		
	-Ferimentos inflamados			-Lavagem do local	Ext		
	-Frieira			-Banho do chá	Ext		
	-Problemas de pele			-Banho com mais mucuracá, catinga de mulata, pião caboclo e cabi	Outro		
	-Curar mau-olhado, panemeira, olho gordo			-Banhar o corpo com o chá serenado	Outro		
-Folhas e raízes				-Chá	Outro		
	-Problemas de pele (micoses, coceiras)			-Lavagem do local afetado com chá morno	Int		
					Ext		

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Inflamações	-Emplasto com o material macerado	Ext
Sucuúba	<i>Himatanthus sucuúba</i> (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson	-Casca do caule -Látex (leite)	-Frieiras -Gastrite, úlceras, ameba, inflamações do útero, câncer, asma, purgante, baques (machucados internos) -Cicatrizante -Vermes, tosse	-Chá -Emplasto com o leite no local afetado -Tomar o látex em pequena dose ao acordar	Int Ext Int
		-Folhas	-Pneumonia -Impinges	-Tomar uma colher pequena de leite de sucuúba com mel pela manhã -Emplasto das folhas maceradas no local afetado	Ext Int
		-Casca do caule, folhas e leite	-Prisão de ventre, eliminar gases -Curar fraturas	-Chá -Emplasto com o material macerado no local afetado	Ext Ext
Taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	-Casca	-Rins, diarreia, gripes -Lavar ferimentos com pus -Cicatrizar feridas -Inflamação do útero e vaginal -Banho de asseio após o parto -Gripe, resfriado, garganta inflamada, tosse	-Chá -Lavagem com chá -Emplasto com material macerado -Lavagem de asseio com o chá -Banho de asseio com chá -Comer a polpa do fruto -Tomar o suco da polpa	Int Ext Ext Ext Int Int
Trevo roxo, hera do	<i>Hemigraphis colorata</i> (Blume)	-Folhas	-Provoca suor, regula a menstruação,	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
Pará	Hallier f.		artrite		
Trevo, paracuri, cumaruzinho, paracari, trevo do Pará, trevo cumaru	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	-Folhas	-Infecção da garganta -Dor de ouvido -Dor de ouvido -Reumatismo -Dor de urina, dor de cabeça -Baques -Boa sorte e tirar mau-olhado e panemeira -Gripe, problema de garganta	-Tintura passar no local -Gargarejo -Tomar o sumo das folhas misturado com mel de abelhas -Colocar 2 gotas do sumo no ouvido doente -Pingar o sumo no ouvido -Tintura passar no local -Compressa com folhas amassadas -Chá -Emplasto com as folhas amassadas mais andiroba e folha de pimenta malagueta -Banho serenado do preparado destas com mais as de alfavacão, pimenta malagueta e japana -Xarope -Chá -Lavagem (chá) -Chá -Chá -Banhar a cabeça com o chá -Passar no local -Chá das sementes secas	Ext Int Int Ext Ext Ext Int Ext Outro Int Int
Urtiga, urtiga de folha grande	<i>Fleurya aestuans</i> (L.) Gaudich.	-Folhas	-Ferimentos com pús -Diurético, provocar suor -Eliminar catarros, cólicas menstruais, gastrite -Caspa -Erisipela -Pressão alta, calmante, expulsar catarro, problemas do coração, bronquite, envenenamento por		Ext Int Int Ext Ext Ext
Urucú, urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	-Leite (látex) -Sementes			Ext Ext Int

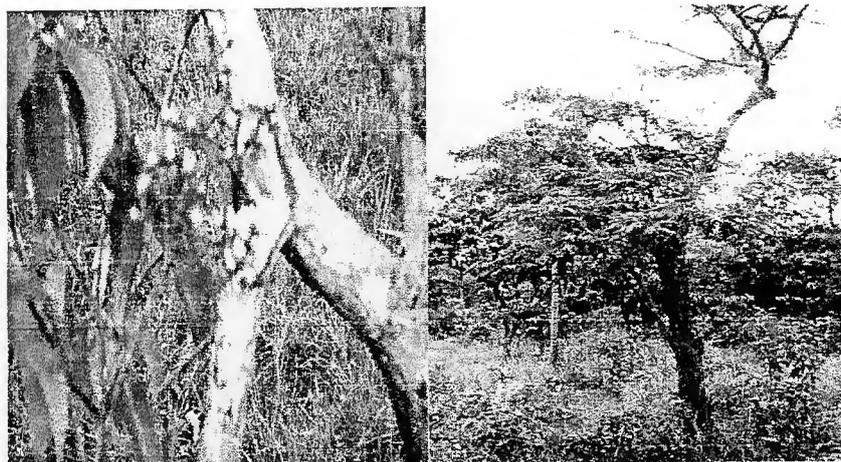
Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			mandioca		
		-Tintura das sementes	-Queimadura e assaduras	-Tirar a massa vermelha da semente e colocar no local afetado	Ext
		-Folhas	-Envenenamento por mandioca	-Tomar a tintura	Int
			-Alergia	-Banhar o corpo com o chá	Ext
			-Problemas de rins, estômago, prisão de ventre, digestivo, faringite	-Chá	Int
		-Raiz	-Cicatrizante de feridas	-Fazer emplasto com o materialmacerado	Ext
			-Cicatrizante	-Emplasto com a raiz macerada	Ext
		-Casca	-Lavagem de feridas	-Lavagem com o chá morno	Ext
			-Anemia, problemas de rins, tosse	-Chá	Int
Urupuca=urubucaá	<i>Aristolochia trilobata</i> L.	-Raiz	-Baixar febre, excitante sexual	-Chá	Int
			-Cicatrizante de feridas crônicas	-Emplasto com o material macerado	Ext
		-Folhas	-Sarna	-Fazer lavagem com o chá morno	Ext
			-Dor de estômago	- Chá desta mais o boldo	Int
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	-Planta inteira	-Baixar febre, bronquite, expectorante para catarro do pulmão, falta de sono, menstruação irregular, hemorróidas, vômito, inflamação em geral	-Chá	Int
			-Hemorróidas	-Fazer lavagem com o chá	Ext
				-Fazer a tintura e passar no local	Ext

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			-Erisipela	-Chá	Int
			-Espantar panemeira, quebranto, mau olhado	-Banho do chá -Fazer a benzeção -Chá, 5 x ao dia	Outro Outro
		-Folhas	-Diabetes, diarreia	-Sumo passado no local	Int
		-Raízes	-Problemas de pele	-Emplasto -Chá	Ext Ext
			-Diurético, problemas de rins, asma	-Lavagem vaginal	Int
			-Flores brancas	-Chá com a raiz triturada, depois de frio colocar para serenar durante 5 dias	Ext
			-Sífilis		Int
Vendicá, vindica	<i>Renalmia guianensis</i> Maas	-Folhas	-Calmante, dor de cabeça, nervosismo, inchaço do corpo, falta de ar	-Chá	Int
			-Tirar panemeira, trazer sorte no amor e na profissão	-Banho	Outro
			-Dor de cabeça, nervosismo	-Banho	Ext
		-Flor	-Coração	-Fazer o chá de 1 cacho em 1 litro de água e beber 4 xícaras por dia -Chá	Int
			-Afugentar vermes, dor de barriga e estômago, prisão de ventre		Int
Verônica	<i>Dalbergia monetaria</i> L. f.	-Casca do caule	-Problemas pulmonares e fígado, catarros crônicos, bronquites, pedra nos rins, diarreia, inflamações em geral, anemia	-Chá	Int
			-Asseio vaginais	-Lavagem de asseio	Ext
			-Inflamação do útero	-Chá desta + pariri	Int

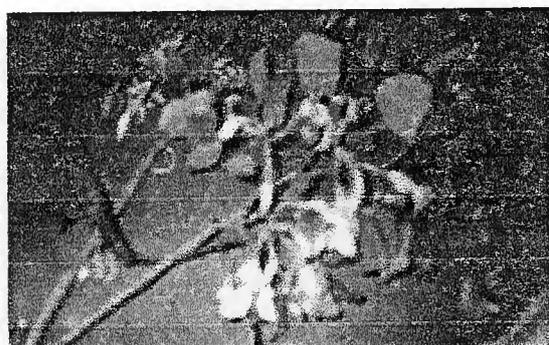
Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
				-Lavagem de asseio vaginal	Ext
			-Corrimento de mulher	-Chá desta + barbatimão	Int
			-Úlcera, gastrite	-Lavagem com chá	Ext
			-Pano branco e impigem	-Emplasto com material macerado	Ext
			-Limpeza de feridas	-Lavagem com chá morno	Ext
		-Flores e caule	-Aftas e amígdalite	-Gargarejos	Int
			-Ferimentos (limpeza)	-Lavagem com chá morno	Ext
			-Ferimentos (cicatrizante)	-Emplasto com o material macerado	Ext
			-Queimaduras	-Compressas	Ext
Vick	<i>Mentha spicata</i> L.	-Folhas	-Gripe e resfriados, asma, cansaço no peito, catarro preso	-Chá adoçado com mel	Int
			-Gripe, resfriado, asma	-Fazer inalação	Ext
			-Dor de cabeça		
		-Brotos	-Cólica menstrual	-Banho com chá desta + alfavaca, catinga de mulata e pião roxo	Ext
				-Chá	Int
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	-Folhas	-Diurético, escorbuto, dores em geral, febres	-Chá	Int
			-Queimaduras	-Emplasto das folhas	Ext
			-Frieira	-Fazer compressa com o sumo das folhas aquecida	Ext
			-Esipla	-Lavar as partes afetadas com o chá	Ext
		-Raiz	-Falta de apetite, azia, má digestão,	-Chá	Int

Nome Vernacular	Nome Científico	Parte Usada	Indicação Medicinal Popular	Modo de Uso	Uso
			dor de estômago		
			-Baques	-Fazer emplasto com o material macerado	Ext
Virola, ucuúba	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	-Folha	-Inflamações	-Chá	Int
		-Seiva da casca	-Úlceras	-Tomar diluída em água	Int
		-Casca	-Cólicas do intestino, ferimentos, cicatrizar feridas, inflamação do útero	-Chá	Int
			-Cicatrizar feridas	-Emplasto com material macerado	Ext
			-Corrimento de mulher, inflamação do útero	-Lavagem	Ext

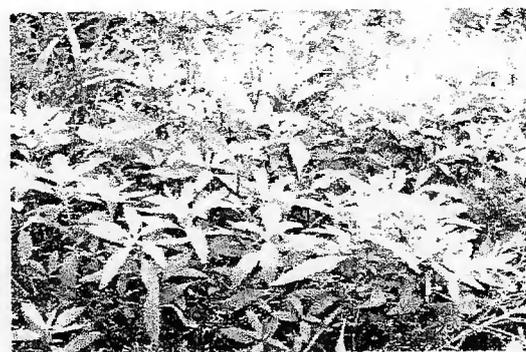
ANEXO 5



Ouratea hexasperma (A. St.-Hil.) Baill - **Barbatimão**



Bauhinia variegata L. var. *candida* Voigt.
L. **Pata de vaca**



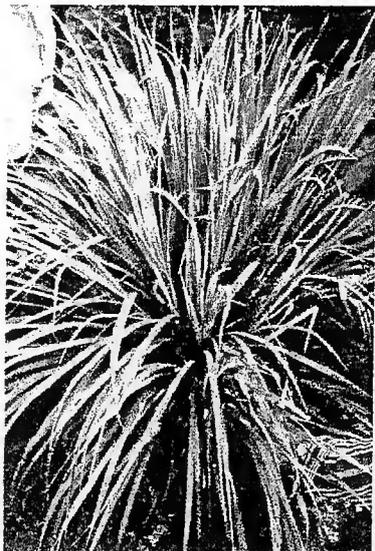
Chenopodium ambrosioides
Mastruz



Plectranthus barbatus Andrews)
Anador



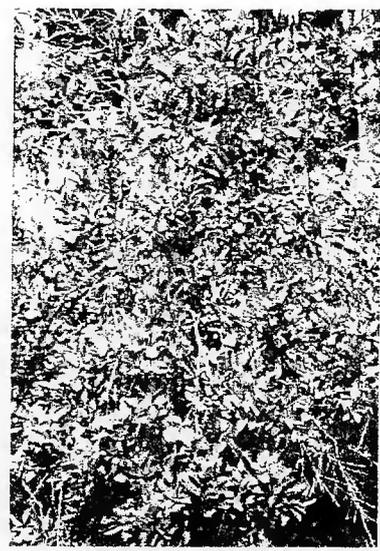
Croton cajucara Benth.
Sacaca



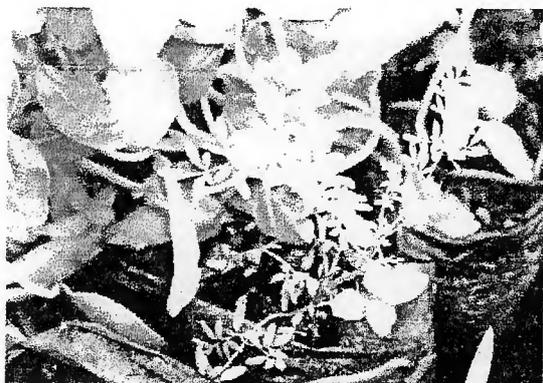
Cymbopogon citratus (DC.) Stapf
Capim santo



Carapa guianensis Aubl.
Andiroba



Citrus limonia Osbek
Limão



Aeollanthus suaveolens Mart. ex Spreng.
Catinga de mulata



Renealmia guianensis Maas
Vendicá



Bixa orellana L.
Urucum



Adenocalymna alliaceum Miers
Cipó de alho